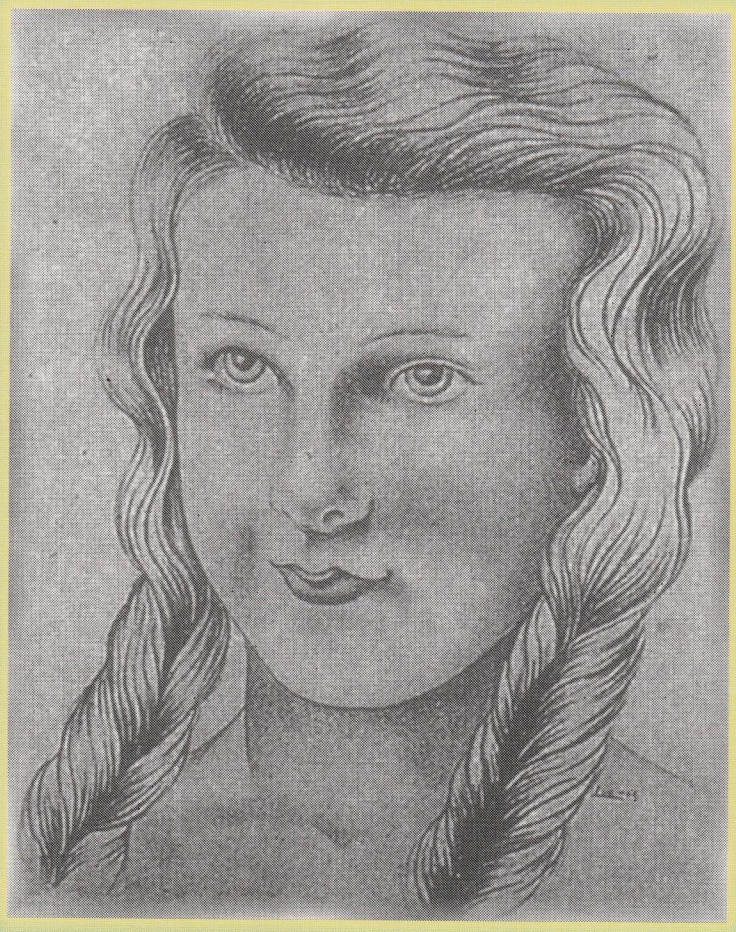
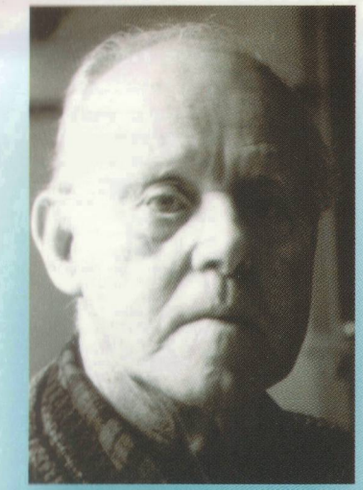
Dante Labbate



Materializações Luminosas

Leis Cósmicas em Ação



Dante Labatte nasceu em 5 de janeiro de 1928, em Tarumirim, Minas Gerais.

Aos 18 anos iniciou-se no Espiritismo, junto à Mocidade do C. E. Amor e Caridade, em Belo Horizonte. Ingressou, a convite, aos 20 anos, no então Grupo Irmã Scheilla, dessa cidade, onde testemunhou inúmeros fenômenos de efeitos físicos e de materialização, inclusive em ambientes iluminados.

Participou ativamente do movimento espírita e fraternista de Minas. Foi um dos realizadores do I Congresso de Espíritas Jovens desse estado e proponente do II Congresso de Grupos da Fraternidade, em Caratinga, no ano de 1955.

Colaborou na criação do Hospital Espírita André Luiz, da Casa do Caminho Irmão Jerry, da Casa de Saúde André Luiz e da Cidade da Fraternidade "Oscal" .

Materializações Luminosas

Leis Cósmicas em Ação

Materializações Luminosas

Leis Cósmicas em Ação

Dante Labbate

2002

2ª Edição – 2002
do 2º ao 4º milheiro

Copyright © by
Dante Labbate

Assessoria e Supervisão de Produção Gráfica
Editora Espírita Fonte Viva

Capa e Projeto Gráfico
Pedro Paulo Silva

Foto da Capa
Espírito Scheilla

Fotos
Livro *Materializações luminosas*, de R.A. Ranieri,
foram gentilmente cedidas pelo presidente da FEESP, professor Durval Ciamponi
Grupo da Fraternidade Irmã Scheilla
Arquivo do autor

Editoração Eletrônica
Bárbara Letícia Sanches de Almeida

Revisão
Jacob Melo
Fernando Hungria
Cristina da Costa Pereira

Fotolito, Impressão e Acabamento
Lis Gráfica e Editora Ltda

Dados Internacionais na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Labbate, Dante
Materializações luminosas : leis cósmicas em ação / Dante Labbate. — Belo Horizonte, MG : Fonte Viva, 2002.

1. Espiritismo 2. Materialização 3. Médiuns I. Título.

02-2780 CDD-133.92

Índices para catálogo sistemático:

1. Materializações luminosas : Espiritismo 133.92

Direitos autorais reservados ao autor, sendo que 66 % da 2ª edição serão destinados à Editora Espírita Fonte Viva para comercialização.
Rua Dona Eusébia, 100 - Bairro Providência
Cep 31.814-180 - Belo Horizonte - MG - Brasil
Tel: (31) 3433-0400

Sumário

Agradecimentos 9
Prefácio 11
Introdução 15
1 – Primeiros fenômenos de efeitos físicos 21
2 – O primeiro enfermo no grupo 23
3 – José Grosso materializa-se parcialmente 24
4 – Ênio Wendling 27
5 – O projetor de radiação 29
6 – Na cabine com José Grosso 33
7 – Jair Soares 37
8 – O espírito do médium anda na cabine 39
9 – Teste de radioatividade 44
10 – A desencarnação de José Grosso 47
11 – A materialização de Maria Alice 52
12 – Centro Espírita Oriente 58
13 – O pranto de Maria Alice 63
14 – Maria Alice 67
15 – Fábio Machado 69
16 – Perguntas a José Grosso 73
17 – Presença de André Luiz 78
18 – A caixa de chumbo 82
19 – Joseph Gleber 85
20 – Primeira reunião para crianças 90

21 – Joseph Gleber esclarece Rubens Romanelli 96
22 – Leprosário Santa Isabel 102
23 – Passeio para reabastecimento 107
24 – Psicodrama 110
25 – Visitas de Ranieri e Inacinho 116
26 – Reunião dedicada às crianças 118
27 – A nova denominação do Grupo Irmã Scheilla 122
28 – Balas luminosas 126
29 – Palminha 128
30 – Comemoração das obras da instituição Nosso Lar 130
31 – Acidente no tórax de Fábio 134
32 – Uma noite de surpresas 137
33 – Materialização na casa da enferma 139
34 – O ectoplasma 144
35 – Dois espíritos materializados 154
36 – A doutrinação de um espírito materializado 158
37 – Materialização, desmaterialização e rematerialização 164
38 – José Grosso e o processo de materialização 170
39 – A criação do Hospital André Luiz 174
40 – Doutrinação e conversão de entidade materializada 177
41 – O Estatuto do Hospital André Luiz 181
42 – Presença de Chico Xavier. César Burnier é operado 186
43 – Os espíritos nos desejam Feliz Natal 194
44 – André Luiz materializa-se e fala ao grupo 196
45 – A reencarnação de Maria Alice 199
46 – Vibração de sexualidade paralisa reunião 201
47 – A frustrada reencarnação de Maria Alice 204
48 – O tecido da roupa de Scheilla 206
49 – Orai e vigiai 209
50 – Fábio Machado muda de endereço 216
51 – Jerry Labbate 218
52 – Na Fazenda Eureka 222
53 – Os valores espirituais 225
54 – Dois casos com Fábio 229
55 – Desenganada pela medicina 233
56 – O homem de vidro 235
57 – O obsessor 238
58 – O presente 241
59 – O caso "Tão" 243
60 – Nelson de Oliveira – médium 250
61 – Fritz Schein 254
62 – Dinaura Leão – médium 259
63 – A flâmula desmaterializada e rematerializada 261
64 – Mensagem de alerta 268
65 – Organização de sessões de materialização 273
Comprovação de uma reencarnação 276
Considerações finais 278

Agradecimentos

Agradeço, de coração, a todos aqueles que me incentivaram, estimulando-me a tomar decisões para esta obra vir a lume.

De modo especial, agradeço, com muito amor, a minha querida esposa Nizi, pois sua dedicação e apoio foram fundamentais nessa realização. Aos meus filhos Márcia, Márcio, Alexsandro, Hebert e Dyelry; a minha neta Aline por sua inestimável colaboração e suporte; ao grande amigo Avêdo, entusiasmando-me a alcançar o meu objetivo; à sobrinha Fabiana Gomes, pela colaboração; à amiga Norma Hoppe, companheira de ideal, dando-me o incentivo que tanto me fortaleceu.

Agradeço fraternalmente ao Ed Soares, ter-me franqueado o arquivo do Grupo da Fraternidade Irmã Scheilla, de Belo Horizonte; ao meu querido mentor espiritual, que me inspirou neste trabalho.

Agradeço e dedico este livro ao Grupo da Fraternidade Irmã Scheilla, em cujas reuniões recebi carinho e amor que modelaram meu espírito nessa etapa reencarnatória.

Prefácio

Diz-se que para se entrar em casa de amigo não é necessário convite. Acreditando nisso, aqui estou, adentrando nesta "Casa Mediúnica" escrita (seria descrita?!) pelo meu amigo e irmão Dante.

Na verdade, fui privilegiado com o convite para opinar sobre os originais desta obra, convite esse que deve ter sido motivado pela ligação de muita amizade e respeito mútuo que nos une. E tudo isso começou à distância. Foi assim:

O grupo espírita Allan Kardec Spiritist Society, de Somerville, Ma, USA, convidou-me a ir realizar um treinamento sobre passes. O presidente da Casa era o Dante. Com alegria, acertamos a agenda e na data marcada lá estávamos. Ocorre que, adoentado, ele não pôde comparecer ao fraternal encontro. No ano seguinte, retornei àquela Casa amiga, na certeza de que iria conhecê-lo pessoalmente, mas ele ali não estava igualmente. Atendendo a compromissos, tinha seguido para participar do Congresso Espírita de Portugal.

Após meu regresso ao Brasil, recebi correspondências de amigos daquela agradável cidade e numa delas estavam acusadas as escusas do Dante pela ausência, além do reforço de que esperava meu regresso para breve.

Novo ano, nova programação de trabalhos espíritas, e pelos arredores de Boston aportávamos mais uma vez. Foi

quando nos conhecemos pessoalmente – ou teria sido um reencontro? Conversamos muito, aproximamo-nos definitivamente e entabulamos futuros encontros, tanto lá quanto aqui no Brasil.

Trocamos alguns telefonemas, retornei outra vez a Somerville e no final de 1999 ele veio passar uns dias em Natal/RN. Aqui, ele ratificou conversa anterior que tivemos acerca de um livro sobre materializações que estaria escrevendo.

O melhor veio quando os originais deste livro vieram para as minhas mãos. Confesso que, a princípio, esperava encontrar uma leitura um tanto quanto técnica e, talvez, cansativa, especialmente tomando por base as exigências peculiares ao tema e, via de regra, tão comuns, do público leitor que, não sei bem por quê, não gosta de ler sobre temas que tais. Ao contrário, surpreendi-me sobremaneira! O Dante, com seu espírito de fidelidade e honestidade, praticamente transcreveu registros sérios, graves e oficiais dos trabalhos de que teve a feliz oportunidade de participar. Só que tudo isso foi feito com leveza, graciosidade e de uma forma moderna e estimulante. E nisso está o grande valor deste livro: a forma direta, limpa e clara como tudo aconteceu – e acontece em todas reuniões sérias.

Posso assegurar que este livro não é apenas um registro histórico nem uma simples descrição de uma reunião de materialização; é toda a pujante realidade que une os mundos físico e extrafísico, é o apontamento indispensável para todos estudiosos dos efeitos físicos, é a leitura agradável e cativante que instrui e informa sobre as curas e as materializações. É um livro que enseja profundas reflexões como, por exemplo, as que envolvem as questões do silêncio, da música e das brincadeiras em meio a reuniões sérias e produtivas. Também se destacam detalhes interessantes de médiuns pouco

conhecidos, notas de Chico Xavier, verdadeiras biografias de espíritos como José Grosso, Scheilla e Joseph Gleber, e todo um mundo de informações e detalhes que só mesmo a leitura do livro poderá propiciar.

Buscando agora a cadeira da sala de estar do coração do amigo Dante, mesmo pedindo-lhe desculpas pela intromissão, quero, confortavelmente instalado no mobiliário do aprendizado que colhi neste livro, parabenizar o meu amigo Dante pelo trabalho, mas quero também parabenizar você, leitor, pois terá a oportunidade de viver, neste livro-relato, uma história rica e atualmente pouco comum, com toda sua emoção e eloqüência.

Jacob Melo
Julho de 2001

Introdução

O propósito desta obra é relatar uma série de fatos ocorridos nos trabalhos mediúnicos de materializações luminosas de espíritos, por mim presenciadas, a partir do dia 25 de agosto de 1949, no Grupo da Fraternidade Irmã Scheilla, então situado na rua Paraisópolis 658, Santa Tereza, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Falta-me, no entanto, a valiosa experiência da arte de escrever, bem como aos diletos companheiros que se propuseram a comigo colaborar, pelo que rogo a condescendência do leitor.

Neste livro, tenho a intenção de ampliar a descrição de fenômenos de materialização luminosa, alguns deles já relatados em outras publicações.

O que será narrado deverá chamar a atenção do leitor, trazendo à tona várias perguntas, dúvidas e reticências. Todavia, aqueles imbuídos de sentimento e de boa vontade, que assimilarão o conteúdo espiritual, o porquê e o processo de produção daqueles fenômenos, é que pretendemos atingir.

De antemão, penitencio-me pela narração na primeira pessoa. Não é pretensão egoística, longe disso. Desejo apenas apresentar o meu testemunho. Toquei, fui tocado, presenciei, acreditei...

Destaco o desprendimento do companheiro Jair Soares e o seu amor à Doutrina Espírita, que permitiram a

implantação e o desenvolvimento desses trabalhos mediúnicos. Jair e sua esposa dona Elvira abriram as portas de seu lar para a conexão entre o Céu e a Terra, que marcou uma época áurea no movimento espírita do Brasil.

De início, os participantes daqueles trabalhos, em número aproximado de vinte e cinco, denominaram o núcleo de Grupo Irmã Scheilla.

Desde a época de sua fundação, no ano de 1949, esse grupo recebia o importante apoio do companheiro Francisco Cândido Xavier, na época residente em Pedro Leopoldo, e notoriamente bem assistido pela espiritualidade.

Em 1950, os mentores espirituais sugeriram aos participantes a necessidade de transferir os trabalhos para local mais espaçoso, a fim de acomodar maior contingente de pessoas para receberem tratamentos de saúde. Em conseqüência, liberaria a residência do casal amigo dos naturais transtornos e possíveis contaminações fluídicas.

Com essa finalidade foi alugada uma propriedade na praça do Cruzeiro 127, no final da avenida Afonso Pena, na capital mineira. Posteriormente o grupo mudou-se para a rua Aquiles Lobo 52, onde continua até hoje.

Os fatos descritos neste livro estão apoiados nas atas das sessões de materializações, cuja síntese amplio pelas lembranças das ocorrências por mim testemunhadas.

Tudo começou quando, no início de 1949, Jair Soares convidou alguns companheiros a se reunir para práticas de efeitos físicos visando aos futuros trabalhos de materialização. Ele e o confrade Ênio Wendling demonstraram possuir faculdades medianímicas específicas, confirmadas por espíritos que mais tarde viriam a ser os mentores daquelas reuniões.

O grupo era assistido pelos amigos do plano espiritual que se comunicavam no Centro Espírita Oriente, na rua

Aquiles Lobo 52, por intermédio da psicofonia e da psicografia. Não participei do início dessas reuniões, em razão de freqüentar a Mocidade Espírita Bezerra de Menezes, do Centro Espírita Amor e Caridade.

Minha participação aconteceu inesperadamente em agosto de 1949 quando, pela primeira vez, fui assistir a uma sessão mediúnica no Centro Espírita Oriente. Nessa reunião, o companheiro espiritual se comunicou com o dirigente Jair, através de um médium audiente, por mim desconhecido. Esse médium chamava-se Ênio Wendling. A mensagem dizia que eu deveria participar dos trabalhos de materialização que se iniciavam no Grupo Irmã Scheilla.

Precedendo esse fato, no dia 10 de fevereiro de 1949, houve um acontecimento interessante. Embora eu não o tenha presenciado, foi-me relatado posteriormente e confirmado por Célio Allan Kardec de Oliveira em seu livro *Movimentos da fraternidade*, editado em 1998. Por gentileza do autor foi-me concedida a oportunidade de aqui mencionar este episódio.

Chegou inesperadamente à casa de Jair Soares, o médium Francisco Peixoto Lins – o Peixotinho –, acompanhado de duas pessoas. Solicitava hospedagem por uma noite, posto que estavam em trânsito para a cidade de Pedro Leopoldo, em visita a Chico Xavier.

Peixotinho era médium de materialização do Grupo André Luiz, do Rio de Janeiro. Deu-se à liberdade de procurar aquele lar para se hospedar, creditando confiança à afirmação do confrade Rafael Américo Ranieri, de que o lar da família Soares era uma autêntica "pensão da fraternidade"...

No dia seguinte, ao desjejum, conversavam Jair e os visitantes. A esposa do anfitrião, dona Elvira, preparava o café e a mesa. Peixotinho, vidente, acompanhava os movimentos da senhora com ares de desolação e pena. Ao perceber tal postura, Jair interrogou o motivo.

— Ah! Agora percebo o porquê da nossa presença aqui – respondeu. Visitar o Chico foi mero pretexto da espiritualidade para que viéssemos à sua casa. Vejo o nobre Espírito Scheilla, com o rosto junto ao de sua companheira, a dizer-me: "Esta irmã é muita querida do meu coração. Precisa de tratamento e Jesus vai permitir que a curemos." Scheilla pede-me para não irmos hoje a Pedro Leopoldo e, sim, realizarmos uma reunião mediúnica em favor da enfermada.

A notícia sensibilizou profundamente o casal Soares, pois ninguém havia, até então, colocado os hóspedes ao corrente do doloroso drama familiar. Dona Elvira encontrava-se vitimada pelo câncer e desenganada pelos médicos, sujeita a desencarnar em breve.

Assim, no dia 11 de fevereiro, realizou-se naquela residência, reunião de ectoplasmia com obtenção de notáveis fenômenos de efeitos físicos. No dia seguinte, ainda por orientação do Espírito Scheilla, foi promovida outra sessão, desta vez em Pedro Leopoldo, na casa de Rômulo Joviano, com a presença de Chico Xavier.

Reuniões sucederam-se nos dias 13 e 14 subseqüentes, na residência de Jair. Os assistentes extasiaram-se com a materialização de espíritos completamente iluminados, à feição de sóis radiantes, fenômeno comparável aos acontecimentos do monte Tabor, narrados nos Evangelhos, quando da transfiguração de Jesus e das materializações luminosas de Elias e Moisés diante dos humílimos discípulos Pedro, Tiago e João.

Teria sido casualidade o triângulo formado por Peixotinho, Chico Xavier e a espiritualidade? Como entender a cura de Ló – apelido de dona Elvira – além dos limites e domínios da medicina terrena? Não estaria brotando algo dos céus, induzindo o homem ao retorno às origens, para vivenciar a fraternidade?

O tempo dirá.

Dona Elvira viveu ainda por 22 anos sem os sofrimentos da insidiosa moléstia. Ainda hoje, seus familiares residem na mesma casa. No primeiro andar funciona o Grupo da Fraternidade Irmã Ló, fundado em 1983, dedicado aos serviços de benemerência, estudos doutrinários e à educação mediúnica.

Os fatos que descreverei são notáveis no campo das materializações luminosas. Ao lê-los o leitor encontrará elementos comprobatórios e irrefutáveis da realidade desses fenômenos; ao folhear estas páginas estará vivendo momentos de substancial aprendizado.

Curvo-me perante a Bondade Divina por me conceder inspiração para a realização deste livrinho, e aos mentores espirituais pelo estímulo nos momentos em que fui assomado pelo cansaço e desânimo.

1

Primeiros Fenômenos de Efeitos Físicos
Ênio Wendling e Fábio Machado

02/07/1949

Buscando unir os registros documentais, extraídos das atas de reuniões mediúnicas, com os da memória, passarei a descrever os fenômenos ocorridos a partir da primeira reunião de que participei, além dos que eventualmente podem não ter sido mencionados nas atas, em razão da necessidade de síntese em sua redação.

As reuniões no Grupo Irmã Scheilla se processavam às terças-feiras, quintas-feiras e sábados. Nelas, o médium Jair Soares dedicava-se à educação mediúnica para a produção de materializações, e Ênio Wendling, para a de efeitos físicos em geral, e de materializações, em particular.

Participavam desses trabalhos iniciais Jair, Ló (dona Elvira), Celso de Castro, Márcio Queiroz Cattoni, João Antônio Gonçalves, Pedro Ziviani, Áurea Celeste Gonçalves, Fábio Machado e Laurita Gonçalves.

O nome dado ao Grupo Irmã Scheilla deveu-se ao fato de essa entidade vir carinhosamente manifestando-se no Centro Espírita Oriente, pela psicografia e psicofonia, trazendo mensagens confortadoras. Com ela vinham José Grosso e outros amigos espirituais. Todavia, pela afinidade com Scheilla, decidiu o grupo homenageá-la dessa forma.

Jair vinha mantendo Chico Xavier a par dessas reuniões, nas quais o médium de Pedro Leopoldo manifestava o seu

entusiasmo, fazendo-o saber das esperanças do plano espiritual no seu aprimoramento mediúnico. Chico incentivava esses companheiros dirigindo-os para objetivos nobres, não esquecendo os irmãos sofredores.

Nos primeiros dias do mês de março de 1949, Jair enviou carta a Chico e, junto, algumas quadras de José Grosso. Em 9 de março veio a resposta:

Os versos de José Grosso são maravilhosos pelo sentimento, pelo carinho e delicadeza. Deus recompense, por nós, a esse grande amigo do alto, pelo bem infinito que nos faz, e à nossa amada Scheilla, pelas pérolas de luz que nos oferece.

Hoje, quando vou aprendendo a lidar com um corpo mais pesado e abatido, tenho a convicção de que, na mocidade, o amor é uma espécie de flor, oferecendo perfume violento e embriagante, mas, à medida que o tempo avança, as sensações terrestres vão se apagando e o amor se converte no fruto sublime que podemos repartir, sempre, uns com os outros, num milagre de multiplicação só comparável ao de Jesus, estendendo o pão de eterna bondade aos sedentos de luz. Quanta alegria poder descobrir a família da eternidade!

Desde que fui ficando mais só, sob o ponto de vista humano, o Senhor da Vida tem me ajudado de mil modos, incitando-me a apoiar-me em vocês todos, os meus amados amigos, para que não me faltasse o estímulo e a esperança.

Do irmão menor,
Chico.

2

O Primeiro Enfermo no Grupo

09/08/1949

Nessa reunião, compareceu, pela primeira vez, Teófilo Calil, residente em Teixeiras, Minas Gerais. Sofria de muitas dores em virtude de câncer interno na face e vinha recebendo aplicações de radium pelo médico Cartéia Prado. Por intermédio de Chico, Teófilo foi aconselhado a buscar tratamento no Grupo Irmã Scheilla, sem interromper, contudo, a orientação médica.

O dr. Cartéia Prado foi um dos pioneiros no Brasil, se não o primeiro, a obter nos Estados Unidos partículas radioativas para tratamento do câncer.

Iniciada a reunião, com a presença do médium Fábio Machado, um espírito informou, por voz direta, não haver possibilidade de tratamento do enfermo naquela noite, em virtude de terem sido constatadas emissões de vibrações negativas, principalmente de curiosidade, entre os assistentes. Isso determinou o encerramento dos trabalhos. O tratamento de Teófilo prosseguiria nas próximas reuniões.

3

José Grosso Materializa-se Parcialmente

25/08/1949

Esta reunião marcou o início da minha participação no Grupo Irmã Scheilla.

A partir de fevereiro de 1949, quando Peixotinho esteve em casa dos Soares, até o mês de julho daquele ano, as reuniões resumiam-se na educação mediúnica de ectoplasmia de Ênio Wendling.

Até então, ainda não se produziam materializações. Somente com a chegada de Fábio Machado elas tiveram início. Por seu intermédio, José Grosso já conseguia manipular o ectoplasma.

Considero de grande importância a data de 25 de agosto de 1949 ser o marco histórico da primeira materialização, embora não completa, em nosso grupo. Estavam presentes os médiuns Fábio Machado e Ênio Wendling, os assistentes Jair Soares – dirigente da reunião, Elvira de Barros, João Gonçalves, Áurea Gonçalves, Laurita Gonçalves, Gilberto Rubens Gonçalves, Bertolino, Maria Wendling, Marli Calil, Ed Soares, Edgard Soares, Elci Soares, o enfermo Teófilo Calil e eu.

Após a prece inicial, Fábio, sob fenômeno de efeito físico, foi transportado pelos espíritos para a cabine e sentado em uma cadeira. Antes, duas pedras de cristal, facetadas por lapidação natural, foram lançadas no ambiente. Lindas pedras, do tamanho de ovo de pata.

Ouvimos a voz de José Grosso, sempre divertido, fazendo troça com João a respeito da reunião por este dirigida no dia anterior, no Centro Espírita Oriente. Jair contou-nos de sua admiração com uma mensagem recebida de José Grosso naquele centro. Era um bilhete para João, escrito de trás para frente.

José Grosso dirigiu-se a Ló indagando se ainda queria uma pedra igual à lançada na sala. Ela havia-lhe pedido em pensamento, conforme viemos a saber.

— Quer uma pedra grande, Ló? – perguntou, pedindo-nos concentração. A seguir, disse:

— Aqui está. Posso jogá-la aí?

— Sim – interveio Jair.

Imediatamente, a pedra foi jogada na sala e, pelo barulho, supomos ser bem grande. Essa pedra se encontra em poder do grupo. Logo depois, dirigiu-se a mim:

— Dante, você está muito calado. O que houve?

Não lhe respondi. Faltava-me a voz. Tremia...

José Grosso, sempre a sorrir, conduzia a reunião procurando descontrair todos para atingir a sua finalidade. Preparava-nos para um trabalho maior.

Respondendo a uma pergunta de Jair, o companheiro espiritual esclareceu que estava se comunicando sem a participação do médium Fábio. Ênio, por sua vez, só conseguia doar ectoplasma suficiente para materializar as mãos.

Jair insistiu:

— E para materializar o corpo todo?

— São necessários fluidos de todos vocês, mas ainda não os há em quantidade suficiente – respondeu.

Dei-me conta de o quanto é necessária uma boa assistência vibratória.

Como ainda não havia produzido a materialização completa, José Grosso continuava a falar aos presentes. Foi à

copa, que servia de cabine para o médium Ênio, e abriu a torneira. Depois, quis descerrar a porta do quarto de banho, mas voltou apressado, avisando que lá havia uma lâmpada acesa. Alertou-nos:

— A luz é perigosa tanto para o espírito materializado como para o médium!

Em seguida, foi à cozinha e mexeu em diversos objetos. Deu alguns nós na cortina que separava a cabine do ambiente onde estava o segundo médium. José Grosso disse que Jair teria muito trabalho para desatar os nós e que Scheilla ria de suas brincadeiras, necessárias para descontrair e condicionar os componentes do grupo a nada temerem, familiarizando-os com os trabalhos. Afinal, era a primeira vez que estávamos vendo espíritos...

Logo depois, ouvimos uma voz infantil conhecida. Era o Espírito Fidelinho materializando-se pela primeira vez. Ele se comunicava no Centro Espírita Oriente, por psicofonia. Desencarnara criança e, amparado pelos mentores espirituais, ali estava aprendendo a modelar uma garganta com ectoplasma, para participar de futuros trabalhos.

Até aquela data, somente José Grosso vinha realizando no grupo experiências de materialização e de preparação do ambiente. A partir de então, começaram a surgir outras entidades trazidas por ele para participar de trabalhos de materializações, de efeitos físicos, direcionados para futuros tratamentos de saúde e de obras assistenciais.

Todos conforme os objetivos do plano espiritual, tendo como mentores os Espíritos André Luiz e Scheilla – esta, responsável pelos trabalhos de materialização.

4

Ênio Wendling

Nasceu em 24 de maio de 1926, em São Bernardo do Campo, São Paulo.

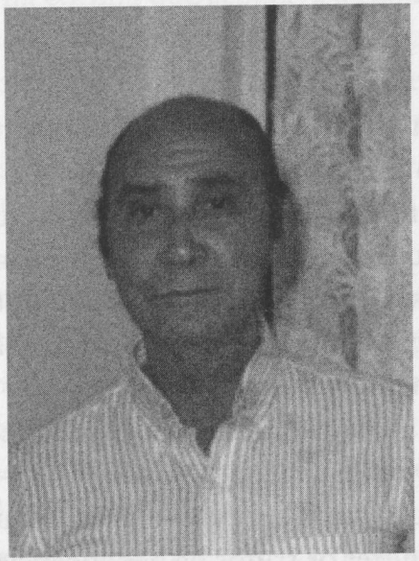
Falar sobre este personagem é algo que faz brotar o entusiasmo de quantos conviveram com ele no Grupo Irmã Scheilla, na satisfação do trabalho em conjunto.

A dedicação como médium de ectoplasmia exprimia seu amor aos mentores espirituais.

Falar de alguém encarnado é por demais delicado. Porém, baseado na máxima do Mestre Jesus – "Conhece-se a árvore pelos seus frutos" –, faço-o despreocupado. Ênio é a árvore a nos fornecer os frutos da beneficência. Desvinculado há mais de trinta anos dos trabalhos mediúnicos do Grupo da Fraternidade Irmã Scheilla, reuniu-se com outros trabalhadores, fundando a Fraternidade Espírita Irmão Glacus, instituição de amparo, proporcionando quase uma centena de frentes de trabalho, no bairro Padre Eustáquio, em Belo Horizonte, onde vem desenvolvendo até hoje a assistência fraterna e amorosa.

Esta 'árvore' conduz as atividades do grupo, produz frutos sazonados de amor e de esperança para quantos aportam àquela instituição de amparo.

Roguemos a Jesus seja este tarefeiro sempre abençoado no seu esforço e boa vontade.



Ênio Wendling

5

O Projetor de Radiação

30/08/1949

Esta reunião destinou-se à continuação do tratamento de Teófilo Calil.

Dona Elvira fez a prece inicial. Presentes, cinco assistentes e os médiuns Fábio e Jair.

Fábio foi transportado pelos espíritos para a cabine, isolado por uma segunda cortina da antecabine, onde estava o médium Jair. Em seguida, ouviu-se a voz forte de José Grosso, alegre, falando de sua satisfação em podermos avistar luz no ambiente, trazida pelo plano espiritual. Abriu a cortina e exibiu um foco luminoso em sua mão.

— É um projetor de radiações. Está ligado a um aparelho não visível a vocês, mas que se encontra no ambiente – esclareceu.

José Grosso dirigiu a luz em todas as direções. Os assistentes surpreenderam-se. Em seguida, foi à cabine onde Jair permanecia sobre o leito, em processo educativo da mediunidade, e disse-lhe:

— Vire para o canto e procure ficar quieto, nada de se mexer.

Voltou à sala e brincou com a assistência. A luz permanecia acesa e ele a aplicava no médium Márcio Cattoni. Retornou para onde estava Jair, que lhe indagou:

— Por que Scheilla não se materializa?

— Por enquanto, não. Ela sofreria muito. No momento, isso só é possível para mim, que sou 'casca grossa'. Avisou que iria aplicar-lhe também radiações para auxiliar o seu desenvolvimento. Essa aplicação foi feita no dorso de Jair, que sentiu um caricioso roçar.

José Grosso chamou o Espírito Garcez, trabalhador do Grupo André Luiz, do Rio de Janeiro, e pediu-lhe para visualizar determinada região do corpo de Jair, direcionar-lhe o projetor de radiações e ligar a máquina que o acionaria. Ouviu-se com grande intensidade o barulho da máquina em funcionamento. Jair começava a ser preparado para o exercício da mediunidade de ectoplasmia.

Presume-se que Garcez tenha dirigido o aparelho para a glândula pineal que, segundo os espíritos, é a glândula da vida mental e tem importante papel no fenômeno mediúnico.

Conforme a ciência acadêmica, essa glândula também controla a sexualidade na idade infantil. Depois, essa função decresce e quase desaparece para que as glândulas genitais a sucedam.

José Grosso voltou à sala, saudou João Gonçalves e entregou-lhe o projetor de radiação. Disse que a energia provinha de um aparelho muito complexo que estava sob a responsabilidade do Espírito Garcez. O conjunto iluminava os espíritos materializados e era movido pela projeção mental dos assistentes.

Voltou à cabine e repetiu a aplicação de radiação em Jair, desta vez, no tórax e na cabeça. Perguntou se os olhos lhe doíam. Como foi negativa a resposta, concluiu que estava tudo bem.

João Gonçalves disse a José Grosso saber que ele tinha sido 'doutor'. O espírito, divertindo-se com o título, fez engraçadas brincadeiras a respeito. Em voz chistosa, dizia:

— Agora eu sou o dr. José Grosso, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com 50 anos de

prática, especialista em homeopatia e também perito em desencarnação...

Voltando-se para João Gonçalves, perguntou:

— A propósito, quer tratar da sua, desde já?

— Não, não!

Diante da resposta assustada de João, os assistentes riram muito. Continuou:

— Vou colocar um letreiro luminoso na porta do meu quarto escrito "Dr. José Grosso." Não tenho dúvida de que ao lê-lo a irmã Veneranda dirá: "Dr. José Grosso, trate de pegar a vassoura e fazer a faxina!"

Lamentávamos não termos, até então, um gravador de som. Impossível descrever esse espírito brilhante, de imaginação vivaz, fino humor e tantas outras qualidades.

Perguntou a Jair qual a forma de sua preferência para desencarnar. Jair respondeu:

— Prefiro ir nos braços do amigo 'dr.' José Grosso.

— Oh, não! Será muita humilhação para o 'dr.' José Grosso chegar em Nosso Lar com tal carga – respondeu sorrindo.

Novamente os assistentes gargalharam. José Grosso conduzia todos à descontração, uma vez que já se havia estabelecido a confiança entre os membros do grupo, embora ainda houvesse algum receio quanto aos fenômenos, inéditos para nós.

Num copo com água, colocado previamente sobre a mesa de medicamentos, José Grosso preparou uma poção para Teófilo e Jair. A moléstia em Teófilo estava muito avançada. Com o tratamento – esclareceu – as dores seriam aliviadas. Manifestou vaga esperança de estabilização da doença com um "confiemos em Deus".

O espírito amigo dirigiu-se ao piano e demonstrou muita facilidade na execução. Os médiuns ali presentes não tinham nenhuma habilidade para o instrumento.

Voltou a fazer aplicação em Jair com o aparelho por nós chamado de "pipeta luminosa". Avisou tão logo Jair atingisse o estado de inconsciência, Scheilla iria materializar-se.

José Grosso disse que iria silenciar-se após a próxima reunião. Segundo ele, a sua decisão visava possibilitar o trabalho de outros companheiros da espiritualidade. Julgava monopolizar os fluidos com sua presença.

Houve protestos, pois ele já havia conquistado todos com o seu carinho. Diante das manifestações, decidiu, então, falar em reuniões alternadas.

José Grosso orientou Jair para, ao acordar Fábio, o fizesse lentamente. Este, acostumado a sentir mal-estar ao fim das reuniões, nada sentiria doravante, pois o novo aparelho emprestado para uso nos trabalhos era mais eficiente. Por intermédio de uma entidade espiritual, soubemos que a máquina filtrava os fluidos ectoplásmicos quando do retorno para o médium. Fábio não mais sentiu qualquer desconforto.

Passava de meia-noite quando a reunião foi encerrada. Prece final. Acesas as luzes, deparamos com diversos objetos da sala dispostos em lugares diferentes.

A poção medicamentosa preparada foi ingerida por Teófilo e Jair. Este declarou que o sabor tinha um amargo horrível...

6

Na Cabine com José Grosso

Presentes Jair, Ló, Fábio, João, Laurita, Márcio, Ênio e Maria Wendling, Alberto e Nair Mizhai, Irene Castilho, Lucília e Doroty Cavalcanti, Merlin Calil, Bertolino, Ed, Aurinha, Gilberto Rubens Gonçalves, José Gonçalves Moreira, Maria Angelina Roteia, Maria Roteia Filha, Elci e eu.

Às 20 horas, iniciou-se a reunião com prece do diretor Jair. A seguir, o coral feminino passou a entoar hinos. Fábio foi transportado para a cabine. Ênio já se encontrava em seu lugar, na antecabine.

Após a preparação surgiu uma luz no ambiente a movimentar-se em frente à cortina. Ouviu-se a voz de José Grosso conversando e encantando todos. Dirigiu-se a Jair, mostrou seu cartão de visitas recém-impresso. Nele lia-se em letras luminosas: "José Grosso – Médico especialista", continuando a brincadeira iniciada na reunião anterior, entre risos da assistência. Jair exibiu para todos o cartão de visitas. José Grosso entregou-lhe um pequeno vidro transparente e retangular, pedindo-lhe para ler o texto do cartão através do vidro. Como Jair nada viu, o espírito esclareceu que aquele vidro tornava invisíveis as letras luminosas. O vidro foi guardado por Jair.

Uma pedra foi atirada no ambiente e a presenteamos a Ênio ao final da reunião. Era de cristal, como as anteriores, lapidada naturalmente.

José Grosso acionou a vitrola, colocou vários discos e a levitou, fazendo-a vir ao meio da sala. Ao mesmo tempo, deu o máximo de corda para que a reprodução da música demorasse a terminar. Quase chegando ao fim do disco, simulou preocupar-se, alegando jocosamente que se a música fosse interrompida a vitrola cairia ao chão, o que seria um desastre...

Novamente voltou a brincar com todos e a responder às perguntas. José Grosso colocou a mão sobre meu ombro e perguntou-me:

— Está com medo?

— Não – respondi.

— Quer ir à cabine do médium?

— Sim.

Levantei-me. Segurou-me o braço direito e, com a mão esquerda no meu ombro, dirigiu-me carinhosamente para a cabine de Ênio. O espírito, materializado por intermédio do médium Fábio, mantinha em sua mão direita a pipeta luminosa. Enquanto eu estava sendo conduzido, notei que José Grosso era muito mais alto do que eu e os médiuns na cabine.

Era a terceira vez que assistia à materialização de José Grosso. Foi uma experiência concreta, suficiente para comprovar testemunhos de terceiros e publicações a respeito. Nessa reunião, a confirmação do fenômeno foi total e definitiva para mim, embora dela já não mais necessitasse.

Na cabine, aproximei-me de Ênio e perguntei à entidade:

— Posso tocar o braço do médium?

— Não. Espere.

Passados alguns segundos, autorizou:

— Pode tocá-lo.

Segurei o braço de Ênio e o suspendi. Qual foi a minha surpresa! Estava flácido, sem ossos, inconsistente como uma pasta. Soltei-o imediatamente e José Grosso sorriu. Iniciou uma longa conversa comigo. Exaltou os trabalhos em

desenvolvimento no grupo e disse que por muito tempo eu participaria dessa gloriosa tarefa com Jesus. Incentivou-me com palavras de carinho e concluiu:

— Nós estaremos juntos nesse trabalho.

Conduziu-me novamente para o salão. Aquilo tudo me emocionara. A reunião finalizava e eu me sentia tomado de grande carinho pela entidade. Implodia no meu peito a força de um sentimento que a ele me unia. Lágrimas brotaram nos meus olhos. Descobri que o amava. Amor do passado?...

Passava das 23 horas quando a prece final nos silenciou.

Oito dias após, no Centro Espírita Oriente, Scheilla enviou para Jair, através da psicografia de Fábio, uma bela mensagem:

Irmão Jair,

Jesus conosco!

Conforme já percebes, graças a Deus, os nossos trabalhos se ritmam em tom de amor, de cooperação e de paz! Com o auxílio do nosso querido José Grosso e de todos os demais do grupo, nos propusemos a dar o primeiro passo para a conquista do almejado!

Os fenômenos psíquicos que ocorrem em nossas reuniões nos demonstram os primeiros frutos de um esforço, o primeiro pagamento pelos sofrimentos e pela resignação de muitos! Mas, embora tenhamos feito muito, os nossos trabalhos unicamente iniciam a sua rota, porque fenômenos não representam o nosso intento e porque, felizmente, já procuramos despertar para as promessas do nosso Mestre!

Os trabalhos do irmão José Grosso foram prolongados por mais uma semana porque ontem notamos ainda, em nosso meio, resquícios de medo, pelo contacto entre vivos e supostos mortos!

Portanto, retardando o nosso serviço, conseguiremos ser agraciados com a voz amorosa do nosso José e do Antônio (Palminha), para depois irmos ao encalço dos nossos propósitos.

Scheilla

7

Jair Soares

Foi, para mim, um amigo no sentimento e um mestre no intelecto. Seu lar era a extensão do meu, no interior de Minas. Convivi com Jair, hospedado por ele e sua família, por seis meses, usufruindo amabilidades semelhantes à dos meus consangüíneos.

Dona Ló, sua esposa, eu a via como anjo tutelar do marido e dos filhos. Com zelo e candura mantinha a casa em constante harmonia. Seus filhos – Elci, Ed, Edgard e Vilma.

Jair era essencialmente honesto, disciplinado, decidido, respeitoso. Causava-me grande admiração e influenciou bastante o meu caráter e personalidade para sempre.

O Grupo Irmã Scheilla representava para ele valioso fruto do seu amor. Era um determinado participante dos trabalhos e obediente às diretrizes do plano espiritual.

Às vezes, os componentes do grupo diziam ser ele muito rígido, mas apenas não permitia a transgressão das normas. A disciplina nem sempre agrada a todos, contudo, é uma das grandes virtudes, especialmente nas tarefas mediúnicas.

Dentro desses critérios e da habilidade que ele bem sabia utilizar, o Grupo Irmã Scheilla cresceu em quantidade e qualidade, com bons resultados. Sob seu comando disciplinado e afetuoso para com os companheiros e com os irmãos espirituais, todos trabalhavam com entusiasmo.

Fato interessante que deve ter consolidado os valores éticos desse bom amigo fiel a Jesus e à Doutrina dos Espíritos, foi-nos revelado por entidades que trabalhavam com o Grupo Scheilla. Segundo elas, o Jair de então era a reencarnação do príncipe e primeiro-ministro alemão, Otto von Bismarck, que viveu de 1815 a 1898. Considerado uma grande eminência por seus talentos e poder político, era denominado "Chanceler de Ferro".

Esta revelação deixou-nos surpresos.

Por incrível que pareça, Jair apresentava traços fisionômicos parecidos com os desse personagem...

Em uma reunião de materialização no Grupo Scheilla, José Grosso e Palminha contaram-nos que, trazido por um mentor espiritual, estava presente um espírito que convivera com Bismarck naquela existência, desejoso de revê-lo agora na carne. Ao olhar para Jair e sintonizar suas vibrações com as dele, o visitante exclamou surpreso:

— Coitado! Bismarck não é nada agora!

Palminha e José Grosso riram gostosamente e Jair os acompanhou na gargalhada.

Obreiro da melhor boa vontade, integrado aos companheiros do movimento fraternista, Jair, além do Grupo Irmã Scheilla, empenhou-se decisivamente na formação de diversas instituições espíritas. Entre elas, o Hospital Espírita André Luiz, no bairro Sagrada Família, em Belo Horizonte; a Cidade da Fraternidade, na Chapada dos Veadeiros, no município de Alto Paraíso, em Goiás; a Casa do Caminho Irmão Jerry, no bairro Floresta e a Casa Espírita André Luiz, no bairro Salgado Filho, ambos em Belo Horizonte. Por último, depois da desencarnação de sua esposa, instalou na residência um núcleo de trabalho assistencial, denominando-o Grupo da Fraternidade Irmã Ló.

Tendo vivido de 27 de janeiro de 1910 a 3 de agosto de 1992, esse saudoso amigo dedicou a maior parte de sua existência ao serviço na seara do Mestre.

Jair Soares

8

O Espírito do Médium Anda na Cabine

10/09/1949

Doze éramos os assistentes na reunião em que se deu mais um tratamento em Teófilo. Proferida a prece inicial, o médium Fábio já se encontrava na cabine. A seguir, entoamos o hino "Prece". Sentimos a presença de José Grosso, em silêncio na cabine, acionando a radiola. O cômodo foi iluminado por clarões como relâmpagos. Os assistentes maravilharam-se com o fenômeno, até então inédito quanto à intensidade.

José Grosso abriu a cortina e foi à sala. Saudou-nos, dirigiu-se com carinho a Rubens Romanelli e entregou-lhe uma pedra como recordação.

Mantendo a pipeta luminosa em sua mão, avisou-nos que naquela noite teríamos um 'doutor' de verdade. Dirigiu-se ao piano, quando ouvimos um barulho vindo da cabine do médium Fábio. José Grosso rapidamente entrou e se deparou com o espírito de Fábio, em desdobramento, fazendo estripulias... Amorosamente, disse:

— Logo vi porque estou me sentindo meio fraco, "seu casca"... Está tirando os meus fluidos!

Pediu a Jair, em desenvolvimento na antecabine, para fechar os olhos, e ao Espírito Garcez que ligasse a máquina trazida pelos espíritos. Imediatamente, fortes clarões iluminaram o cômodo. Rubens Romanelli, Celso de Castro e Alberto Mizhai

viram um vulto no cômodo e supuseram ser José Grosso. Este, ouvindo o comentário, disse que nenhum deles estava certo. O vislumbrado era o espírito do médium Fábio, o "casca" (grossa) – epíteto que a entidade dava ao médium.

José Grosso ainda informou-nos que os clarões de luz foram produzidos para imobilizar o espírito de Fábio e manietá-lo ao corpo. Levou-o de volta à cabine e disse-lhe:

— Você agora vai ficar aí, quieto!

Ocorreu que José Grosso estava materializado com quase todos os fluidos de Fábio. Não havendo outro médium de ectoplasmia na reunião, o perispírito do médium apropriava-se do seu próprio fluido ectoplásmico e volitava alegremente, reduzindo assim o fornecimento desse fluido para o espírito materializado. Por isso José Grosso alegou sentir-se enfraquecido...

Acontecimento quase semelhante leva-me a recordar a médium inglesa de ectoplasmia, Madame D'Espérance. Ela narra em seu livro *No país das sombras* que o Espírito Ana palestrava materializado com os assistentes. Madame D'Espérance, desdobrada, saiu da cabine e deparou-se com Ana. Tão grande foi sua surpresa que indagou a si mesma: "Serei Ana ou Ana será eu?".

A análise desses fatos indica sem nenhuma margem de erro que se o perispírito de Fábio saísse da cabine naquele momento poderia repetir-se a mesma situação ocorrida com Madame D'Espérance.

Manifestações de igual caráter também se processaram com outros médiuns. Assistentes desconhecedores da mecânica do fenômeno atribuíam-no à mistificação, o que é incorreto.

O espírito tende a apresentar semelhanças com o seu médium habitual, porém, à constância em que as materializações vão se repetindo, diminui essa analogia. Depois de muitos meses, obtivemos tal comprovação, principalmente com Scheilla.

José Grosso despediu-se para dar oportunidade ao Espírito Palminha, aflito para materializar-se pela primeira vez no grupo.

Ouviu-se um "boa noite!... boa noite!" e fortes palmas. Palminha aplicara tapas na mesa da antecabine e foi à sala onde distribuiu mimos a torto e a direito. Às senhoras, deu muita atenção, com afagos carinhosos; aos homens, tapinhas. Transmitindo alegria e vivacidade, colocou na radiola a música Luar do Sertão.

Essa entidade recebeu o apelido de Palminha porque se comunicava apenas por palmas, sendo "boa-noite" as únicas palavras que pronunciava.

Tocou diversas músicas ao piano. Novos clarões foram vistos na cabine do médium, como se feitos por um maçarico de solda elétrica.

José Grosso voltou à sala e manipulou medicamentos para a senhora Alda, que se encontrava adoentada. A Rubens Romanelli solicitou um copo com água e nele depositou três gotas de luz da pipeta. As gotas luminosas pipocavam como pingos de água lançados em gordura quente e rodopiavam na periferia do copo, em velocidade, até serem absorvidos pela água e perderem a luminosidade. Ao segurar o copo, Rubens sentiu o calor intenso dessa radiação. O copo foi colocado sobre o piano e poucos minutos depois se repetiu a mesma manifestação. Foi um espetáculo radiante à vista de todos.

José Grosso disse ter chegado a vez de um médico se apresentar e retornou à cabine.

Uma entidade com forte sotaque alemão cumprimentou os presentes. Dirigiu-se a Jair e avisou que lhe iria fazer aplicações terapêuticas. A entidade calçou as luvas e por alguns segundos dispôs as mãos abertas sobre o rosto desse dirigente, fez uma incisão na altura da primeira costela do lado esquerdo

e ao terminar disse-lhe para não se movimentar. Colocou água num copo e aplicou-lhe a pipeta.

Ouviu-se o barulho da máquina funcionando na cabine. Jair sentiu o copo esquentar, com maior intensidade no dedo polegar. Informou o fato à entidade que esclareceu ser devido à emissão de radiação, por sinal, benigna. Finalizado o tratamento, indicou ao atendido o modo de usar o preparado: duas gotas em um copo de leite, à noite. Caso houvesse reação, como febre ou dores, o uso da medicação seria suspenso.

Jair perguntou-lhe o nome. Respondeu ter conhecido Scheilla, sendo natural do mesmo país e cidade, e que também havia desencarnado durante a Segunda Guerra Mundial. Declarou ser a primeira vez a trabalhar sob tais condições, entre os encarnados.

Encaminhou-se para a sala, fez aplicações com a pipeta em dois assistentes, um deles Teófilo Calil, ofertando-lhe palavras de incentivo. Depois se retirou em direção à cabine.

José Grosso voltou à sala e referiu-se àquele espírito:

— Esse é doutor de verdade!

Porém, não nos revelou o seu nome.

Sorridente, disse-nos ser possível ouvir a voz de Scheilla pela primeira vez.

Voltando à cabine, em silêncio colocava a radiola para funcionar. Jair dirigiu-lhe a palavra, sendo interrompido:

— Jair, agora não posso falar porque estou transferindo energias para a Scheilla.

A *Ave Maria*, de Gounod, se fez ouvir. Explosões luminosas eram vistas na cabine e no ambiente. Scheilla, finalmente materializava-se. Sua presença extasiava todos. Das suas vestes muito alvas emanavam luzes.

Scheilla dirigiu-se a Jair na antecabine. Falava muito baixo e incentivava-o com meiguice e carinho. Conversou com os

presentes e se despediu. Na cabine de Fábio eram produzidos novamente fortíssimos clarões.

O Espírito Antônio da Silva, o Palminha, apresentou-se, brincando, puxando as cadeiras de um lado para outro. Empurrou para todos os lados a cadeira onde estava sentado Márcio Cattoni e distribuiu tapinhas afetuosos à assistência.

José Grosso retornou, mostrando suas mãos iluminadas.

Naquela noite, durante a sessão, foram vistos muitos fenômenos luminosos em diversos pontos da sala, principalmente quando o médico preparava os medicamentos.

Noite de muito reconforto e alegria.

9

Teste de Radioatividade

13/09/1949

Presentes nove pessoas. Elvira de Barros dirigia a reunião. Sucedendo a prece de abertura, Celso de Castro comentou uma mensagem do livro *Agenda cristã*, de André Luiz.

Fábio entrou em transe e sob a ação de um espírito não materializado foi puxado com a cadeira para a cabine, num fenômeno de efeito físico, comum em trabalhos dessa natureza.

Quase ao término da exposição de Celso, notamos uma entidade materializando-se atrás das cortinas. Ela acionou a radiola e colocou o disco *Ave Maria*, de Gounod. Um sonoro "boa-noite" assinalava a presença de José Grosso. Pôs-se a falar à assistência e informou estar observando o detector de radioatividade Geiger-Muller, trazido pelo engenheiro Celso de Castro, diretor do Instituto de Tecnologia e Mineralogia de Minas Gerais.

José Grosso avisou-nos que seria feita uma experiência com esse aparelho. Conversou com a assistência e pediu a Celso que ligasse o detector na corrente elétrica.

Procedeu-se então à medição do nível de radioatividade emitida pela pipeta luminosa. A leitura acusou uma emissão de partículas alfa fortemente radioativa. José Grosso pediu aos presentes maior atenção naquele procedimento, o que permitiria aumentar o potencial radioativo da pipeta.

Devemos lembrar que todo processo de materialização e de efeitos físicos envolve não somente espíritos, mas corpos orgânicos e inorgânicos.

José Grosso caminhou até a antecabine, colocou o disco *Prece*, por nós cantado com a melodia da *Serenata*, de Schubert. Músicas desse teor favorecem sobremaneira as vibrações mentais de relaxamento e bem-estar.

Durante a reprodução da música, apoiada pela concentração dos presentes, as luzes vermelhas da pipeta e do contador Geiger aumentaram de intensidade e os estalos produzidos pelo aparelho tão fortes se faziam, à semelhança de centenas de grãos lançados numa chapa de metal.

Brincalhão, como sempre, José Grosso gargalhava largamente, dizendo a Celso:

— Desligue seu aparelho, pois ele não vai resistir à potência da minha pipeta!

José Grosso anunciou que receberíamos um espírito visitante – o médico Joseph Gleber. Ouvimos essas duas entidades conversando e em seguida Joseph apareceu, saudando todos. Abriu a cortina e, dirigindo-se a Teófilo, perguntou sobre seu estado de saúde. Usava luvas de borracha e trazia a mesma pipeta de José Grosso. Conversou com os presentes e perguntou a Celso se havia apreciado a experiência.

Mostrando-se conhecedor do assunto, observou de perto o contador Geiger. Respondeu às perguntas de Jair sobre consultas de saúde e solicitou a presença dos pacientes nas próximas reuniões.

A pedido de João Gonçalves, examinou-lhe os olhos. Depois, trouxe um copo com água e fez a preparação de uma medicação. Ouvia-se um ruído igual brasa se apagando na água. O copo impregnou-se de fosforescência. Solicitou a João ingerir uma gota em meio copo com água, quatro vezes ao dia. Continuando, fez aplicação terapêutica em Jair mediante

incisão na mão esquerda onde lhe foi aplicada uma injeção de éter radioativado. De acordo com Joseph, o tratamento destinava-se a produzir sono tranqüilo e favorecer o seu desenvolvimento mediúnico.

A pipeta dispunha de diversas funções curativas e suas emissões radioativas eram dosadas para cada tipo de doença.

Ao terminar a reunião, encontramos na cabine, por escrita direta, esta máxima de André Luiz:

Condições necessárias aos freqüentadores do Grupo Irmã Scheilla:

Assistir – cooperando
Pedir – fervoroso
Harmonizar – cantando
Propagar – meditando
Receber – orando
Auxiliar – vibrando
Fraternizar – amando
Palestrar – evangelizando.

André Luiz

10

A Desencarnação de José Grosso

15/09/1949

Com o avançar do tempo, os trabalhos afetos ao plano espiritual assumiam maior aprimoramento, especialmente a assistência aos irmãos necessitados de terapias.

Antes do inicio da reunião, Jair, pleno de alegria, abriu uma carta de Chico Xavier e fez a leitura:

Em 12 de setembro de 1949:

As lutas da vida podem separar temporariamente aqueles que se estimam e se irmanam nos laços do amor que o Mestre nos legou, mas, na realidade, estamos sempre juntos. Os imperativos da vontade do Senhor ordenam que marchemos. O campo é grande e, mesmo que desejemos estacionar nos postos floridos do descanso e do reconforto, uma ordem interior, a que não resistimos, nos impele a prosseguir.

Aqui, é uma sementeira que deixáramos inacabada; além, é uma flor que precisamos proteger para que a frutescência não falhe; acolá, é uma construção que nos reclama o concurso e a nossa alma é compelida a seguir, a seguir sempre. Minha existência, meu amigo, tem sido assim, uma caminhada incessante, uma procura sem termos, uma busca ansiosa.

Com referência ao nosso abençoado Castelo do Amor, pode crer que, em espírito, estou sempre aí, nas torres de Santa Teresa. Eu suponho, meu caro Jair, que chegará um tempo em que nós nos reuniremos no país da paz e alegria, para recolhermos as bênçãos do Amor que representam, hoje, o nosso bendito e maior ideal.

Estou muito entusiasmado com as sessões do nosso querido grupo, aí. As fotografias de espíritos materializados que o nosso João me mostrou são extraordinárias. Rendo graças a Jesus e peço a Ele que encoraje a todos vocês em tão formosa missão. Estou com muita esperança na colheita futura.

Preparado o ambiente com hinos e comentários evangélicos, a reunião teve início às 20 horas, com a presença de 27 membros. Na cabine estava sendo preparada parafina derretida, dentro de um tacho aquecido no fogão, para modelagem a quente. Ao lado, uma bacia com água fria.

Clarões luminosos surgiam da cabine. Com a inseparável pipeta, José Grosso trazia-nos alegria. Comunicou-se com todos, dirigindo-se a alguns separadamente, e fez recomendações a serem transmitidas para os ausentes. O seu entusiasmo e euforia eram contagiantes. Avisou que iria chamar Palminha e retirou-se.

Novos clarões vieram da cabine. Surgiu Palminha aplaudindo, cumprimentando com repetidos "boa-noite". Como sempre, muito delicado com as senhoras. Brincando, puxou rapidamente uma cadeira e o sofá, provocando risos, e se despediu.

Ouvíamos José Grosso fazendo modelagem em parafina fervente, na cabine. Clarões intermitentes surgiram novamente, produzidos por aparelhos materializados pelos espíritos. Esses clarões não ameaçavam a integridade do médium, mas a luz solar ou de uma lâmpada elétrica causar-lhe-ia danos consideráveis. Isso porque o ectoplasma que flui do médium para materializar o espírito seria destruído por queima, produzindo lesões no corpo físico do colaborador encarnado.

Em outro capítulo será apresentado um fato que melhor explicará essa questão.

O trabalho com parafina consumiu longos minutos, sempre com a cabine iluminada. José Grosso retornou trazendo algo em suas mãos. Era um disco fonográfico, de acetato. Com o calor emitido pela pipeta tornara-se maleável e estava sendo modelado com a forma de uma rosa. José Grosso presenteou-o a Jair. César também recebeu um disco, porém com a forma de lírio. Foi-me dado um coração moldado em parafina com a inscrição: "Amor de José e Dante." Comovido, agradeci em pensamento.

Anunciou a vinda do Espírito Joseph Gleber. Materializado, indagou a Teófilo Calil pela saúde e fez-lhe aplicações terapêuticas. Pediu a César, se possível, comparecesse às reuniões, pois tentaria tratar sua úlcera. Nelita pediu por sua sinusite e outros desarranjos.

Joseph, afável e amoroso, atendeu à assistência. Recomendou à Doroty usar o antinevrálgico Universal; à Aurinha, em face de início de trombose em um dos olhos, o uso de óculos, com grau elevado, a ser receitado por oculista.

Jair entregou-lhe papéis com nomes de doentes necessitados de visitação. Joseph iluminou-os com a pipeta e guardou-os. José Grosso novamente se apresentou e notamos a pipeta na mão de uma entidade de baixa estatura. Concluímos que havia dois espíritos materializados. Um deles era Fidelinho. Interrogado pelos assistentes, respondeu-lhes gentilmente. No gravador de César deixou saudações para cada um dos presentes. Sua voz era meiga e infantil. Despediu-se.

José Grosso dirigiu uma prece comovente ao Pai pedindo-Lhe não nos privasse da oportunidade daquele trabalho. Considerou essa tarefa uma bênção muito especial para o grupo. Suplicou com tamanho amor que muitos se comoveram às lágrimas. César e Jair dirigiram-lhe palavras de afeto. O espírito amigo disse nos amar muito e concluiu:

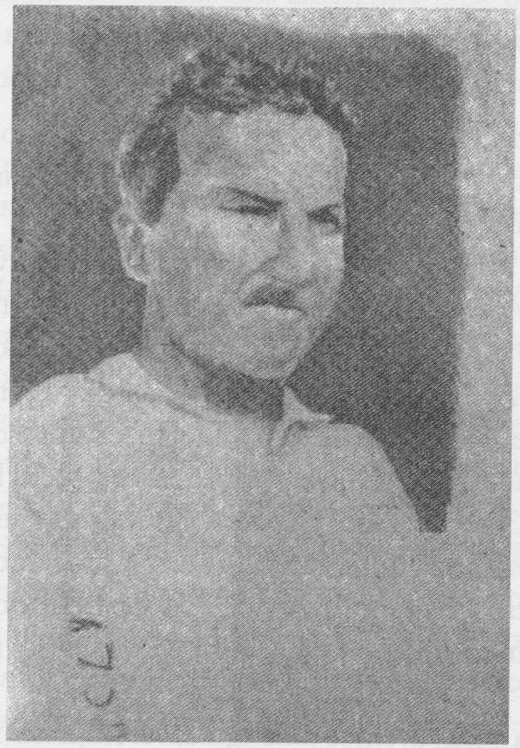
"Apesar de meus olhos serem dois buracos, ainda assim, neste momento, escorrem-lhes lágrimas de agradecimento."

Os olhos foram-lhe arrancados na sua última encarnação. Sua história é comovente.

José Grosso encarnou em família muito pobre, no Ceará, em 1896, conforme contou a Fábio e repetiu-nos em uma das reuniões. Sua história começou quando ainda era jovem, casado e com dois filhos. Naquela época, Lampião, o cangaceiro, tinha arregimentado capangas para praticar roubos, alegando tirar dos ricos e dar aos pobres. José Grosso, muito pobre e inculto, decidiu entrar para o bando, levado pela idéia de minimizar a miséria do sertão. Logo depois, descobriu que o famigerado malfeitor tinha outros propósitos.

Certo dia, Lampião planejou atacar um povoado para saquear e matar quantos se lhe opusessem. José Grosso discordou tacitamente, mas não comentou com nenhum companheiro. Pela madrugada, foi sorrateiramente ao povoado e avisou aos moradores, que fugiram. Ao voltar para o acampamento foi percebido por Corisco e delatado ao chefe. Amarrado a um tronco teve os olhos arrancados à faca por Corisco e foi abandonado na caatinga. Cinco dias depois, deixava a vida física vitimado por hemorragia e infecção. Permaneceu algum tempo vagando em dolorosa cegueira até ser resgatado por Nina Arueira e outros espíritos socorristas que a acompanhavam. Dispensava, assim, grande carinho a Nina, não só por tê-lo socorrido naquela circunstância como pela assistência que lhe dera.

José Grosso, alegre e brincalhão, como sempre, autorizou César a gravar as reuniões sempre que desejasse, porém sem jamais revelar o local das gravações. Gracejando, disse-lhe para alegar terem sido feitas na colônia Nosso Lar, e se lhe perguntassem onde fica tal lugar dissesse que era logo ali, adiante... Todos riram e ele despediu-se festivamente.



José Grosso

11

A Materialização de Maria Alice

22/09/1949

Reunidos 24 assistentes e quatro doentes para tratamento de saúde: Teófilo Calil, André Delamarque, Abdul Simas e Osório Viana Romanelli.

Após a leitura do capítulo "Ouvindo servidores" do livro *Os mensageiros*, de André Luiz, foi proferida sentida súplica pelo diretor Jair Soares. Fábio e Ênio encontravam-se na cabine. Ao findar o hino *Prece*, clarões eram emitidos. Imediatamente, ouvimos a voz de José Grosso. Palestrou demoradamente com os freqüentadores. Alguém lhe ofereceu bombons. O espírito fez questão que todos o vissem comer os confeitos. O restante, repartiu com a assistência.

Alguém lhe perguntou sobre a digestão dos bombons e ele recomendou-nos observar o rosto do médium ao término da reunião.

Nessa noite, tivemos uma agradável surpresa. Pela primeira vez, materializou-se o Espírito Maria Alice. Dançava ao som de um foxtrote e tocava castanholas diante dos assistentes. O espetáculo foi visto com imensa emoção. As castanholas tinham sido levadas por um freqüentador a pedido de José Grosso, que falara a respeito da entidade em reuniões passadas. Maria Alice desencarnou aos 15 ou 16 anos de idade.

César Burnier a tudo gravava e para não perder o som do sapateado de Maria Alice rastejava-se no assoalho com o microfone ligado. Quando ela pressentia o término da música acionava novamente a radiola.

Essa graciosa entidade apresentou-se por mais de vinte minutos. José Grosso veio ter novamente conosco e agradeceu a Jesus por aqueles momentos de enlevo com a presença da querida Maria Alice. Esclareceu que a dança e o sapateado destinavam-se a fixar nossa atenção pois, naquele momento, os mentores espirituais retiravam fluidos dos assistentes e os transportavam para serem manipulados em favor dos irmãos enfermos de um leprosário, necessitados de viver por mais algum tempo na carne.

Essa explicação produziu-nos lágrimas de amor e aqueceu nossas almas. Pouco depois, José Grosso voltou à cabine. Presenciamos novamente explosões luminosas e de lá surgiu o Espírito Joseph, mais visível do que anteriormente. Sua chegada foi saudada com carinho. A assistência fez-lhe pedidos para seus doentes. Conselhos e orientações foram acatados com atenção.

Antes que Joseph se retirasse, Celso fez consulta de caráter técnico. Indagou quanto à possibilidade de construção de um aparelho que permitisse às pessoas verem os espíritos, considerando as últimas conquistas da ciência. Joseph, com grande conhecimento do assunto e agilidade mental incomum, discorreu largamente sobre a questão. Prestou todos os esclarecimentos e prometeu, para o futuro, fornecer esquemas de construção desse aparelho.

César Burnier comentou a respeito de um aparelho, por ele visto mediunicamente, para esse fim. Joseph disse existir tal aparelho. É empregado no mundo espiritual, destinado às entidades pouco evoluídas.

Completando as determinações do Espírito André Luiz, Joseph leu a segunda parte das instruções a serem observadas pelo grupo. A primeira parte nos fora transmitida no dia 21 de setembro. Ambas encontram-se no final desta narrativa.

Terminada a sessão, após as preces habituais, fomos ansiosos ao gravador. Uma surpresa nos estava reservada. Tudo fora gravado na íntegra, exceto as explicações relacionadas com a possibilidade de os espíritos serem vistos com o auxílio de aparelhos.

No dia seguinte, Joseph espontaneamente esclareceu que os mentores deliberaram apagar a gravação desse assunto. Julgaram conveniente abordá-lo em época mais oportuna. Essa declaração causou grande surpresa. Ninguém podia atinar com o processo utilizado pelos espíritos para desgravar metros de fita magnética.

Quanto aos bombons ingeridos por José Grosso, o médium Fábio, ao ser despertado, apresentava o rosto e a camisa manchados de chocolate, evidenciando o destino do produto saboreado por José Grosso.

Orientação dada oralmente pelo irmão Joseph Gleber

1ª parte:

Meus irmãos, o Grupo Scheilla chegou, neste momento, ao fim do seu primeiro período de trabalhos. Devemos todos dar graças a Deus por termos conseguido tão belos feitos, os quais poderão nos proporcionar, mais para adiante, belíssimas glórias nos trabalhos de cooperação.

A segunda fase que se apresentará daqui em diante será regida por uma série de regulamentos que determinarão, sobre todos os pontos, a continuidade de nossos trabalhos até nova ordem.

Essas palavras que proporcionaram tais disposições foram escritas pelo nosso irmão André Luiz e, por isso, peço aos irmãos, encarecidamente, jamais ultrapassarem qualquer uma de suas determinações.

O primeiro parágrafo limita o número de freqüentadores da nossa casa, que será, no máximo, de dez pessoas.

Teremos, como de costume, três reuniões por semana, e os membros do grupo serão distribuídos de maneira que possa ser reunido o número desejado de pessoas.

Quanto aos visitantes que desejarem vir ao nosso grupo, foram designadas, unicamente, duas visitas mensais, visitas essas que ficarão sob o encargo de todos os freqüentadores materiais do grupo, os quais não poderão trazer, durante o período mensal, mais do que dois visitantes, ou seja, um por quinzena.

Será organizada, desde agora, uma turma que irá, quando for designada nos dias de trabalho, visitar qualquer pessoa enferma, a fim de formar ambiente necessário ao tratamento. Devo esclarecer que esse período é por demais importante para o êxito dos nossos trabalhos, e peço-lhes que, com a mesma boa vontade com que os irmãos aqui vêm, possam fornecer a caridade de sua energia a qualquer pessoa enferma.

Quanto às crianças, será feita uma reunião às segundas-feiras, de 14 em 14 dias, na qual terão ingresso livre todas as crianças, filhos ou parentes dos freqüentadores do nosso grupo. Nos demais dias, não poderemos permitir a entrada de crianças no nosso ambiente.

A primeira exigência para o êxito dos nossos trabalhos é a abstenção completa de carne nos dias determinados para os trabalhos e a abstenção completa de fumo por todo o tempo, igualmente do álcool e de outros tóxicos.

Meus irmãos, sempre que vierem aos nossos trabalhos, devem trazer o ambiente mental de fraternidade, de cooperação, e abandonar, para sempre, o ambiente de curiosidade e a vontade de assistir a fenômenos.

Como todos devem saber, o nosso fim não é, e nunca será, o de produzir fenômenos para a curiosidade pública. O nosso fim é acalmar o sofrimento dos enfermos, proporcionar um pouco de sossego espiritual e material àqueles que se encontram às portas do além-túmulo.

Espero que essas disposições sejam seguidas estritamente e que, doravante, venham com o mesmo respeito, com a mesma cooperação e fraternidade, com o mesmo amor que têm trazido até agora. Nunca devemos regredir nos propósitos; devemos, cada vez, aumentar mais nossa

cooperação para que sejamos, de dia para dia, um pouco mais fortes, um pouco mais espirituais do que fomos ontem.

Creio que, por agora, isso é tudo quanto tenho para transmitir-lhes e, embora poucas sejam as palavras, encerremos esse pequeno trecho com grandiosidade de propósitos para um fim benéfico, para um fim grandioso de lutas, trabalhos e amor! Portanto, sigamos as ordens, pois elas nos vêm trazer a paz; abracemos firmemente essas ordens, porque elas nos vêm determinar o progresso.

Meus amigos, creio que os olhos daqueles que se encontram além das paredes materiais vêem muito mais do que os nossos próprios olhos, portanto, sejamos sempre resignados em face das determinações e abracemos, afetuosamente, todas as palavras que nos foram dirigidas, mesmo que estejam contra a nossa vontade, para que possamos, mais tarde, vangloriar-nos com um trabalho perfeito, um trabalho progressista.

Que a Paz do Senhor permaneça com todos vós, é o desejo que tenho de expressar-vos.

Joseph Gleber

2ª Parte

Conforme as determinações do nosso irmão André Luiz, continuarei hoje a apresentar os regulamentos que estamos aplicando para perfeito funcionamento da nossa reunião. Por isso, meus irmãos, iniciaremos, na próxima terça-feira, o serviço de ambiente, o qual será formado na casa do doente indicado, conforme será dito no sábado vindouro.

Meus irmãos, o nosso grupo será dividido em grandes turmas de dez pessoas, nas quais serão distribuídos todos os que puderem assistir aos nossos trabalhos, conforme a percentagem psíquica de cada um. Peço, ainda, aos que não fizerem parte do grupo aceitarem essa resolução com a maior boa vontade, com o maior amor, com a maior fraternidade.

Desejo lembrar que o intuito neste ambiente não é o de divertir, não é o de satisfazer a curiosidade e, nem tampouco, registrar provas científicas. Nosso intuito aqui é auxiliar os que se encontram enfermos.

Os que forem relacionados devem aceitar isso com a melhor boa vontade para não prejudicar o nosso trabalho.

Os novos ingressantes do grupo que fizerem uso do fumo deverão freqüentar as reuniões de quinta-feira, somente, durante os próximos dois meses.

Quanto aos visitantes, devo lembrar-lhes que devem deixar o fumo, pelo menos, duas semanas antes da visita. Meus amigos, não vos esqueçais da parcimônia com a carne, o fumo e o álcool.

Que a Paz do Senhor permaneça no coração de todos os meus irmãos, é o desejo que vos deixo no dia de hoje.

Joseph Gleber

Foi mantida a transcrição do original ditado pelo espírito Joseph, no curso de sua palestra com o grupo. Há que considerar ter sido esse espírito de origem alemã em sua última encarnação, por isso, a construção dos períodos, bem como eventuais erros de regência verbal refletem a estrutura do idioma pátrio. Mas seu pensamento estava bem claro.

12

Centro Espírita Oriente

23/09/1949

Quase todos os componentes do Grupo Irmã Scheilla pertenciam ao Centro Espírita Oriente, em Belo Horizonte.

Os médiuns do nosso grupo participavam dos trabalhos deste centro, principalmente Ênio, Fábio e Jair, que era o seu diretor.

Antes do início da reunião, Jair fez a leitura de outra carta recebida do estimado Chico Xavier, reproduzida no final deste capítulo.

A espiritualidade, através de Joseph Gleber, por psicografia, traçou-nos normas para o Grupo Irmã Scheilla. A seguir, a transcrição na íntegra.

Relação dos nomes das pessoas que se inscreveram no grupo

Terças-feiras:

Jair, Ló, João, Laurita, Celso, Márcio Cattoni, Fábio, Maria, Nelita e Angelina Roteia, Alberto, Nair Mizhai e César Burnier Pessoa de Melo:

10 assistentes

3 médiuns

Total:13 pessoas

Quintas-feiras:

Jair, Ló, João, Laurita, Celso, Márcio Cattoni, Ênio Wendling, Fábio, Maria Wendling, Márcio de Castro, Ed, César, Dante Labbate, Atílio Pena, Catulino Mizhai, Rubens e Alda Romanelli, José e Iracema Costa:

10 assistentes

5 visitantes enfermos

4 médiuns

Total:19 pessoas

Sábados:

Jair, Ló, João, Laurita, Celso, Márcio Cattoni, Fábio, César, Abdul Simas, Dante, Áurea Celeste Gonçalves, Alberto Mizhai e Bertolino Gomes da Silva:

10 assistentes

3 médiuns

Total:13 pessoas

Último dia do mês:

Jair, Fábio, Marta, Nelita e Angelina Roteia, Dante, Nair e Catulino Mizhai, Arnaldo Rocha, Lucília Cavalcanti, Doroty Cavalcanti, Bertolino e Ênio Wendling.

10 assistentes

3 médiuns

Total:13 pessoas

Segundas-feiras (a cada 14 dias):

Jair, João, Fábio, Ed, Simas, Dante e sete crianças.

10 assistentes

3 médiuns

Total:13 pessoas

Terminada a escala para os trabalhadores do grupo, José Grosso deixou-nos belas quadras. Uma delas guardei com carinho:

Dante, meu amigo e irmão
Que já não possuis o medo,
Abre a mim teu coração
Que eu vou te contar um segredo:

Nos labores desta vida
Sob áureos jorros de luz,
Renova a voz tão querida
Do nosso Mestre Jesus.

Pensemos que nas lutas
Desta vida está a razão
De tão grandes labutas,
De tanto esforço, oh irmão!

E, meu amigo, podes crer
Que no trabalho desta terra
Não há e nem pode haver
A fortuna do que vês,
O amor de possuíres
O contato entre espaço e Terra.

José Grosso

Carta de Chico Xavier, datada de 17 de setembro de 1949, lida por Jair:

Se a loteria da Espanha, que dizem ser a maior do mundo, me desse a sorte grande na Terra, não me sentiria

tão contente como estou agora, por observar o progresso do Grupo Irmã Scheilla, que ficou situado à maneira de um ninho celeste em seu lar.

Quando acabei de ler a sua carta, meu caro Jair, o papel desapareceu ao meu olhar. As lágrimas obrigavam-me a voltar a visão para dentro de mim mesmo, fazendo-me refletir na infinita bondade dos nossos Maiores da Espiritualidade. Embora eu não esteja aí, a fim de participar do banquete de alegria e de luz, minha felicidade é tão grande como se eu aí estivesse. Peçamos a Deus que nos conserve essa graça. Esses trabalhos sublimes, aí em realização, são como a aurora que contemplamos do seio das sombras humanas.

Há precisamente vinte e dois anos, quando eu começava a caminhar no conhecimento, em reparando a presença espiritual dos nossos amigos do outro plano, sentia-me profundamente só na tarefa de percepção direta e, porque a zombaria e a incompreensão eram grandes em torno de mim, recorria, muitas vezes, ao coração amoroso dos nossos orientadores e eles confortavam-me exclamando que eu esperasse, pois tempos viriam que a voz deles soaria livre e luminosa na proclamação da verdade. Agora, meu caro Jair, que vejo a luz da revelação indiscutível acesa em seu lar, experimento uma alegria difícil de descrever. Só posso dizer a vocês, os queridos irmãos que conseguiram formar um conjunto tão harmonioso e tão belo, que eu também estou em preces, rogando a Jesus para que a abençoada família do Grupo Irmã Scheilla não se dissolva e que todos se amem cada vez mais, para que todos nós, edificados com as bênçãos recebidas, nos humilhemos diante do nosso Pai Amoroso que não nos desampara.

Guardemos, cada um de nós, o espírito da união, como quem guarda o tesouro mais precioso do presente e do futuro.

Diz-nos o Espírito Emmanuel que "a luz se faz onde há força ou combustível"; sejam nossos corações oferecidos ao Alto, na condição de pavios da boa vontade entregues à misericórdia do nosso Amado Mestre Jesus.

Em nome de alguns amigos espirituais, inclusive do nosso Emmanuel, peço a todos os componentes do grupo continuarem

entusiasmados e unidos, protegendo este santuário contra a ventania destruidora que anda varrendo a Terra, a fim de que o Plano Superior possa contar com esse 'Aeródromo da Verdade'. Assim, estou certo, as revelações da vida maior continuarão jorrando, aí, qual fonte de águas vivas do Senhor.

13

O Pranto de Maria Alice

24/09/1949

Essa reunião teve um desenrolar diferente.

César Burnier colocou sobre a mesa da sala um grande envelope contendo dois discos fonográficos, oferta que fez à Maria Alice para compor sua dança.

Vinte horas. O dirigente Jair abriu o encontro com uma prece.

José Grosso surgiu com o "boa-noite" singular, recomendando não lhe tocarem. Esclareceu que os trabalhos estavam sendo efetuados sem o concurso do aparelho que produz a luz protetora de que os espíritos e o meio ambiente se revestem para tais fins.

Essa luz, propagada em forma de relâmpago, já era bem conhecida dos freqüentadores do grupo. As entidades recorriam a ela dezenas de vezes durante a sessão.

José Grosso comunicou-nos ter solicitado aos mentores um aparelho similar para os nossos serviços, pois o que estava sendo utilizado fora emprestado pelos amigos espirituais do Grupo André Luiz, do Rio de Janeiro.

Esteve no recinto por pouco tempo, em visita de cordialidade, o Espírito Ventania. Fez-se anunciar pelo sopro que emitia e foi acolhido entre sorrisos e frases amáveis. Esse espírito já havia se materializado algumas vezes e sua missão era afastar qualquer resquício de medo de algum assistente.

Recebeu o cognome de Ventania porque sempre se anunciava assoprando muito forte.

Palminha surgiu a seguir com palmas características, brincadeiras inofensivas, toques no piano, assobios, saudações e adeuses amorosos.

Entoando hinos, ouvíamos ruídos na cabine, vozes espaçadas, bater de vidros... Tudo isso fazia parte do trabalho de manipulação de medicamentos.

José Grosso se materializou e avisou a César para permanecer próximo do gravador, pois Maria Alice em breve se apresentaria para dançar.

A assistência emocionou-se quando pressentiu sua vibração. Ela colocou na radiola o disco, na música *Almas Gêmeas,* e se pôs a cantar essa bela canção espiritista, cuja letra figura no livro de Emmanuel, *Há dois mil anos.* A voz de Maria Alice, emotiva, ia adquirindo um tremor cada vez mais acentuado. De repente, parou. O pranto, comovente e contagiante, embargou-lhe a voz. Lágrimas também brotaram em nossos olhos. Silêncio absoluto.

Um dos assistentes levantou-se e convidou todos a acompanhá-lo em prece dirigida a Jesus. A oração, feita com amor para a irmã Maria Alice, suplicava o bálsamo do céu para a saudade que devia existir no íntimo de seu coração sensível. Saudade, talvez, de uma mãe carinhosa, de um pai ou de alguém muito querido.

A assistência estava enternecida. Maria Alice, reagindo fortemente às emoções, foi ao salão e ao som de um alegre fox pôs-se a bailar, movimentando seu corpo ágil e levíssimo. Durante uma hora ela entreteve os assistentes com graciosidade e apuradas técnicas de dança e sapateado.

Há momentos em que certas lembranças nos acarretam dor provocando emoções fortes, estejamos encarnados ou não. O espírito desencarnado, trazendo consigo recordações,

pode, muitas vezes, expandir a emotividade, principalmente quando se encontra durante o processo de materialização parcial, através de efeitos ectoplásmicos. Foi o caso de Maria Alice.

José Grosso apresentou-se novamente trazendo-nos palavras confortadoras. Disse que o ocorrido na reunião estava sob a supervisão de Scheilla.

Durante os momentos de arte oferecidos por Maria Alice, aproveitamos para dirigir nossos pensamentos ao plano espiritual contribuindo para que ali fossem recolhidas vibrações, manipuladas energias fluídicas e transportadas para colônias espirituais. Ficamos felizes em podermos, de alguma forma, cooperar no atendimento de irmãos necessitados.

Ao final da sessão, foram lidas escritas diretas de André Luiz e Scheilla, mentores do grupo, a respeito do valor moral para o nosso trabalho:

Meus queridos irmãos,

Deus conosco.

Não podem vocês imaginar a alegria íntima em que me encontro por ver o nosso grupo caminhar rapidamente para o fim almejado!

Através dos esforços dispensados pelos amigos, vejo eu raiar os primeiros clarões da fraternidade universal, fraternidade essa, que deverá atingir toda humanidade.

Será, portanto, meus queridos irmãos, neste grupo que iremos batalhar pelo que o nosso Cristo lutou e deixou difundido há dois mil anos.

Legou-nos, o Mestre, em Seu amor e bondade, o Evangelho; deixou-nos palavras que deveriam, há muito, ser convertidas em atos de trabalho e esforço.

Trabalhemos pela caridade, apoiados no amor do Cristo, na misericórdia do Pai e no seio benigno de nossa Maria.

Lutemos, amigos, porque a vida é luta, a luta é trabalho e o trabalho é progresso!

Da irmã humilde,

Scheilla

Queridos amigos,

O nosso grupo deverá sempre compreender que devemos procurar manter:

A fraternidade – com amor

O trabalho – com esforço

A assistência – com trabalho

O esforço – com dedicação

e procurar, a toda hora, ter na mente as vibrações do Mestre.

Paz.

André Luiz

14

Maria Alice

24/09/1949

Maria Alice cativou todos pela sua devoção e amor aos serviços do Grupo Irmã Scheilla. Por intermédio de Fábio Machado ficamos sabendo um pouco mais da sua biografia.

Célia foi seu verdadeiro nome na última encarnação. Adotou o de Maria Alice por ser este o nome de sua irmã naquela existência terrena. Filha de José Alckmin, nasceu em Belo Horizonte e estudou no colégio Sacré-Coeur de Marie. Desencarnou aos 16 anos, na década de 1940, vítima de tuberculose decorrente de pneumonia dupla, que a levou a ser recolhida ao Hospital Hugo Werneck. Seis meses após a internação teve o desenlace.

Maria Alice

15

Fábio Machado

Fábio nasceu em Belo Horizonte, no dia 3 de dezembro de 1928. Desencarnou no Rio de Janeiro, em 15 de abril de 1985. Na infância, seu comportamento era problemático para a família. Tinha visões de 'fantasmas' e, em prantos, narrava-as aos familiares, colocando-os em sobressalto.

Aos sete anos, tinha dificuldades com os colegas de escola, pois fenômenos de efeitos físicos ocorriam várias vezes, envolvendo-os. Na sala de aula, livros, lápis e cadernos eram lançados de sua direção aos colegas. Dessa forma, era tido como indisciplinado pelos professores.

Seus pais o levaram a diversos médicos, havendo sido diagnosticado como uma criança normal. Aos 14 anos, fora convidado, por diversas vezes, a se transferir da escola pois, naquela época, a vidência e a audiência já desabrochadas levavam-no quase ao desespero, causando inúmeras dificuldades.

Fábio, embora considerado pelos mestres como um garoto difícil, era dotado de inteligência invejável.

Conseguiu terminar o segundo grau, contudo, o seu estado obsessivo atingia o clímax. Seus familiares viram esgotarem-se todas as esperanças e decidiram interná-lo em um manicômio. Essa decisão seria drástica para o jovem médium.

A Misericórdia Divina veio em seu socorro. Maria João de Deus, mãe de Chico Xavier, fora muito amiga dos avós de Fábio. Já desencarnada, relatou a Chico o que estava para suceder. O médium viajou para Belo Horizonte, foi à residência dos pais de Fábio e solicitou-lhes a tutela temporária do rapaz. Os pais concordaram e Chico o conduziu para sua casa em Pedro Leopoldo.

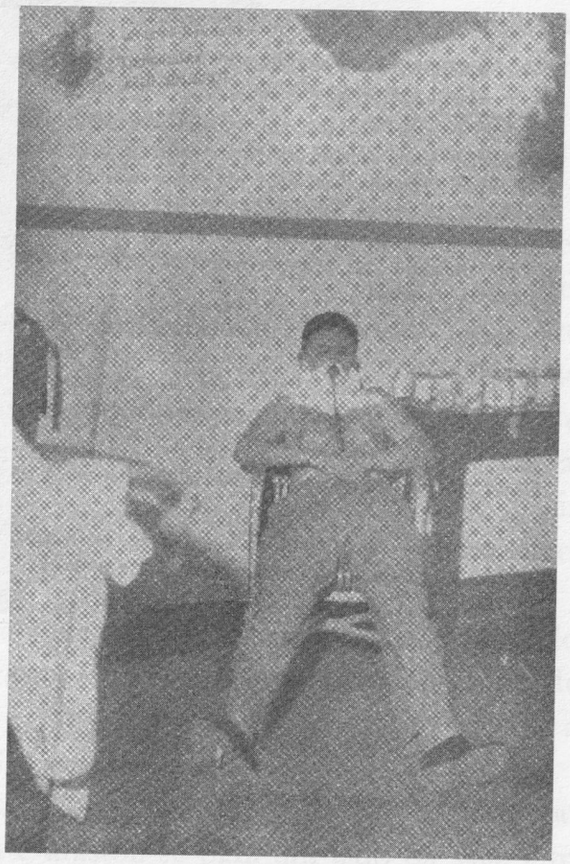
Lá, no Centro Espírita Luiz Gonzaga, Fábio passou a assistir às sessões e a estudar a Doutrina, educando a sensibilidade mediúnica. Após três meses, começou a psicografar textos de Emmanuel, André Luiz e outros.

No mês de junho de 1949, Chico Xavier fez Fábio portador de uma carta dirigida a Jair Soares, na capital mineira, na qual instruía:

Jair, este moço é o médium de que vocês necessitam para os trabalhos de materialização. Ele também desenvolveu outros tipos de mediunidade. Espero que os trabalhos que agora efetuam sejam promissores. Rogamos a Jesus.

Do irmão menor, Chico.

Fábio Machado



Médium Fábio Machado com o ectoplasma jorrando de sua boca, ouvidos e nariz. Neste exato momento o espírito materializado Uemoto desenhava o espírito Nina Arueira.

Espírito Nina Arueira
Desenho feito pelo espírito
materializado Uemoto.

16

Perguntas a José Grosso

29/09/1949

A partir desta data, as reuniões evoluíram para uma nova fase. A espiritualidade amiga e os componentes do grupo ampliaram os trabalhos de assistência e visitas a enfermos em hospitais, favelas, sanatórios, leprosários e abrigos municipais.

Os guias indicaram por intermédio de Fábio os nomes dos visitadores ao enfermo Washington Dias, consoante programa de ação previamente estabelecido pelo Espírito André Luiz. A escolha recaiu nos companheiros Jair, João Gonçalves, Ed, José Costa, Laurita e Fábio Machado. No recinto ficaram César Burnier, Merlin Calil, Ozório Viana, André Delamarque, Maria Roteia, Maria Roteia Filha, Maria da Conceição, Atílio Pena, Catulino Gomes de Oliveira Neto, Ló, Alda Romanelli e eu.

José Grosso e Maria Alice revezavam-se, mantendo atentos os presentes. Mais tarde, regressou a equipe de visitadores. Tinha cumprido na íntegra a tarefa, para a satisfação de José Grosso.

Pela quarta vez, Maria Alice voltou ao recinto. Colocou um disco na radiola e afastou-se para um lado da sala. Um ruído vindo de sua direção sugeria estar escrevendo. Atravessando a sala, entregou a César um papel onde havia frases endereçadas aos presentes.

Deparamos, em seguida, com um vulto surgindo da cortina que separava a cabine de Fábio da antecabine. Iluminou-se, emitindo fortes relâmpagos por toda a sala. Segurava uma grande esfera de luz. Deduzimos ser o visitante uma entidade de considerável elevação moral. Ele entregou a Jair um papel e desse dirigente recebeu efusivo agradecimento.

A entidade iluminou rapidamente a própria cabeça, lançou faixas luminosas sobre os presentes e retornou para a cabine.

Outra entidade surgiu, tendo à mão um ponto de luz cintilante. Sua voz meiga ecoou na sala com característica bastante conhecida. Era Scheilla. A assistência empolgou-se, admirando o seu porte elegante. Scheilla iluminou-se por diversas vezes para ser vista pela assistência. Exclamações foram ouvidas de todos os ângulos da sala. A alegria não podia ser maior. Envolvida numa túnica alvíssima tinha na cabeça um manto que lhe descia aos ombros. As mangas da túnica, compridas e largas, lembravam as vestes nazarenas. Scheilla apresentava-se recortada de luz. Podiam-se ver os ombros delicados, a cabeça pequena, a graça do conjunto harmonioso. Dir-se-ia ser uma jovem entre vinte e dois a vinte e quatro anos. Era de média estatura.

Após essa magnífica cena, Scheilla pediu o microfone e gravou mensagens de amor para os presentes. Revelou-nos a alegria em relação ao grupo, falou-nos do elogiável interesse dos que foram orar junto ao enfermo visitado. Relembrou-nos as normas e condutas instituídas por André Luiz para o grupo. As visitas aos enfermos deveriam prosseguir e, se caso houvesse três faltas seguidas do mesmo visitador, sem motivo justificável, este seria suspenso da tarefa. Isso, porque a ausência de um único componente causaria desequilíbrio ao conjunto, prejudicando os resultados.

O objetivo do grupo, ninguém ignorava – era o socorro aos necessitados e esquecidos nos casebres de bairros pobres, portadores de enfermidades variadas. Scheilla reforçou: "A caridade deverá ser o lema dos que trabalham aqui. Caridade completa e absoluta. É chegado o momento de os espíritas saírem dos serviços religiosos, limitados pelas paredes dos centros, e irem às moradas onde a dor, a pobreza e o abandono imperam. Esse, o propósito dos mentores do grupo. Todos devem deixar de lado a curiosidade, os fenômenos surgirão quando o Pai julgar-nos merecedores. É bom esperar, nunca provocar."

Terminados os esclarecimentos, os assistentes acompanharam em silêncio a prece de Jair. Grande era a emoção.

José Grosso voltou à sala e César Burnier fez-lhe perguntas:

— Para que servem as cortinas usadas pelos espíritos diante da cabine dos médiuns?

— Servem de apoio às redes fluídicas invisíveis. É nelas que os espíritos colocam os aparelhos de que se utilizam. O tecido oferece meio mais adequado à fixação daquelas redes – respondeu. Por dedução, supomos tratar-se de múltiplos aparelhos.

— Pode nos dizer, José Grosso – insistiu –, como você procede na sala, quando chegam os espíritos Scheilla e Maria Alice, pois sabemos que você está despido, com o propósito de economizar fluidos, reservando-os para serem aproveitados em outras causas?

— Estou despido para vocês. Encontro-me vestido para os espíritos.

Sempre que José Grosso se apresentava entre nós, utilizava duas espécies de fluidos – um, quintessenciado, de densidade semelhante à dos planos espirituais, e outro,

grosseiro, tangível aos humanos. Analisando o fato, acreditamos existir uma escala variada de densidade de matéria no corpo, nas vestes, nos objetos que os espíritos apresentam aos encarnados.

José Grosso dispensou conselhos aos assistentes, atônitos ao saber estar ele ciente de tudo ou de quase tudo que eles conversavam fora das sessões. Nem mesmo os nossos pensamentos lhe passavam despercebidos. Isso foi causa de muitos risos, pois a entidade também se referia aos pensamentos emitidos naquele momento.

O espírito colocou uma cadeira no centro da sala e assentou-se. Pediu-me para ir à cabine substituir os discos na radiola, e nomeou o que gostaria de ouvir. Às tontas, no escuro, coloquei um disco qualquer. José Grosso logo protestou:

— Não foi este que eu te pedi. Trata de procurá-lo.

Remexi os discos, sem conseguir localizar o que ele queria. Em voz alta, argumentei:

— Não consigo encontrar o disco... Não posso ver no escuro!

Todos riram dos meus apuros. Ele foi à cabine, selecionou o disco e colocou a música desejada. Comecei a solfejar um fox e ensaiar um sapateado como fazia Maria Alice. José Grosso, falando alto, interrompeu-me:

— Isso não é sapatear, homem! Você não entende de dança nem de sapateado. Vou chamar Maria Alice para lhe ensinar.

Em direção ao interior da casa, exclamou:

— Maria Alice, venha cá! Venha ensinar a esse tolo como é sapatear!

Ela surgiu, pés ágeis, dançando o tango *La Cumparcita*, interrompida aqui e ali por minhas perguntas sobre a dança.

Naquele momento, José Grosso e Maria Alice estavam simultaneamente materializados.

César Burnier insistia:

— Nós sabemos, José Grosso, que você está despido, mas, calçado. Os sapatos são para isolar seu corpo da terra, dos raios cósmicos, dos raios solares, da vibração latente na Terra ou têm outra finalidade?

— Ora, César, eu uso sapatos para não sujar os pés!...

O riso estrondou pela sala...

Finalizados os trabalhos daquela agradável noite encontramos, sobre a mesa, a seguinte mensagem de André Luiz:

Meus irmãos,

Que a paz do Senhor conforte os vossos corações. Escrevo esta com o fim de jubilar-me convosco nos êxitos que vamos obtendo.

Desejo indicar-vos o vasto campo para iniciardes a semeadura do bem; na imensidão deste mundo podemos encontrar infinitos campos para lançarmos as sementes do progresso, mas não desperdicemo-las, irmãos, porque são poucas, são restritas, e muitos cultivadores insensatos as perdem chorosamente!

Cultivem-nas no lugar próprio, no lugar indicado.

Deus convosco.

André Luiz

Frases escritas por Maria Alice, pelo método direto, e entregues por ela a César Burnier:

Ao meu querido irmão César e a todos, um abraço e um beijo da Maria Alice.

Deixo, também, ao meu Fábio, um grande abraço.

Com fraternidade e amor,

Maria Alice

Muita paz, muita alegria, em prol de Jesus,

Maria Alice

17

Presença de André Luiz

30/09/1949

À última reunião do mês de setembro estavam presentes sete assistentes, os médiuns Fábio e Ênio e o dirigente Jair.

Frutos da bondade infinita, tivemos uma noite gratificante, pelo muito recebido da espiritualidade amiga.

José Grosso apresentou-se com a fraternidade e o carinho apostolares de sempre. Franco e direto, tinha o dom de nos ensinar como são claras as coisas da espiritualidade. Trouxe-nos um recado dos amigos espirituais: com boa vontade e vibrações fraternas, poderíamos ter André Luiz conversando conosco.

Maria Alice, sapateando ao som harmônico das castanholas, alegrava as nossas almas, falando-nos com mansidão sobre a vida quando a partilhamos com Jesus.

A seguir, Scheilla, completamente visível na sua roupagem branca, com um manto da cabeça aos ombros, exibia extraordinária suavidade, ainda pouco percebida pela imperfeição dos nossos sentidos.

No dia seguinte, Jair, ao redigir a ata da reunião, manifestou seu sentimento espiritual, dirigindo-se a Scheilla: "Estamos procurando, querida irmã, compreender a beleza e a grandeza do seu proceder carinhoso, pois é necessário imaginar a dor que afetuosamente abraça para vir ao nosso

meio, diminuindo seu excelso padrão vibratório, a ponto de ser percebida por nossas grosseiras vibrações, e assim admirar o seu vulto cheio de suavidade e irradiante de espiritualidade."

Scheilla voltou à cabine. Observamos o costumeiro relampejar de energias, característico nas materializações e desmaterializações em nosso grupo. Logo surgiu o querido amigo André Luiz.

Postou-se na porta divisória da antecabine, onde Jair estava deitado exercitando a prática mediúnica. Aplicou-lhe, de longe, a projeção de duas pedras luminosas. Assim nos pareceu. Encaminhou-se, a seguir, para os assistentes. Por segundos, iluminou a sala com repetidos clarões. Eu estava a dois passos aproximadamente da entidade. André Luiz vestia-se com uma túnica branca e tinha a cabeça coberta com tecido muito alvo, indo-lhe aos ombros. Da antecabine, Jair o observava por trás. André não pronunciou qualquer palavra e retornou à cabine. Jair exultava:

— Empolgante, indescritível!

Voltou José Grosso para as palavras finais e com pesar chegamos ao momento da despedida. Quando a reunião terminou, após às 24 horas, encontramos três lindas mensagens, por escrita direta, assinadas por André Luiz, José Grosso e Maria Alice.

Conforme a Doutrina nos ensina, a escrita direta é aquela feita pelos espíritos, materializados ou não. Difere da psicografia, na qual o espírito comunicante utiliza as mãos e os recursos intelectuais do médium.

Irmãos em Deus,

Volto, novamente, a expressar-lhes meu ânimo de reconforto e progresso pelos nossos trabalhos.

É com imensa alegria que posso buscar no altruísmo do esforço e da cooperação coletiva os eflúvios benéficos de realizações que nos indicam a presença vibratória do Pai em nossos desejos.

E, queridos amigos, se já nos regozijamos pelos êxitos alcançados, devemos, da colina do trabalho em que nos encontramos, voltar os olhos para os campos que devemos cultivar a fim de fornecermos a Deus fartas colheitas em paz, harmonia e fraternidade!

Lutemos, bondosos amigos, porque é pela luta e pelo trabalho que nasce a edificação; e os nossos desejos estão igualmente voltados para a edificação sublime, para a semeadura do progresso!

Conquanto já possamos nos vangloriar pelos feitos sucedidos, devamos, sempre, procurar alcançar o que se nos apresenta como labor, recolhendo, assim, entre a paz e a harmonia, o rebanho do Pai, do qual somos ovelhas em serviço.

Do vosso humilde servidor de sempre,

André Luiz

Meus queridos irmãos, muita paz.

Vocês não podem imaginar o meu contentamento por estar entre todos! Se algo há, neste mundo, que mereça antepor-se aos trabalhos de muitos extraterrenos é o convívio de amor e fraternidade em que vivemos!

Portanto, irmãos, muito agradeço o esforço prestado e deixo a todos os meus sentimentos de amor e fraternidade!

Maria Alice

Deixo ao meu Fábio, ao Dante, ao Jair, à Ló e ao querido César um abraço e um beijo da

Maria Alice

Se algo existe, neste mundo,
Que nos inspire o coração,
É o reconhecimento profundo
Que nos liga a cada irmão!
E agora que chegamos ao fulgor
Dos progressos perfeitos, à beira
Da paz, harmonia e amor!
É a ti, querida irmã Scheilla,
Luz sublime de esplendor,
Que agracio e quero guardá-la
Tua fraternidade, tua devoção, tua dor!

José Grosso

18

A Caixa de Chumbo

01/10/1949

Passaram-se três meses e 18 reuniões. O Grupo Irmã Scheilla unia-se cada vez mais. A força do núcleo provinha do entusiasmo, dos trabalhos conjuntos com o plano espiritual, tendo Jesus à frente como caminho, verdade e vida. Havia uma forte identificação entre os companheiros e todos compreendiam o objetivo maior dessas reuniões.

Nesse encontro éramos 13 os assistentes. O dirigente Celso de Castro fez a prece de abertura e João Gonçalves leu dois capítulos do livro *Caminho, verdade e vida*, de Emmanuel. César Burnier fez comentário evangélico, inspirado nas leituras da noite. Sob a condução da companheira Ló, entoamos o hino *Prece*. Enquanto cantávamos, clarões iguais a relâmpagos vinham da cabine de Fábio.

Essa reunião, com duração de quatro horas, era dedicada exclusivamente ao tratamento de enfermos presentes e ausentes. Os trabalhos espirituais, quando se processam em campo vibratório adequado, proporcionam melhor ajuda aos necessitados.

José Grosso, segurando a pipeta, mantinha sua costumeira conversação com os presentes. Realizou testes com o contador Geiger para verificar o nível de radioatividade emitido pela pipeta. O amigo espiritual manifestou interesse pelos enfermos ausentes e manteve amável colóquio durante

uma hora. Buscava, assim, elevar o nível das correntes fluídicas dos assistentes, imprescindíveis aos trabalhos curativos.

Maria Alice revezava com José Grosso, oferecendo-nos momentos de alegria, com danças, sapateados e castanholas. Desta vez, exibiu-se com a desenvoltura de menina de quinze anos. O tempo passou sem percebermos. A companheira saiu e José Grosso retornou por pouco tempo, deixando um disco a tocar.

Joseph se apresentou, como de hábito, interessando-se pelos doentes e atendendo às consultas verbais. Examinou o companheiro Simas e preparou-lhe medicamento. Empregou parte de seu tempo fazendo preparativos em uma caixa de chumbo, trazida por Celso, destinada a receber material radioativo para experiências. Por três vezes consecutivas colocou algo no interior da caixa produzindo ruído semelhante à efervescência e emitindo luminosidade. Com aquiescência de Joseph, César gravou o som.

Após Joseph, José Grosso orientou os trabalhos de tratamentos. Em seguida, reapareceu Maria Alice e desta vez César teve oportunidade de gravar o som do seu sapateado. Ela foi até à radiola e colocou um disco com a música francesa que ele lhe oferecera. Não falava, todavia, respondia algumas perguntas soando as castanholas. Um som significava sim; dois, não.

Fidelinho visitou-nos rapidamente e convidado por César a gravar algumas palavras disse não poder fazê-lo naquele dia. Colocou um disco na radiola e despediu-se. Trazia as mãos fosforescentes, permitindo-nos vê-lo em sua pequena estatura.

José Grosso convidou-me a secretariá-lo na antecabine, incumbindo-me da reprodução das músicas. Dirigiu-se à cabine onde Fábio se encontrava e avisou que iria preparar moldes em parafina fervente. Este material, derretido a 100°C,

estava ao lado de uma bacia com água fria. O espírito, entretanto, constatou não estar a parafina em condições adequadas.

Joseph apareceu brevemente e informou que os trabalhos de modelagem conduzidos por José Grosso na cabine estavam sendo prejudicados devido à insuficiência de corrente vibratória, uma vez que era grande o número de doentes em tratamento, consumindo muita energia psíquica. Necessitava, por isso, de maior cooperação dos participantes.

Novamente Maria Alice entre nós. Naquela noite, foi a entidade que por mais tempo permaneceu materializada e colaborou com os trabalhos. Na última aparição, ela exibiu-se por mais de uma hora acompanhando as músicas com castanholas e sapateados. Mostrava muita cooperação e vontade de trabalhar. Enquanto ela dançava, mantinha-me de pé diante da radiola. Com freqüência, colocava a mão sobre a minha cabeça, dançando e rodeando-me. Dava-me, assim, a oportunidade de observar o gingar e a respiração ofegante, a demonstrar um pouco de cansaço. Maria Alice era mais baixa do que eu e trazia sobre a cabeça um véu claríssimo a lhe cobrir o rosto.

José Grosso agradeceu-me a colaboração e pediu para colocar na radiola o disco com a música *Ave Maria*. Em seqüência, solicitou ao diretor para encerrar os trabalhos.

19

Joseph Gleber

Em capítulos anteriores, têm sido comentadas algumas qualidades desse espírito participante dos trabalhos de materialização do Grupo Irmã Scheilla. O leitor já deve ter aquilatado o seu valor, tanto em serviço quanto em moral.

Neste texto, são expostos breves dados biográficos relatados por ele e por outros espíritos, principalmente Palminha.

Mesmo com as poucas informações obtidas será possível conhecer algo de sua história na última encarnação e saber como superou alguns obstáculos na sua trilha para a ascensão espiritual.

Por intermédio de Palminha, na reunião de 26 de outubro, ficamos sabendo que Joseph Gleber nasceu na Alemanha, no dia 15 de agosto de 1904, na cidade de Hoffenbach, e foi um notável cientista. Seus pais eram judeus e seu nome, como espírito, foi substituído por esse pseudônimo.

O livro *Movimento da fraternidade,* de Célio Allan Kardec de Oliveira, página 160, narra ter Joseph Gleber se graduado em ciências físicas, na Alemanha. Posteriormente, aprimorou-se em uma universidade de Viena. Casou-se com Herta, também judia, com quem teve dois filhos. Retornou a Berlim onde lecionou em escola hebraica. Sua inteligência era invejada nos meios científicos, notadamente no campo da física nuclear.

Mantinha relações com os cientistas Albert Einstein e Enrico Fermi, que já se ocupavam das pesquisas do átomo.

Gleber fora chamado a integrar a equipe de cientistas arregimentados por Hitler, decidido a utilizar seus conhecimentos para fins militares, contrariando os ideais pacifistas do jovem pesquisador. Hitler obrigou-os a criar um artefato atômico, donde surgiu a propagada "corrida da bomba atômica", no início da década de 1940.

O projeto foi dividido em partes entre a equipe. Gleber teve êxito na sua tarefa e seus colegas dependiam dele para a conclusão dos estudos. Somente ele conhecia na íntegra as interfaces do projeto, sem o que o ciclo de produção não poderia ser ultimado.

Sua consciência fervilhava diante da responsabilidade pela catástrofe que o artefato produziria. Seus estudos estavam prontos, mas ele continuava indeciso. Os colegas finalmente concluíram a parte que lhes competia. O prazo estava para se esgotar e ele titubeava.

Embora Hitler supusesse não ter ele ainda terminado o trabalho, desconfiava de possível rebeldia. Ameaçou-o, então, enfurecido, colocando-o em grande dilema. Se Joseph não concluísse o projeto até a data programada, ele e sua família seriam sumariamente executados.

Faltando dois dias para o término, martirizado pela consciência, somente pela madrugada conseguiu dormir. Em sono, sentiu seu espírito arrebatado e conduzido a região próxima à crosta terrestre. Palminha contou-nos que diversas entidades o esperavam. Mostraram-lhe a hecatombe que o artefato iria ocasionar, atrasando o progresso da humanidade. A dolorosa luta em sua consciência exigia o sacrifício dele e de sua família, porém, em nome de Jesus, eles estariam sendo auxiliados durante e após o holocausto. A decisão seria de Gleber, de acordo com seu livre-arbítrio.

O cientista voltou ao corpo e acordou a esposa. Expôs-lhe, claramente, o dilema em que se encontrava e falou do sonho vivido. Disse-lhe:

— Herta, se eu entregar este projeto nas mãos do Führer, poderes satânicos incendiarão o mundo. Se eu não entregá-lo, nós e nossos filhos seremos mortos.

Após segundos de silêncio, a esposa abraçou-o e decidiu:

— Pois bem, morreremos juntos!

Tomada a decisão, o projeto foi lançado às chamas. No dia seguinte, ao partir para o encontro fatal, fitou demoradamente a esposa e os filhos. A intrepidez estampada em seus semblantes encorajou-o a enfrentar o pior. Abraçou-os carinhosamente e rumou ao encontro dos algozes.

Chegou um pouco atrasado. A impaciência demonstrava-se nos semblantes de Hitler e de seus comparsas. Cumprimentou-os calmamente e sentou-se.

O ditador, ainda contido em sua ira, perguntou-lhe:

— Terminou o projeto?

— Sim.

— Mostre-me.

— Não posso. Eu o destruí.

Hitler ficou lívido, colérico. Explodiu:

— Prometi-lhe riquezas e bens para apressar a conclusão e a entrega desse maldito projeto! Agora você diz que o destruiu? Você está brincando?

— Não estou brincando. Estou plenamente decidido. Haja o que houver.

— Você acaba de cometer alta traição à Alemanha e ao seu povo! Como já lhe havia avisado, você e sua família serão executados sumariamente!

O ditador decretou o extermínio dos Gleber no forno crematório. Era o ano de 1942.

Com o poder da bomba atômica nas mãos, o celerado teria esmagado a Inglaterra e, quiçá, seu poderoso aliado, os Estados Unidos da América. Assim, avassalaria o mundo, como previam os espíritos. Mas, o idealismo, a coragem e a renúncia de Joseph Gleber concorreram para levar o poderio nazista à derrota, ocorrida em 1945.

Meditando sobre a história de Gleber, vislumbramos a ação divina em sua perene ajuda aos homens, quando eles se tornam tresloucados pondo em risco os destinos da humanidade.

Uma anotação de Jair transmitida pelos espíritos dizia: "Por ele ter sido um cientista renomado, seu nome de encarnado deve permanecer incógnito, definitivamente, por medida de higienização espiritual. Assim respeitamos o seu direito e a sua vontade."

Gleber disse-nos ser um espírito menor, a serviço de Deus. Pediu para não o considerarmos grandioso pelos acontecimentos relatados, pois fora apenas personagem ocasional, levado pelas circunstâncias.

Em sessão realizada no início de 1950, da qual não participei integralmente, cuja ata perdeu-se no tempo – como muitas outras – ouvi parte de sua história e a outra me foi relatada. Explica-se:

Eu residia em uma suíte no prolongamento da casa de Jair. A porta do meu quarto ficava em frente à da cozinha, que era usada como cabine do médium. Retornei dos afazeres às 21h30min. Supunha a sessão terminada, porém ainda prosseguia. Da minha porta, ouvi Joseph Gleber narrando, materializado, a sua história. Assim passei a registrar, indiscretamente, o restante da epopéia.

— Meu irmão – dizia –, foi essa obra-prima da música celestial, a *3ª Sinfonia* de Beethoven, que muitas vezes em minha vida terrena embalou minh'alma e de minha família. Até

mesmo no momento de maior testemunho, quando em doces devaneios caminhei abraçado à minha esposa para o martírio final. Andávamos para a boca da morte, à nossa frente, fortalecidos pela sonoridade dessa bela composição, a encorajar nossos espíritos, os quais, em minutos, transitariam do martírio às asas da liberdade. Hitler ali estava, impassível, gozando do fruto amargo da vingança junto a alguns de seus sequazes.

Ouvi, ainda, Gleber referir-se ao lançamento dele e de seus queridos ao forno. Sentiu o cheiro das carnes queimadas e logo tudo desapareceu de sua mente. Quando se lhe despertou a consciência, não estava só. Rodeavam-no mensageiros do amor dando-lhe alegremente as boas-vindas!

Meu peito e a garganta estavam oprimidos. Lágrimas em contas sucessivas deslizavam em minhas faces, refletindo a admiração que me inspirava seu relato.

No dia seguinte, os amigos disseram-me que a *3ª Sinfonia* de Beethoven fora posta a ser ouvida por alto-falante, junto à porta do forno crematório, por ironia de Hitler.

Ao conversar com os companheiros que presenciaram o relato, denotavam ainda, forte emoção em seus corações. O sacrifício desse espírito amigo fazia-nos sentir a grandeza da gloriosa vitória de Jesus.

20

Primeira Reunião Para Crianças

03/10/1949

À essa reunião convocada pelos espíritos compareceram as crianças Elci, Edgar, Rubens, Gilberto, Laura e Marília. Presentes, os adultos João Gonçalves, Ed e Ló, e os médiuns Fábio, Jair e este autor. Após a prece do dirigente João Gonçalves, foi entoado o hino *Prece*. Na cabine, explosões luminosas faziam-se notar. Um forte "boa-noite" e José Grosso apresentou-se alegre e brincalhão. Dirigiu-se especialmente às crianças, deixando-as à vontade.

Em pouco tempo, surgiu Palminha cumprimentando e distribuindo tapinhas fraternos. As crianças não se mostravam assustadas. Brincavam com o espírito e queriam dele se aproximar para retribuir os tapinhas. Palminha fazia questão de ser visto pelos presentes.

Os espíritos tinham um objetivo maior nesse convívio com as crianças. Estariam elas, no futuro, cientes da imortalidade da alma, mais preparadas para conviver com espíritos desencarnados.

Para nossa satisfação tivemos a presença de Scheilla. Dirigiu-se a Jair na antecabine, depois se encaminhou para a sala. A querida irmã se deixava ver graças à luz que conduzia na mão e à luminosidade de suas vestes. Cumprimentou-nos com um forte sotaque alemão e dirigiu-se às crianças, mantendo palestra agradável, ao nível mental dos pequeninos.

Uma menina de quatro anos chamou Scheilla e disse-lhe:

— Scheillinha, veja como é bonita a minha boneca!

Scheilla reclinou-se, tomou a boneca levando-a ao colo e concordou:

— Como é linda!

— Sim, Scheilla, ela é muito linda – exclamou a menina.

Como a data dessa reunião coincidiu com a do aniversário de Elci, filha de Jair, os espíritos mostraram-se profundamente carinhosos com ela. Elci havia colocado cravos em uma jarra, para os espíritos. Scheilla, a pedido de Jair, desmaterializou oito deles a fim de levá-los para ofertar a amigos e parentes dele, desencarnados.

Scheilla e José Grosso permaneceram na cabine, que a todo instante iluminava-se por sucessivos e demorados relâmpagos. Ao final, haviam sido desmaterializados os cravos. Maria Alice, por diversas vezes, alegrou as crianças com as castanholas e o sapateado.

Foram obtidas mensagens, por escrita direta, assinadas por André Luiz, José Grosso, Sebastian Varinella, Garcez, Joseph, Maria Alice, Scheilla e Nina Arueira. Todas de incentivo e amor aos componentes do grupo:

Meus irmãos,
Deus conosco.

Venho, novamente, alegrar-me convosco pelas graças que vamos obtendo do Pai! Nas vicissitudes desta vida, creio eu não encontrar amizade tão profunda como venho encontrando em nosso grupo. Que o Pastor fortaleça-nos sempre nas lutas que se seguirão. Que possamos, com paz, lançar seriamente a constituição do progresso evolutivo! Deus ilumine as nossas mentes,

André Luiz

Aos meninos.

Meus queridos irmãos,

Que a Paz Divina do Mestre reconforte seus bondosos corações.

É com grande alegria que escrevo esta mensagem onde vibra meu coração em carícias aos irmãozinhos assistentes. Quero sempre que todos possam reunir-se na sua infantil alegria para que eu possa viver momentos de amor e fraternidade entre corações puros, entre mentalidades cristalinas. Venham a todas as reuniões marcadas para que, dentro em breve, possa eu abraçar a seus corações puros numa felicidade recíproca! Orem por mim a Jesus.

Scheilla

Criança
Oh alma pura, oh gentil criança,
Venhas a mim com ardor,
És do mundo a esperança,
És do Cristo o amor.

Carinhos fraternos de Jesus
Busques nesta vida a amizade,
Procures na crença a luz
Na luz somente a verdade!

E peço-te, com amor, enfim,
Que vibres teu coração
Que peças ao Pai por mim
Em tuas singelas orações!

Scheilla

Meus irmãos, que Deus fortaleça-lhes sempre o íntimo para que possam continuamente trabalhar em prol do progresso, na sementeira do bem.

Sebastian Varinella

Que Deus os ampare!

Joseph Gleber

Se algo existe nesta vida
Que nos inspire a saudade.
É este núcleo com sua lida,
É este amor, esta fraternidade!

Nina Arueira

Muita paz,

Queridos irmãos e amigos.

É com lágrimas nos olhos que venho escrever, pela primeira vez, estas pequenas linhas; que sempre, doravante, possa eu transmitir em colóquio fraternal o que se acumula em meus sentimentos.

Muita paz,

Garcez

Envio minhas saudades, meus sentimentos que encerram meus beijos de amor ao meu querido Fábio, ao Dante e ao Jair, incluindo sentimentalmente todos os demais.

Maria Alice

Envio meu abraço a Elci, pedindo ao Pai que lhe proporcione muita compreensão, muito amor, muita fraternidade!

Maria Alice

A Elci
Irmãzinha do coração,
Nesta data feliz,
Sorrindo te dou a mão,
Seguindo sempre o que o Cristo diz:

Deixe vir a mim a criancinha
Dela é o reino, é a amplidão,
E de ti, querida irmãzinha,
É sempre meu coração.

Que o Pai te fortaleça
Nas lutas desta vida,
Que em nosso amor se estabeleça
Paz, fraternidade e fé, minha querida!

Scheilla

Neste grupo, creio eu,
Há amor, há fraternidade,
Há sempre o "tem dó deu",
Há luz, há claridade!

Se algo diz o Dante,
Responde "bisbiotando" o Jairinho!
Ri cada um pequeno infante,
Arranja Jairo seu segredinho!

E se nada disso acontece,
Nem o João com sua cachaça,
Vem correndo e fornece
Muito barulho o meu "casca"!

Mas apesar de tudo dito,
Sempre há amor, há fraternidade,
Há trabalho por infinito,
Há sentimento, há caridade!

José Grosso

21

Joseph Gleber Esclarece Rubens Romanelli

06/10/1949

Feita a leitura de um texto evangélico, a prece do dirigente abriu os trabalhos.

Nessa reunião recebemos a visita do querido Chico Xavier, acompanhado de seu irmão André e do cunhado Lindolpho, vindos de Pedro Leopoldo.

Os mentores relacionaram, pela psicografia de Fábio, os nomes dos companheiros que deveriam visitar determinado doente durante os trabalhos da noite: César, Márcio, Ló, Laurita e Catulino.

Conforme a orientação do plano espiritual, o grupo vinha mantendo equipes de visitação a enfermos em suas residências, quando estes não podiam comparecer às sessões.

Os visitadores estavam vibratoriamente conectados à equipe que processava as materializações, fato inédito na prática espírita.

A primeira entidade a se apresentar foi José Grosso, seguido por Maria Alice. Ambos se revezavam na sala por diversas vezes. José Grosso mantinha longa conversação, principalmente com Chico Xavier e seus companheiros. Contou-lhes diversas anedotas fraternas e deu-lhes informações sobre a colônia Nosso Lar. Revelou-nos, entre outras curiosidades, a existência de uma única porta de entrada, dotada de aparelho que acusa, para o interior da

colônia, a disposição íntima dos espíritos que dela se aproximam.

Em seguida, Joseph Gleber entrou no recinto. Veio esclarecer a dúvida de Rubens Romanelli quanto ao comportamento da assistência nas reuniões. Indagara o companheiro se seria preferível os freqüentadores se mostrarem mais reservados, pois temia que o clima de brincadeiras pudesse prejudicar os trabalhos e não corresponder à grandeza dos fenômenos.

Joseph respondeu que as ocorrências nesses encontros estavam nos planos de André Luiz e que manter a concentração, durante algumas horas, seria impossível caso não houvesse alegria, fraternidade e descontração na sala. As brincadeiras constituíam valioso instrumento para afastar das mentes dos assistentes as preocupações da vida material, aliviar a fadiga decorrente da duração dos trabalhos dos espíritos e um meio de "distrair a atenção deseducada". Enfim, tudo ali acontecia em atmosfera santa e evangélica. Comovido, Rubens agradeceu o esclarecimento.

Maria Alice alegrou a assistência com sapateados.

Os companheiros visitadores retornaram satisfeitos informando terem registrado significativa melhora no enfermo, após o atendimento.

Da cabine ouviam-se batidas no teclado da máquina de escrever, trazida por César. Era Nina Arueira quem datilografava.

Nesta noite, houve um eclipse lunar que prejudicou os trabalhos, pois se estabeleceu considerável desequilíbrio psíquico impedindo José Grosso de apresentar a Chico e a nós os fenômenos desejados. Mesmo assim, os enfermos presentes foram medicados. José Grosso deu conselhos e receitas, aplicou a pipeta luminosa em alguns doentes e ouviu pacientemente vários confrades. Pediu para encerrar a reunião.

Por escrita direta, encontramos mensagens sobre a mesa e na máquina de escrever.

S empre lutar em prol de todo irmão
C aritativos, com fé e com esforço
H avendo sempre paz e união
E ntregando ao Cristo do grupo um esboço
I rradiando sempre fé e harmonia
L evando a todos a voz do coração
A mparados em Deus, em Cristo, em Maria!

Será o lema dos pequenos cooperadores
Que apalpam do infinito a sua beira
Transmitindo a outros do progresso os rumores
Sob os passos de nossa irmã Scheilla!

Nina Arueira

Meus amigos, se soubéreis distinguir
Mediunidade – de animismo
Trabalho – de ambição
Caridade – de orgulho
Cooperação – de proveito próprio
Fraternidade – de vida à custa alheia!
Amor – de materialidade
Auxílio – de egoísmo!
Sereis benquistos aos olhos do Pai.

André Luiz

Se algo existe, que irradie claridade
Chamando a todos à força da razão
É este ato sublime, esta mediunidade
Que liga, em laços, terra, espaço, amplidão.
Se existe alguém que diz não ter visto
No médium nenhum fenômeno, então,
Digo eu: ore e veja no Cristo
Esta força que é Seu coração.

Mas ser médium sem ter verdade,
É como ser belo em plena escuridão!
Ser médium sem ter fraternidade,
É ser um nulo, um homem sem coração!

Nina Arueira

Quando queremos algo que nos induz
A lutar em prol do progresso
É ver o Cristo pregado na cruz
Depois olhá-Lo em Sua grandeza, Seu excelso.

Maria Alice

sueM soãmri, euq a zap od rohneS ajetse moc sodot sêcov. oxieD o uem oçarba arap riaJ, oãoJ, acsaC, óL, ahniruA e a sodot.

ésoJ ossorG

(Meus irmãos, que a paz do Senhor esteja com todos vocês. Deixo o meu abraço para Jair, João, "Casca", Ló, Aurinha e a todos.

José Grosso)

Ao Edgard

O que pede o querido irmãozinho
Que é o bondoso Edgard
É obra de teu belo coraçãozinho
No qual eu quero um lugar

E, mais além, eu darei, então,
Num gesto que recompense teu esforço
Um forte aperto de mão
Deste pequeno José Grosso.

José Grosso

A Elci

Crê você, Elci querida,
Que eu teço para ti uma esteira
Que guardará para toda a vida
O teu amor, o meu e o da Scheilla.

E, assim, quando desejares deste irmão,
Para algo nas lutas desse mundo

Saibas que é teu meu coração
E um grande reconhecimento profundo.

José Grosso

Conselhos

***D** ar ao pobre é fato bondoso*
***A** mparar aos fracos e ter bom coração*
***N** avegar, sempre, no mar amoroso*
***T** endo em vista o progresso na amplidão*
***E** ter amor, fraternidade, ser um irmão.*

José Grosso

22

Leprosário Santa Isabel

08/10/1949

As materializações de José Grosso e de Maria Alice ocuparam as duas primeiras horas da sessão. O primeiro, deliciava-nos com seus habituais ditos, pilhérias e conselhos paternais. Tamanha atenção com os presentes levou-o, com paciência enternecedora, a distribuir água aos que tinham sede, a todos cativando. Apresentou ao grupo suas habilidades: ao confrade César enrolou um disco fonográfico, diante dos surpresos assistentes, e deu-o àquele amigo. Repetiu o fenômeno com outro disco para um companheiro. Estes discos foram fotografados e guardados nos arquivos do Grupo Irmã Scheilla.

Na época, os discos eram fabricados com acetato, material pouco flexível, não suportando dobraduras sem quebrar-se, a não ser aquecidos. Isto mostra que o Espírito José Grosso deveria dispor de outros recursos para vergá-los.

O amigo anunciou que Joseph, Fidelinho e os demais cooperadores do plano espiritual não poderiam acompanhar os trabalhos da noite por estarem ocupados no Leprosário Santa Isabel, em Betim. A sessão estava sendo realizada para atendimento aos doentes daquele hospital. Muitos enfermos foram beneficiados, pois receberam dos componentes do grupo energias que auxiliariam na reconstituição das células danificadas pelo bacilo de Hansen.

A pedido de José Grosso, em reunião anterior, César entregou-lhe balas transparentes, de açúcar. Ele esfregou-as na sua lâmpada 'mágica' e as distribuiu, pedindo-nos que as mastigássemos. A cada mordida, um clarão enchia as bocas. A assistência acompanhava a 'mágica' com boas risadas. José Grosso esclareceu que aquele tipo de balas tinha a propriedade de manter a luminosidade, mas poderíamos ficar tranqüilos pois não haveria efeito nocivo.

Novas luzes foram vistas dentro da cabine e outra entidade iluminou-se completamente. Alta, magra, envolvida numa túnica fluídica a lhe ocultar o rosto. Suas mãos finas e pequenas denunciavam um espírito feminino. Recuando, deixou-se ver ainda mais nítida, principalmente por Jair, com quem trocou algumas palavras. Ao final da reunião, a entidade produzira linda mensagem, por escrita direta, assinada por Célia. Um dos assistentes disse tratar-se de Célia Xavier, desencarnada em Belo Horizonte. Ele afiançou-nos, pelo conteúdo da mensagem, não ter dúvidas quanto à autoria.

Dias depois se confirmou pelos espíritos a identidade da visitante. Célia Xavier fora uma emérita obreira da doutrina. Existe hoje um centro de trabalhos com seu nome. Consultados os arquivos não foi encontrada a sua mensagem.

Outro espírito se fez notar por sua luz cintilante. Era Scheilla, a tão querida de todos. Saindo da antecabine, foi a um espelho, retocou o penteado e caminhou para o centro da sala. Trazia sobre a cabeça um véu fluídico que lhe vedava a fisionomia. Vestia calça comprida listrada, corte masculino, de cor cinza ou marrom. Na cintura, uma espécie de corrente, à guisa de cinto. Parecia trazer o tórax desnudo, porém, com o busto coberto por um véu. Debaixo dele, na altura da boca, um foco luminoso juntava-se à luz que jorrava de uma das mãos, envolvendo-a em lindo halo. Sua silhueta era perfeitamente visível.

Por diversas vezes esse espírito assim mostrou-se para a assistência. Cada um de nós destacava em voz alta os detalhes nele identificados.

Scheilla, ao postar-se diante do espelho, cuidando dos cabelos, levou muitos dos assistentes a indagarem se a companheira ainda teria vaidade. Esclareceu-nos:

— Quando desencarnei, na última guerra, durante o primeiro bombardeio aéreo inglês, nas proximidades de Berlim, eu estava muito perto de uma das explosões. O impacto atingiu minha face com tamanha intensidade que o perispírito ainda traz profunda cicatriz. Por isso, durante o processo de materialização procuro preencher o local com massa ectoplásmica, e estou conseguindo me reconstituir mais rápido, graças a Deus.

Muitos irmãos recolheram-se em pensamentos, vibrando amorosamente em favor da amada Scheilla. Quando a amiga se retirou, José Grosso voltou e enfrentou a curiosidade da assistência.

— Scheilla vestia calça cinza, o seu traje preferido quando vivia na Alemanha. A corrente, na cintura, era o cordão fluídico que a prendia ao médium – esclareceu.

José Grosso retornou à cabine e Maria Alice veio dançar, deixando-nos ver, pela primeira vez, sua luz cintilante. Depois entregou a César as castanholas, acariciou-o e a mim. Eu controlava a radiola para ela dançar, como determinara José Grosso, que me nomeara seu secretário.

Ouvimos o som da máquina de escrever e encontramos, ao final da reunião, alguns textos e uma quadra dos amigos espirituais.

José Grosso apresentou-se visível da cabeça aos pés, mas apenas para Jair. Estava menos iluminado do que habitualmente visto pelo companheiro. Preparou um medicamento com a pipeta luminosa, para a úlcera de

estômago de César, a quem pediu um copo com água e iluminou-o por alguns instantes. A assistência viu e ouviu vibrar dentro do copo uma bolha de luz. Durante esse fenômeno, César sentiu a água aquecer a ponto de transferir calor para o copo.

José Grosso afirmou a Ló que os cravos levados por Scheilla para o plano dos espíritos, na reunião do dia 3 de outubro, se encontravam perfeitos, perfumados e viçosos e seriam restituídos aos ofertantes em poucos dias.

Estava previsto um passeio de todos os participantes do grupo em local aprazível, com cascatas e muito verde, para reabastecer-nos espiritualmente. José Grosso afirmou que ele e os demais amigos espirituais acompanhariam o grupo na excursão.

A reunião terminou com a prece de Jair pelos enfermos e, em especial, pelo médium Fábio, por quem rogou a Deus multiplicasse os dons mediúnicos, tão necessários ao atendimento dos doentes.

Meus irmãos,

Que a paz do Senhor ilumine os vossos propósitos.

Irmãos, paz em Jesus.

Deixo, em poucas linhas, entre todos vós, os meus votos de progresso nos quais expresso o meu contentamento por ingressar no grupo.

Da irmã,

Irma

Meus amigos,
Quando estiverem sentidos,
Por carregarem pesada cruz,
Olhem com fé, condoídos
As chagas no corpo de Jesus.

Célia

23

Passeio para Reabastecimento

09/10/1949

César e Márcio receberam a incumbência de organizar a excursão de revigoramento. Participariam cerca de 35 pessoas, adultos e crianças. Reuniram-se em frente ao Centro Espírita Oriente, de onde a caravana partiu, às 9 horas.

Perto da Fazenda Purri, nas proximidades do rio das Velhas, deixamos o transporte e pusemo-nos a caminhar. Vencemos cerca de quinhentos metros, até atingirmos finalmente um calmo e desabitado local às margens do rio.

Ali desfrutamos, com alegria contagiante, de momentos agradáveis e de refazimento até o entardecer. Uma oração e vários cânticos encerraram o doce convívio, enquanto Fábio recebia mensagens e quadras poéticas. César agradeceu em prece a proteção de Deus pelos bons resultados dos trabalhos espirituais.

Fabio registrou pela vidência um estranho veículo, em forma de triângulo, descendo perto de onde estávamos. Memorizou o local e lá foi desacompanhado. Examinou-o detidamente e identificou os ilustres passageiros do aparelho – José Grosso, Scheilla, Nina Arueira e Palminha.

Contou-nos que o veículo nos acompanhou durante o regresso, voando pouco acima do caminhão que transportava o grupo.

Diversas mensagens nos foram enviadas por psicografia:

Meus amigos, neste campo
Fala a voz do meu coração
Caio, saudoso, em sublime pranto
Quando escuto esta oração.
E é assim, meus irmãos
Que lhes digo o meu bom-dia
Abrindo meu coração
A vocês e a Maria.

Que Deus os fortifique
Nos propósitos sublimes
Que suas ações edifiquem
A graça que redime.

José Grosso

Já viram, irmãos, maior beleza,
Maior encanto, melhor vibração
Do que a pura natureza
Obra grandiosa da Criação?

E é nestes sublimes recantos
Que encontramos harmonia
Que medimos todos os encantos
De Deus, de Jesus, de Maria.

Nina

Meus amigos, meus irmãos,
Nesta hora elevada, infinita,
Digo-lhes, do meu coração,
Que esta tarde sempre se repita.

José Grosso

Meus amigos,

Que a paz do Senhor ilumine sempre os nossos corações que nesta hora vibram ao Senhor! Não posso esconder-lhes o meu contentamento por termos conseguido algumas horas de paz, fraternidade e amor!

Por termos escapado, por momentos, das vicissitudes intemperantes e cruéis da humanidade, me vanglorio entre todos, pedindo ao Pai que sempre nos proporcione momentos como esse para podermos trabalhar sempre com as forças da natureza, unindo o belo ao proveitoso, o divertimento ao trabalho!

Creio que sempre me recordarei deste nosso descanso, podendo, doravante, exclamar com imensa alegria: pude viver entre irmãos, na livre natureza, longe das aglomerações tumultuosas das cidades, momentos de paz, harmonia e amor!

Scheilla

24

Psicodrama

11/10/1949

Benévolos, os espíritos, conclamavam-nos para melhoria do nosso íntimo. Brandos, sutis, sem ferir-nos, alertavam-nos para ponderarmos o que pedir e perguntar às entidades.

Fugiam-me à lembrança os fatos daquela noite, mas grande foi minha surpresa quando iniciei a leitura da ata correspondente. Uma abertura no subconsciente devolveu-me as imagens da reunião acontecida há mais de meio século.

Após a prece, José Grosso surgiu no salão e cumprimentou os assistentes. Mandou-me para a cabine com a pipeta luminosa. Pude então observá-la detalhadamente. Minhas impressões encontram-se no final deste capítulo.

José Grosso assentou-se na cadeira onde eu estivera, entre João e César, e se pôs a brincar e a conversar comigo. Suas pilhérias eram uma hábil e fina crítica ao pensamento predominante no meio espírita em relação ao mundo invisível e aos espíritos materializados.

Invertendo os papéis dos personagens, colocou-se como simples assistente dos trabalhos cabendo-me interpretar o de espírito materializado. É impossível reproduzir tudo o que foi dito por José Grosso naquela reunião. Tão interessante e divertida foi, que levou a assistência às gargalhadas. Tentarei resumidamente reproduzi-las, considerando que cada dito de

José Grosso tem conexão com perguntas ou fatos habitualmente ocorridos em nosso ambiente de materialização.

— Dante, agora serei um assistente. Você está bem materializado?

— Estou, mas o ambiente está fraco.

— Então dá um jeito para o fluido aparecer. Manda o pessoal se concentrar.

— Vou fazer.

— Quantos espíritos estão aí com você, irmão Dante?

— Muitos, mas não estão visíveis.

— E o José Grosso, ele também está aí?

— Está, mas você não pode vê-lo agora.

— Com certeza é um espírito das trevas, não?

— Não, é de luz.

— Mas, que espécie de luz é a dele? Artificial?

— Não. Espiritual, e da boa!

— Irmão Dante, tenho umas trinta perguntas para fazer-lhe, posso?

— Sim, pode começar.

— Tenho uma prima que desencarnou muito aflita, há trinta anos. Pode dizer-me como ela está?

— Vai muito bem. Ainda não reencarnou.

— Quando eu durmo, irmão Dante, costumo ter sonhos muito complicados. Sonho que estou vendo uma mesa muito comprida, com máquinas de escrever, papéis em branco, lápis...

— Deve ser o escritório do César.

— Irmão Dante, você quer saber de uma coisa? Seus espíritos são muito atrasados. Sua turma é fraca demais! Convém chamar o Palminha. Traz o Palminha lá de dentro.

— O Palminha não tardará. Vou chamá-lo.

— Onde está a sua luzinha?

— Não está funcionando. A falta de concentração apagou-a.

— Irmão, estou com uma dor medonha aqui do lado. Você pode dar-me um remedinho? A luz de sua lampadazinha basta para curar-me.

— Vou providenciar.

— Você quer enrolar um disco para mim? Um disquinho para eu levar para casa.

— Vou enrolar um disco...

— A parafina está fervendo lá dentro, você bem que podia fazer o molde de sua mão para mim, que acha?

— Qual nada, a parafina não presta. Está dura e quebradiça.

— Vou fazer-lhe um pedido. Ilumine a sua mão para mim.

— Espera... Um momento... Ah! Mais tarde eu a iluminarei.

— Vamos ter muitas materializações hoje, irmão Dante?

— Algumas. Scheilla, Maria Alice, Fidelinho...

— Formidável! Sua turma é formidável. Mas ninguém ainda viu essa turma...

— Todos virão aqui. Vamos esperar.

— Qual, irmão Dante, eu já estou quase dormindo. Creio que não vou ver muita coisa.

— Convém não dormir. Você pode cair da cadeira...

— Você está nu? Está calçado? Como você está, espírito de luz?

— Estou vestido, só não tenho sapatos.

— Coitado, nem para isso ele conseguiu fluidos... Como vai o médium lá dentro?

— Vai bem.

— Sabe, estou com vontade de ir ao cemitério ver uma coisa...

— É bom você não ir. Para que ir ao cemitério, secretário?

— Pode ficar tranqüilo, não vou mais lá.

— Antes assim!

O diálogo foi gravado, registrado em ata e aqui sintetizado. A conversação manteve-se ao longo de duas horas porque José Grosso também falava com os assistentes. Com isso, ele aproveitou a oportunidade para dar-nos uma lição pelas perguntas medíocres que fazíamos ou por cochilarmos durante os trabalhos mediúnicos. Mostrou-nos a infantilidade de algumas exigências e a pequenez de nossos problemas ante a grandiosidade das questões do Além.

José Grosso retirou-se e Maria Alice por duas vezes dançou, sapateou e tocou piano, alegrando-nos com sua graça e jovialidade. Ao longo dos trabalhos, espíritos que visitavam o Grupo Irmã Scheilla, pela primeira vez, deixaram mensagens escritas.

Uma criança, Maria Tereza, filha do companheiro Simas, assistiu aos trabalhos. Corajosa, conversou animadamente com os espíritos e deles recebeu uma pequena e expressiva mensagem.

Durante o diálogo com José Grosso eu estava com a pipeta nas mãos e pude examiná-la detalhadamente. Cilíndrica, pequena, media aproximadamente 6 cm de comprimento e 1, 5 cm de diâmetro. Uma das extremidades apresentava prolongamento luminoso, talvez com 1cm. Auxiliado pela luminosidade observei o corpo resistente e de cor escura. Apalpando-a tive a impressão de ser de metal, semelhante ao chumbo. Não tinha nenhum dispositivo, como um interruptor, para acender ou apagar a luz. Apertei a pipeta por todos os lados mas não consegui variar sua luminosidade.

José Grosso agradeceu aos presentes por aqueles momentos de colóquio fraterno. Na graça de Jesus, foram beneficiados muitos irmãos hospitalizados, bem como os que já deixaram a roupagem física.

Numa folha de papel César escreveu:

E a alma sente que alguma coisa existe
Por detrás das estrelas e dos astros
Que rolam pelo espaço imenso e triste
E o coração de Jesus diz para nós
Que sigamos a rota de teus rastros
Que ouçamos o rumor de tua voz!

Ao pé da folha estava escrito:

Estas mesmas almas, elevadas em prece,
Chorando à voz de sentido coração
Sinceramente feliz agradecem
A tão bom, tão querido irmão.

Nina

A querida irmã Maria Tereza
Que também é criancinha
Abraço sua graça, sua beleza.
Da irmã Luizinha.

Luizinha Ferres

Deus, Pátria, Família,
Eis um tema de preleção.
Deus, Jesus, Maria,
Eis a luz do coração.

Nina

Vejam o Mestre, vejam Jesus
Olhem nos céus a claridade
Os reflexos de sua cruz,
Percebam em ambos a verdade.

Nina

25

Visitas de Ranieri e Inacinho

15/10/1949

Nesta reunião, recebemos com alegria as visitas de Rafael Ranieri e Inacinho, ambos do Grupo Espírita André Luiz, do Rio de Janeiro, onde colaboravam nas reuniões de materialização, cujo médium era Francisco Lins Peixoto, o Peixotinho.

A reunião do Grupo Scheilla foi dedicada aos visitantes, que dos espíritos receberam amabilidades, carinhos e incentivos. Scheilla saudou-lhes, falando da alegria em vê-los no grupo.

José Grosso indagou aos visitantes se haviam percebido alteração no timbre de sua voz em comparação à ouvida no Grupo André Luiz. Os companheiros confirmaram ter notado pequena modificação, porém, o mesmo não acontecia com a voz de Scheilla. Isso se dava em razão da diversidade de médiuns e de ambientes

Ranieri destacou, contudo, que a personalidade de José Grosso era a mesma, nos detalhes, nos ditos, nas exclamações, nas adjetivações, nas pilhérias e em todas as suas manifestações.

Scheilla pediu a Ranieri para incentivar o nosso grupo, pois necessitava do concurso ativo dos companheiros nos trabalhos em prol dos enfermos.

José Grosso e Ranieri trataram de assuntos relativos aos trabalhos de materialização e seus resultados. O espírito amigo informou-nos que os materializados muito dependem dos

médiuns – física, psíquica e mentalmente. Estes contribuem com o seu mundo mental para que os espíritos 'vistam' o seu pensamento. Nos trabalhos de materialização, em especial, é importante tal colaboração.

Ficamos sabendo, também, de algumas curiosidades. Durante os nossos trabalhos, há espíritos encarregados de registrar tudo quanto ocorre; outros ficam na cabine, atrás das cortinas, manipulando fluidos, manobrando máquinas e aparelhos, preparando o ambiente psíquico. Em nosso grupo, o Espírito Garcez era responsável por essa tarefa e no Grupo André Luiz, do Rio, José Grosso. Um espírito pode ser materializado sem a intervenção de sua vontade, caso necessite de ser doutrinado.

Os aparelhos que os espíritos utilizavam não podiam ser por nós manuseados, somente quando autorizados, pois produziriam câncer nas mãos de quem os tocasse.

Os discos, enrolados com grande facilidade diante dos presentes, eram submetidos pelos espíritos a um aquecimento, a nós invisível, dilatando as moléculas, tornando-os igual pasta flexível, podendo até ser percebida sua alta temperatura. Na presença de Ranieri e de Inacinho, discos foram enrolados e aos dois presenteados.

Naquela noite, Maria Alice dançou, tocou pandeiro e castanholas. Revelou-nos que um desenho feito por Ranieri, na véspera, no Centro Espírita Oriente, fora por ela inspirado. José Grosso aplicou focos radioativos de cura em vários confrades. Joseph Gleber falou aos visitantes com muito afeto e Palminha brincou com alguns dos assistentes, principalmente com Márcio Cattoni.

Após a reunião, foi encontrada uma relação com os nomes de companheiros designados para visitar uma instituição espírita de nome Nosso Lar, em construção na cidade de Esmeraldas, afastada de Belo Horizonte.

26

Reunião Dedicada às Crianças

17/10/1949

Esta reunião, como outras do gênero, tinha por objetivo colocar as crianças em contato com o plano espiritual para receber ensino cristão.

Após o comentário evangélico, ouviu-se a voz forte de José Grosso cumprimentando-nos. A sala se encontrava completamente às escuras. Viu-se uma pequena luz verde, que se sabia radioativa, 'dançando' no espaço por alguns momentos. Como ela se movimentava quase na altura do teto, imaginamos estar sendo manipulada por um espírito de alta estatura.

Ranieri fez perguntas a José Grosso, já conhecidas dos adultos, mas com o intuito de instruir as crianças. Como o espírito usava botinas, perguntou:

— José, espírito também usa botinas?

— Usa, mas os calçados aqui não têm número.

— Eles são feitos de couro ou de outro material?

— Outro material, tão bom quanto o couro, mas vocês não o conhecem.

— Vocês conseguem fazê-los apenas com o exercício da vontade ou são feitos de outro modo?

— Não, Ranieri, temos máquinas para fabricá-los.

— E vocês recebem os calçados de graça?

— Não. Por este paguei meio bônus-hora. Aqui também

se trabalha, e muito. Estes trabalhos de materialização, que parecem brincadeira, valem muitos bônus-hora.

— E suas roupas, como são feitas?

— Também temos máquinas para isso.

— Onde elas estão?

— Aqui mesmo. Fazemos na hora.

— José Grosso, dizem que as roupas luminosas usadas por vocês, no Grupo André Luiz, são o perispírito iluminado. A mim, sempre pareceram apenas roupas sobre o corpo materializado...

— É isso mesmo, Ranieri, é uma confecção especial.

— Na espiritualidade há crianças?

— Há sim.

— Onde elas ficam?

— Em educandários.

— E elas estudam e fazem suas lições?

— Aqui não temos crianças preguiçosas.

—José Grosso, diga-me sua opinião sobre a bomba atômica. Ela foi oportuna ou prematura?

— Foi precipitada, não é Ranieri?

— Muitas invenções humanas podem ser criadas sem auxílio dos espíritos?

— Podem. É gente daqui que leva para aí os conhecimentos. Reencarnam com essa missão específica. Chegando à Terra, delas se recordam e as realizam. Respondem no entanto pelos efeitos nocivos que deliberadamente sua invenção venha a produzir. É uma questão de livre-arbítrio.

— José, você poderia nos explicar como se dá a duração da vida humana? O indivíduo, para viver 50 ou 80 anos, traz ao nascer, no seu organismo, um potencial que lhe permita tal longevidade?

— É isso mesmo. Vocês são como pilhas. Ao nascer, é acumulada em seu organismo uma quantidade de energia

magnética a ser despendida ao longo dos anos. Tão logo se esgota, o espírito se desprende em definitivo do corpo.

— No caso de a pessoa estar desempenhando bem sua missão espiritual e recorrer aos poderes do mais Alto desejando prolongar sua vida terrena, o que acontece?

— Vêm magnetizadores especializados e recarregam a 'pilha' por mais dez ou vinte anos, que seja...

— João está citando o caso dos dissipadores de energias, dos viciados...

— É isso mesmo, estão perdendo a energia antes do tempo, esbanjando forças preciosas.

— Daí, José, ser isso considerado suicídio, não é?

— Sim. É isso.

— Qual a finalidade dessas aplicações que vocês estão fazendo em Jair?

— Estamos 'fazendo' um médium, não é Ranieri?

— Mas eu queria saber como estão agindo estas aplicações...

— Exteriorizando a mediunidade.

— 'Descolando' o perispírito das células físicas para agir independente do corpo?

— Isso mesmo.

José Grosso retirou-se e logo veio Palminha fazendo brincadeiras, especialmente com as crianças. Convidou Ranieri a sentar-se em uma cadeira e empurrou-o por todo o recinto. Terminado o circuito, Ranieri propôs:

— Palminha, vamos fazer uma coisa. Sente-se na cadeira e eu o empurrarei.

O espírito riu, aceitou o convite e foi empurrado por Ranieri pela sala. Logo, o condutor perdeu o rumo por estar o ambiente completamente escuro.

Palminha convidou-o:

— Ranieri, vamos para a cabine.

Ele tentou obedecer. Direcionou a cadeira para um lado, mas foi sobre um assistente; mudou a direção e foi para o piano.

Disse o espírito:

— Espere um pouco.

Levantou-se, corrigiu o rumo e autorizou:

— Empurre agora.

A cadeira, impelida por Ranieri, deslizou facilmente para a cabine. Notamos a boa visão do espírito no escuro. Depois disso, brincou com mais algumas pessoas e se retirou.

Explosões luminosas vinham da cabine. As crianças se encantavam. Maria Alice apareceu sapateando e tocando castanholas. Todos foram invadidos por grande sonolência e alguns se sentiram enfraquecidos. Depois de nos brindar com sua simpatia, ela se retirou.

José Grosso entrou e foi interrogado novamente:

— A finalidade da dança de Maria Alice é divertir-nos ou enquanto ela dança vocês tiram nossos fluidos?

— É para retirar os fluidos... – exclamou sorrindo.

— Qual o processo usado? É apenas pela vontade ou há aparelhos?

— Temos uma máquina para isso. É semelhante a um aspirador de pó. O fluido ruim é sugado por um tubo especial. O bom é aproveitado.

Sobre a mesa da cabine foram encontrados diversos medicamentos com as respectivas posologias.

27

A Nova Denominação do Grupo Irmã Scheilla

16/10/1949

Foi num domingo que o grupo se reuniu em tarde festiva no Centro Espírita Oriente. A espiritualidade, atuante nos trabalhos com Jesus, trouxe-nos uma mensagem comunicando que a partir daquela data o grupo se denominaria Grupo da Fraternidade Irmã Scheilla.

Em seguida, Jair fez a leitura de uma carta de Chico Xavier, datada de 14 de outubro:

Acompanho o serviço do nosso querido grupo com o meu coração voltado para Deus, e rogo a Ele que conceda a todos os componentes muita paz e luz no prosseguimento da gloriosa jornada que o Grupo Irmã Scheilla iniciou com Jesus. Tenho, ainda, comigo o perfume espiritual da inesquecível noite do dia seis deste, e rogo ao Alto para que, em breve, eu possa ter a felicidade de voltar para abraçá-los e receber o conforto dos nossos amados benfeitores espirituais.

Sempre que vocês tiverem aí as cópias das atas dos trabalhos, não se esqueçam de mim, pois muito me interessa o curso das atividades do conjunto. Considero muito importante o regimento traçado e que Jesus nos abençoe.

Fábio Machado psicografou uma mensagem de Scheilla endossando a nova denominação do grupo. Na íntegra, as suas palavras:

Meus amigos, que a paz do Mestre fortifique os nossos propósitos. Não podem todos imaginar o meu contentamento e a minha alegria por estar, entre vocês, a animação sadia de trabalhadores do Bem.

O nosso Grupo da Fraternidade será um dos balaústres que proporcionará, a nós e a todos os que dele se aproximarem, momentos de recompensa e alegria íntima.

Sendo os propósitos sempre fortes e rejuvenescidos pela felicidade da cooperação, breve estaremos conseguindo belos resultados que irão felicitar-nos de uma alegria tal que seremos sempre agradecidos pelas luzes de Deus.

O Pai os ouça e abençoe,

Scheilla

Com esta mensagem, os componentes do Grupo da Fraternidade Irmã Scheilla sentiram seus esforços coroados de êxito, com a incorporação dos postos de socorro da capital e do interior, ao nosso grupo. Guardo na lembrança uma reunião em que Joseph Gleber, materializado, antevia agremiações congêneres denominarem-se Grupos da Fraternidade, implantando-se como marcos de luz sobre o território brasileiro e atravessando fronteiras. Dava-nos a entender a grandiosidade desses trabalhos.

Reunião encerrada, fomos agraciados com belas quadras:

Grupo da Fraternidade

Neste momento de alegria
Onde se funde a amizade,
Peço as bênçãos de Maria
Para o Grupo da Fraternidade.

Que continuemos com o mesmo amor
Que encontro neste belo ambiente.
Vamos, portanto, lançar, com ardor
No campo, a sadia semente.

Mais tarde, quando vier a fertilizar
Com fruto, a terra que plantamos,
Veremos o que o nosso esforçar
Nos oferece para que colhamos.

Deus, portanto, em Seu amor,
Ouvirá a nossa oração
E lançará com Seu puro ardor
As luzes de Seu coração.

Nina

Neste dia tão feliz,
Onde brilha a amizade,
Lindas flores de matiz
Cercam a nossa caridade!
Que no progresso, nas labutas,
Reine a luz da compreensão
Amparando as nossas lutas
Iluminando-vos o coração!

Scheilla

Se um fraco pode ter felicidade,
Tive-a aqui, neste momento,
Onde este Grupo da Fraternidade
Ampara-me o pensamento!

José Grosso

28

Balas Luminosas

18/10/1949

José Grosso abriu a reunião com saudações amistosas, divertindo os companheiros. César, novamente encarregado de levar balas, entregou-as ao amigo espiritual que as impregnou de luminosidade, com sua pipeta. Entregou uma para cada assistente. Mastigadas, pareciam blocos de luz, brasas esverdeadas, visíveis no escuro. Sua luz era suave, sem provocar danos.

José Grosso explicou que esse efeito se devia à radioatividade emitida pela pipeta, cuja luminosidade era retida pelo açúcar do confeito. O tempo de duração dessa luminosidade era limitado em poucas horas. Um companheiro levou para casa uma dessas balas, ainda fosforescente, e mostrou-a à família.

Palminha foi à sala e comentou que só os corpos que possuem cálcio, com exceção dos ossos, são suscetíveis a este fenômeno. A água igualmente apresenta a mesma propriedade quando tocada pela pipeta.

Músicas clássicas harmonizavam o ambiente. Efeitos luminosos aconteciam a todo instante na cabine. Enquanto José Grosso estava na sala, tivemos a impressão de que medicamentos eram manipulados. No final da reunião muitos deles tinham sido preparados para os enfermos cujos nomes estavam sobre a mesa. As receitas foram recebidas por psicografia no dia anterior, no Centro Espírita Oriente.

José Grosso disse que as entidades não conseguiam se materializar simultaneamente em número maior porque os médiuns ainda não forneciam material ectoplásmico em qualidade e quantidade suficientes. No futuro, isso seria possível, além de outros fenômenos não-catalogados.

Scheilla iluminou-se, cumprimentou-nos e exaltou os sentimentos do grupo, conclamando-o para o trabalho com Jesus, através dos necessitados. Medicou alguns enfermos e retirou-se.

Joseph Gleber saudou os presentes e projetou fortes luzes nos enfermos. Retornou à cabine a fim de preparar outros medicamentos.

Maria Alice se fez presente dançando, sapateando e tocando castanholas.

29

Palminha

Meigo e espirituoso, apresentava aparência e atitudes cativantes. Conservo, ao longo dos anos, sua imagem esguia, ágil, sempre sorrindo, levando alegria para todos. Por várias vezes medimos força física e eu sempre era vencido.

O grupo foi informado que além de suas graças e do vocabulário simplório e fraterno havia um motivo maior em sua participação nos trabalhos. Sua função era a de afastar preocupações e pensamentos negativos dos assistentes, enquanto os companheiros espirituais colhiam de nós energias saudáveis, dispensadas de boa vontade. Essas energias eram utilizadas em favor de necessitados encarnados e desencarnados.

Era comum, no encerramento dos trabalhos, os mentores agradecerem as vibrações equilibradas e espontâneas dos assistentes. Mas estas vibrações originavam-se especialmente da alegria produzida por esse ser espiritual.

Palminha, segundo suas palavras, fora irmão de José Grosso. Seu nome era Antônio da Silva e trabalhara como carteiro. Desencarnou com menos de trinta anos. Uma de suas explicações textuais para o fato: "Alguém pisou no meu pé e eu mandei um nome feio... Aí, bum! Um tiro na testa!"

Quando ele começou a materializar-se não conseguia falar. Identificava-se apenas batendo palmas, por isso, era chamado de Palminha. Após três reuniões consecutivas

pronunciou "boa-noite", mas continuava a bater palmas. Depois de algum tempo começou a falar desembaraçadamente. Nas reuniões para os pequenos era personagem indispensável. Sempre foi o irmão adulto com alma de criança, contando-lhes histórias inolvidáveis.

Quando demorava a aparecer a criançada reclamava, inconformada:

— Por que Palminha não vem?

— Gosto tanto de brincar com ele...

Ao surgir na sala, era recebido com aplausos, risos e exclamações de alegria que só os infantes sabem oferecer em sua espontaneidade.

Passaram-se alguns meses de convivência com Palminha quando um dos mentores nos informou que ele iria retirar-se do grupo a fim de se preparar para a reencarnação.

Uma sombra de tristeza desceu sobre todos, não obstante os adultos entenderem ser-lhe um prêmio o retorno à carne. Prêmio que Deus distribui a todos os espíritos que palmilhamos pela estrada da evolução. Alguém da assistência ponderou:

— Seria tão bom se a encarnação de Palminha pudesse ser protelada... Assim, poderíamos usufruir um pouco mais da sua companhia!

Para agradável surpresa nossa, esta exclamação funcionou como a força de uma prece em comunhão, pois os presentes endossaram-na com sentimento cristão. Em uma das reuniões veio a notícia de que Palminha aceitara o alvitre fraterno com muita alegria, e a espiritualidade autorizara o adiamento solicitado.

Jubilosamente, o coral do grupo entoou o hino de Palminha e tivemo-lo por longo tempo nos trabalhos.

30

Comemoração das Obras da Instituição Nosso Lar

19/10/1949

Nesta reunião, em que aconteceram fenômenos que fugiram ao nosso entedimento, festejava-se a nova fase da construção de Nosso Lar, instituição espírita criada para acolher menores abandonados.

Presentes 18 participantes do Grupo Scheilla e de outros da região, autorizados pelos espíritos.

Ranieri discorreu sobre a rotina dos trabalhos de materialização, visando aos assistentes estreantes. Jair, preparando a psicosfera do ambiente, fez leitura de um trecho evangélico em que se tratava das atividades precursoras de João Batista. Em seguida, Ranieri fez a prece de abertura e assumiu a presidência.

Entoada a canção *Almas Gêmeas,* seguiram-se fenômenos luminosos na antecabine. Atrás da cortina, a luminosidade esverdeada anunciava uma entidade materializada. Com vibrante "boa-noite" saudou-nos José Grosso. Sua voz soava vigorosa, revelando a boa condição vibratória do ambiente. Dirigiu-se aos doentes em tratamento e minutos depois foi visto num dos salões do prédio em construção de Nosso Lar, vizinho ao da reunião. Suas exclamações ao visitar as dependências revelavam aprovação.

Voltando ao nosso convívio, atendeu a consultas e perguntas. Mencionou o grande número de entidades

espirituais que vieram testemunhar e apoiar a obra de Nosso Lar. Após alegre e agradável colóquio com os presentes retirou-se para a cabine onde manipulou medicamentos. Essa preparação se alongou por quase cinco minutos. Sua mão iluminada empunhava uma espécie de lanterna a emitir cintilações avermelhadas.

Pouco depois, Joseph Gleber entrou na sala. Interessado no estado de saúde dos doentes, fez-lhes aplicações com uma lâmpada irradiando fosforescência bastante intensa. Durante as aplicações terapêuticas o dirigente da reunião solicitou aos presentes manterem-se em prece. Os intervalos eram preenchidos com cânticos.

José Grosso retornou por pouco tempo e a seguir recebemos a visita de Antônio da Silva, o Palminha. Ele efetuou toques de mão, promoveu brincadeiras ruidosas e demorou-se bastante entre nós. Transportou Márcio Cattoni, na cadeira, para outro salão, logo retornando. Continuou por mais 30 minutos carregando Márcio por todos os lados. Depois foi a minha vez. Palminha conduziu-me por um extenso corredor de aproximadamente 60 metros de comprimento até uma sala onde me deixou trancado, após duas portas fechadas, sendo a última, a chave. O local estava muito escuro. Às apalpadelas e com algum receio, procurava um meio de sair. Nada conseguia enxergar. Gritei então em voz alta:

— Palminha, tira-me daqui!

De repente, um grande estalo dentro do cômodo. Andei em direção de onde veio o barulho. A porta fora aberta inexplicavelmente. Fui para a segunda sala. Ainda no escuro, continuei tateando, procurando a saída. Encontrei-me no comprido corredor, sem saber o rumo a tomar. Confuso, preferi o lado esquerdo e cauteloso esgueirei-me pela parede. Finalmente ouvi vozes abafadas vindas do salão. Encontrara o caminho de volta... Ah, que alívio!

Tudo isso delongou 30 minutos, período em que dois espíritos haviam se apresentado.

Retornando ao salão, distingui uma entidade materializada. Suas vestes claras emitiam luz branca. Vista à distância mais se destacava. Portava uma lâmpada radioativa, semelhante a um lampião a gás, projetando grande claridade no ambiente. Era a mentora do Grupo Scheilla. Com a costumeira suavidade na voz, discorreu sobre a importância daquela reunião e demonstrou muito afeto pelos assistidos, em quem fez aplicações com essa lâmpada, diferente das conhecidas do grupo, destinada a aplicações de energia vital. Usávamos o termo 'lâmpada' por não encontrarmos outro mais adequado.

A amiga espiritual trouxe notícias e lembranças de desencarnados queridos. Recebeu uma rosa vermelha do visitante Arnaldo Rocha e prometeu levá-la consigo. Após a reunião a rosa não foi encontrada.

Durante as aplicações luminosas feitas por Scheilla percebia-se, por luz difusa, o seu vulto embaçado envolto em linda manta, tal como se mostrava nas reuniões.

Scheilla felicitou Romanelli pela dedicação e propósitos abnegados. Retirou-se para a cabine, de onde sempre surgiam relâmpagos durante os processos de materialização e desmaterialização. Assim ocorreu com o retorno de José Grosso.

César perguntou-lhe se, em vista de os espíritos terem apagado a gravação de uma palestra, seria possível reconstituírem-na, com voz direta. Ele concordou e disse poder realizá-la oportunamente.

Na atualidade, temos a confirmação desse fenômeno através do processo da transcomunicação, que vem sendo realizada a partir das experiências de Friedrich Jürgenson, com ampla divulgação na Alemanha, Itália, Suécia, Suíça, Brasil, expandindo-se por outros países.

Romanelli chamou-nos a atenção para uma luz sob as cadeiras onde se sentavam Arnaldo, César e Celso. De cor branca, pairava no chão como névoa fosforescente. Pouco depois esta névoa começou a desaparecer.

Joseph voltou por alguns minutos, fez novas aplicações nos doentes e, ao se retirar, avisou ter passado receitas de medicamentos, por escrita direta, podendo ser encontradas na cabine do médium.

José Grosso retornou e atendeu solícito às perguntas dos assistentes sobre diversos assuntos. Voltou à cabine e pediu-me para colocar o disco preferido de Maria Alice que se apresentou com algumas danças. Encontramos, ao final, por escrita direta, diversas receitas e quadras.

Naquela noite, três fatos despertaram a nossa atenção. Primeiro: seria ectoplasma a luz branca sob as cadeiras dos três companheiros? Haveria tal possibilidade, porquanto se processava uma reunião de materialização. Por nosso esquecimento, não perguntamos aos espíritos; segundo: tão logo finalizados os trabalhos Fábio não foi encontrado na cabine. Passamos a procurá-lo e o localizamos em outro cômodo, sentado na cadeira, em cima de um guarda-roupa que media cerca de dois metros de altura. Assustado, dizia: "Tirem-me daqui!"; terceiro: quando tiramos Fábio de cima do armário, ele se queixara de sensação de queimadura no dorso da mão direita. Ao mostrá-la, notamos uma mancha avermelhada, bastante acentuada, com cerca de dois centímetros de diâmetro. Preocupados, previamos nada de bom.

A explicação do fato deu-se pelos espíritos na reunião seguinte.

31

Acidente no Tórax de Fábio

25/10/1949

Os trabalhos prosseguiam, conjugando boa vontade e sentimentos elevados do grupo com o carinho dos mentores espirituais. Os componentes estavam unidos, entregando-se com amor à causa do Divino Mestre, objetivando o melhoramento dos irmãos necessitados.

Estávamos conscientes de que as brincadeiras fraternas nas reuniões tinham o objetivo essencial de manter pensamentos e sentimentos vibrando no Bem, mas com alegria.

Alegria é força construtiva, é radiação de luz a dissipar as trevas da tristeza, as preocupações e outras forças negativas. Com isso, nossos amigos do plano espiritual disporiam de melhores condições para atender os carentes de restauração física e psíquica.

Quanto mais os assistentes emitiam seus potenciais de amor, os trabalhos eram coroados de êxito. Muitas vezes, ao término das sessões, os espíritos regozijavam-se com os encarnados, elevando preces de agradecimento ao Pai. Assim, íamos obtendo a melhoria da qualidade dos serviços.

Iniciamos a reunião assistindo às clássicas explosões luminosas vindas da cabine. José Grosso, com alegria contagiante, distribuía instruções. Para o dia 27 de outubro, determinou a Jair inaugurar o Posto de Socorro, na rua Rio Casca, em Belo Horizonte. Lá, um grupo de confrades

dedicava-se aos fenômenos de materialização, priorizando a assistência aos necessitados. Por conseguinte, estavam eles ligados ao Grupo Scheilla; João Gonçalves deveria presidir a reunião do Centro Espírita Oriente, enquanto o grupo continuaria seus trabalhos na sede; César foi indicado para dirigir, no próximo mês, o serviço dos visitadores.

Maria Alice, com a graciosidade característica, prendeu a nossa atenção por alguns minutos. Palminha transmitia-nos alegria. Assentou-se nos joelhos de César e de João Gonçalves. Ambos comentaram ser o tecido das roupas de Palminha parecido com o jérsei de seda. Disseram, também, ter Palminha a mesma anatomia, temperatura, carne e músculos de um ser encarnado.

Esse amigo espiritual levantou-se do confortável assento e convidou-me para lutar. Disse que eu era muito forte e queria uma competição para testar-me. Mandou-me segurá-lo. Pus-me de pé, agarrei-o pela cintura e dei impulso para suspendê-lo. Para minha surpresa, Palminha deslizou pelos meus braços em direção ao chão. Rindo, disse-me:

— Agora vou me sentar em sua cadeira e quero ver se você consegue empurrá-la...

Coloquei-me atrás da cadeira, apoiei um dos pés na parede, buscando apoio. Recebi a ordem:

— Pode empurrar!

Iniciei a prova mas, apesar de aplicar toda minha força, não conseguia mover a cadeira um centímetro sequer. Tentei de outras formas e nada. O assoalho de tacos aparelhados e envernizados não impedia a cadeira de se deslocar. Como explicar o fenômeno?

Palminha riu muito e disse para a assistência:

— Ele não sabe de nada! A força para deslocar a cadeira está sendo anulada por outra de igual intensidade, mas de sentido oposto. Isso está neutralizando seus esforços...

Palminha continuou as brincadeiras fraternas, desta vez, com Márcio. Tirou-o da cadeira e o levou sala adentro, por todos os cantos. Depois, conduziu-o à cabine onde Jair estava em relaxamento.

Pôs-se a brincar com Jair, fazendo-lhe cócegas, simulando uma luta. Este, supondo ser Márcio o autor das galhofas e não o espírito materializado, retribuiu com golpes um pouco mais fortes e deu com o pé em direção ao tórax de quem o tocava. Márcio, porém, já havia retornado à sala e o golpe atingira o tórax de Palminha. Fábio é quem sofreu o impacto, pois dele era o ectoplasma que moldava o corpo da entidade.

Na cabine, intensos clarões luminosos. Scheilla caminhou para a sala portando a pipeta luminosa. Com ela medicou alguns doentes.

Joseph Gleber atendeu os pedidos de enfermos e manifestou satisfação com os trabalhos.

José Grosso retornou e disse que a causa da queimadura sofrida por Fábio, na reunião do dia 16 de outubro, fora em conseqüência da queda de vibração do ambiente. Quando isso acontece, os fluidos retornam rapidamente para o médium, junto com a radioatividade espalhada no ambiente. Tratava-se de fato grave, não afastando a possibilidade de lesão cancerosa no local atingido. Por isso ele estava sendo medicado.

Como de costume, a reunião terminou com uma prece. Fábio, ao despertar, exibia forte depressão no lado esquerdo do tórax em decorrência do golpe recebido. Tão profunda que aparentava ter sido a estrutura óssea amassada de um lado e estufada de outro. Mas as poucas dores não condiziam com a gravidade do fato. Todos examinaram-no assombrados com a deformidade.

Duas reuniões após, a anatomia do tórax de Fábio fora totalmente reconstituída, sem nenhuma intercorrência.

32

Uma Noite de Surpresas

26/10/1949

José Grosso anunciou-se com clarões na cabine. Conversou animadamente com todos, distribuiu balas aos assistentes, que preferiam triturá-las para provocar o efeito de explosões luminosas, motivo de risos e alegria para todos.

Estávamos sempre curiosos por conhecer a identidade de alguns espíritos trabalhadores em nosso Grupo da Fraternidade Irmã Scheilla. Esse interesse refletia o carinho dos componentes para com o plano espiritual.

José Grosso voltou à cabine e Palminha apareceu. Sentou-se, espreguiçou-se e iniciou a contar fatos da vida espiritual. Ao terminar, pediu a Márcio e a mim para empurrá-lo pela sala até a antecabine. Foi o suficiente para a assistência dar boas gargalhadas. De repente, mediante processo psíquico-mecânico, esclarecido por José Grosso, o espírito fez a cadeira estacar no chão, imobilizando-a completamente. Não houve força humana capaz de fazê-la se mover. Uma resistência 'misteriosa' anulava a nossa potência, empurrando a cadeira contra nós, atropelando-nos. Quase todos os assistentes participaram da brincadeira.

Na cabine, a forte luminosidade permitia visualizar a presença amorável de Joseph, com o aparelho luminoso. Dirigiu-se a alguns doentes fazendo-lhes aplicações. Permaneceu meia hora ou mais no trabalho de amor ao

próximo e deixou-nos no gravador uma linda mensagem. Ao retirar-se para a cabine, despediu-se dos assistentes desejando-lhes muita paz. Durante algum tempo, podia-se ouvi-lo manipular medicamentos.

Scheilla trouxe-nos palavras carinhosas. Nossa atenção também se voltava para suas vestes alvas e iluminadas.

Maria Alice esteve presente, por pouco tempo, com o andar ritmado, mas não exibiu sua dança.

Da cabine, José Grosso pediu o encerramento da sessão.

Outro fato aconteceu após o encerramento da reunião. Quando Alberto Mizhai foi despertar o médium Fábio, as luzes vermelhas no salão da assistência já estavam acesas. Ao entrar na cabine deparou-se com José Grosso, semimaterializado, ainda ligado a Fábio. Imediatamente pediu para desligarem as luzes.

Segundo a nossa interpretação, o fenômeno admitia duas hipóteses: o médium não assimilara ainda toda a porção do ectoplasma ou José Grosso estaria dando uma prova de sua identidade para Alberto.

33

Materialização na Casa da Enferma

27/10/1949

A alegria do grupo era contagiante. A preparação do ambiente condicionava-nos à harmonia dos sentimentos espiritualizados. César Burnier, em prece, deu início à sessão, às 20 horas. Cinco participantes foram designados para visitar uma jovem enferma, filha de Orlando Cardoso, cujo estado de saúde requeria o tratamento em sua residência. Participaram da visita Atílio Pena, Felipe Randozo, Jair Soares, Ed Soares e Fábio Machado. Em uma cabine improvisada na residência da adoentada, José Grosso e Joseph Gleber se materializaram simultaneamente para medicá-la.

Consideramos inédito o fato de as ectoplasmias terem se realizado em ambiente estranho ao habitual. Soubemos, porém, por intermédio do plano espiritual, que a purificação da psicosfera dos lares visitados era feita preventivamente, e que o Grupo Irmã Scheilla, em reunião, era o suporte vibratório para o êxito dos trabalhos naqueles lares.

Enquanto isso, César Burnier, apoiado pelos companheiros Rubens Romanelli e João Gonçalves, dirigia a reunião no grupo, tecendo comentários evangélicos. Pouco depois, retornaram os visitantes da enferma. O médium recolheu-se à cabine e iniciaram-se os fenômenos de materialização para tratamento dos doentes no salão.

José Grosso pediu uma caneta para Maria Alice escrever mensagens e autografar fotos na cabine. Palminha repetiu as brincadeiras com a cadeira. Apresentaram-se também Scheilla e Joseph Gleber. Os trabalhos foram encerrados com prece de agradecimento.

Jair foi à cabine despertar o médium e encontrou José Grosso ainda materializado, como na reunião anterior. Fábio estava sentado e José Grosso conversava com ele em voz alta. Dirigia-se, simultaneamente, ao médium e a Jair. Os assistentes ouviam-no perfeitamente. Da sala, César pediu a José Grosso para continuar a conversação e alertou os presentes para o fenômeno. Era notável, como exclamou César, em virtude de o médium, desperto, sustentar a materialização e conversar com o espírito.

Encontramos uma pictografia de Joseph Gleber, a lápis, feita pelo Espírito Uemoto, famoso pintor japonês na última encarnação. Havia, ainda, receitas e recados.

A seguir, mensagens encontradas na cabine.

Meus irmãos.

Através de todos esses divertimentos apresentados em nossos trabalhos, sobrepondo-se aos folguedos carinhosos praticados dentro dos nossos ambientes, devemos, caros irmãos, colocar as palavras, a prática do Evangelho e o próprio Cristo dentro do nosso coração.

Ação muito nobre, ação muito bela, altamente concebida pelos preceitos espirituais e o auxílio ao próximo, é a fraternidade.

Mas, bondosos irmãos, conquanto o auxílio monetário seja um grande óbulo para os desprevenidos da vida, conquanto a boa vontade seja uma força sublime que nos impele ao progresso, devemos ter sempre em mente que, antes do nosso auxílio monetário, antes da nossa boa vontade, antes do nosso esforço, deverá estar o sentimento de fraternidade.

Devemos ajudar a um irmão, de coração. Com o mesmo amor com que o Cristo recebia a todos os deserdados da vida, devemos saber traçar as paralelas do progresso, os pontos básicos do auxílio físico e do auxílio espiritual, unindo ambos para um só ponto que é a Fraternidade Universal.

Foi em virtude disso, caros amigos, que nós vos trouxemos para este ambiente, desejosos de dizer-vos quanto nos sentimos alegres por percebermos em todos muito boa vontade, boa vontade sadia, cooperação íntima, muito desejo de auxiliar com o coração.

Caros irmãos, são meus votos sinceros e de todos os nossos irmãos espirituais, são nossos desejos, os mais fraternais, que o vosso esforço de caridade se estenda sempre, construindo, desde já, em base sólida de união, o edifício da fraternidade!

Joseph Gleber

Quadro evangélico

Sentado a descansar nas Oliveiras,
Palestrava, com todos, o Mestre Jesus,
Ou recostados em simples esteiras,
Recebiam a Sua luz!

Dizia o Mestre, sempre a sorrir:
Meus amigos, meus bons amparos,
Espero breve, em suas almas ver aurir
A luz do progresso, o dia claro!

E, desde este dia, receberam de Jesus
A força do amor, a luz da verdade,
Que, resumindo, deixou-lhes uma cruz,
A cruz do trabalho, a mediunidade!

Nina

Amigos,

Vamos sempre procurar compreender que, se trabalhamos na fraternidade, devemos, sempre,

***F** azê-la – com amor*
***R** ompê-la – com esforço*
***A** mpará-la – com boa vontade*
***T** rabalhá-la – no evangelho*
***E** ncontrá-la – com Jesus*
***R** iscá-la – do orgulho*
***N** ascendo-a – da humildade*
***I** rradiando – paz e harmonia*
***D** ando – o que nos pertence*
***A** mando – a nossos inimigos*
***D** esignando – a todo irmão*
***E** mendando – nossos erros*

André Luiz

Joseph Gléber
Desenho feito pelo espírito
materializado Uemoto

34

O Ectoplasma

30/10/1949

No final do mês de outubro, tivemos outra reunião para crianças. Presentes, seis delas e cinco adultos. Das 19h30 às 20 horas, ministrei-lhes aula de evangelização, conforme disposto em nosso regulamento. Fábio e Jair encontravam-se a postos em suas cabines.

Ao iniciar a sessão, com a prece de João Gonçalves, presenciamos forte luminosidade vinda da cabine, anunciando José Grosso. Dirigiu-se a Jair e cumprimentou as crianças recebendo saudação em coro, em tom de brincadeira, ao que ele correspondeu. Cada uma queria tocá-lo e ele se deixava tocar. Elas não tinham medo, era-lhes tudo natural. Uma das crianças indagou a José Grosso se Fidelinho também viria. Ele respondeu que não, por estar estudando.

Por mais de meia hora distraiu os pequeninos. Ao voltar para a cabine, exclamava com alegria:

— Crianças!... Crianças!...

Relâmpagos na cabine avisavam-nos da presença de outra entidade. Pelo barulho de palmas, não hesitamos, era Palminha. Alegre, brincou com as crianças, que retribuíam trocando tapinhas.

Novos relâmpagos anunciaram outra entidade. Era Scheilla. Ao passar pela antecabine, cumprimentou Jair. No salão, dirigiu-se aos presentes, de modo especial às crianças,

conversando com muito amor. Algumas delas jogavam-lhe beijos devolvidos com agradecimentos.

Scheilla sentia-se voltar à infância. A maneira acariciante e infantil de falar nos envolvia, levando-nos a agradecer ao Criador aqueles momentos de enlevo.

A irmã retornou à cabine. Novos clarões anunciaram José Grosso. Sentou-se e carinhosamente disse às crianças que iria fazer-lhes a revisão do assunto por elas estudado. Fez perguntas a Edgard, Elci e Atílio Jr. Eu passei a ajudá-los e dissera que "tudo que não é obra do homem é obra de Deus". José Grosso retrucou:

— Não é bem assim, porque, além das obras de Deus e dos homens, há as dos espíritos, segundo o livre-arbítrio conferido pelo Pai.

Isso nos lembra André Luiz, quando aborda o fluido cósmico em seu livro *Evolução em dois mundos*. Ensina o benfeitor serem os anjos e os arcanjos inteligências gloriosas que tomam o plasma divino em múltiplas expressões, *...extraindo desse hálito espiritual os celeiros da energia com que constroem os sistemas da Imensidade, em serviço de Co-Criação em plano maior, de conformidade com os desígnios do Todo-Misericordioso, que faz deles agentes orientadores da Criação Excelsa.*

À sua pergunta sobre a definição de ectoplasma respondi conforme o meu conhecimento.

Ed pediu esclarecimentos a respeito do ectoplasma, conforme explicado pela ciência acadêmica, e se essa substância é encontrada nas células.

— O ectoplasma é o resultado da alteração das células por processos magnéticos – simplificou José Grosso.

Ainda na mesma obra de André Luiz, página 46, o autor espiritual declara que, *(...) Neste caso, sob condições excepcionais e com auxílio de Inteligências desencarnadas, o organismo do médium deixa escapar o ectoplasma ou o plasma exteriorizado,*

no qual as células, em tonalidade vibratória diferente, elastecem-se e se renovam, de conformidade com os moldes mentais que lhe são apresentados, produzindo os mais significativos fenômenos em obediência ao comando da Inteligência, por intermédio dos quais a Esfera Espiritual sugere ao Plano Físico a imortalidade da alma, a caminho da Vida Superior.

Assim, o espírito se corporifica através da condensação do ectoplasma, tornando-se visível.

Foi o professor Richet, o criador do vocábulo ectoplasma (do grego *ektos* = por fora + *plasma* = molde), significando, também, psicoplasma ou teleplasma. O ectoplasma, ao fluir do corpo do médium, passa por diversos estágios até chegar a uma substância com aparência de vapor, extremamente delicada, dando ao médium, ainda consciente, a sensação de uma teia de aranha a roçar as faces. Apresenta-se também saindo das narinas, ouvidos e boca, assemelhando-se a bastões, com alguma consistência, a se movimentar. (Veja capítulo 37)

O médium inglês Jack Weber exteriorizava o ectoplasma pela boca, que se prolongava consistente, atingindo o comprimento de quase dois metros. Na extremidade formava-se uma delicada mão com três dedos que seguravam os objetos.

Para melhor esclarecimento, veja no final deste capítulo uma foto do médium Peixotinho exibindo ectoplasma em bastões, saindo de sua boca, ouvido e narinas, corporificando o espírito.

José Grosso nos deu ampla explicação, no dia 8 de novembro de 1949, de como se processa o revestimento do perispírito, por processo magnético, até então por nós desconhecido. (Veja capítulo 38)

Sobre a mesa encontramos, por escrita direta, no final da sessão:

Passado

Bondosos amigos,
Quem me dera pudesse recuperar
Todo o tempo que em vão perdi,
Os longos anos que deixei de amar
Em outras épocas que vivi...

Se, há muito, estivesse com Jesus,
Sentindo-o pulsar em meu coração,
Abraçando, humilde, a sua cruz,
Como teria grande progresso, evolução!

Mas agora que percebo o Seu amor,
Que compreendo o trabalho de ascensão
Percebo em mim, feliz, o Senhor
Na fraternidade de meus irmãos...

Portanto, amigos, trabalhemos de bom grado
Nos trabalhos sublimes à nossa frente
Esqueçamos as recordações do passado
Tendo somente o Cristo em mente.

Scheilla

Querido Alcides,
Que possa sempre Jesus
Iluminar-lhe o coração
Para que, carregando a sua cruz,
Lembre deste pobre irmão.

José Grosso

Se eu ainda tenho coração,
Aqui o deixo para o Dante,
Como lembrança de irmão a irmão,
De um pai ao seu infante.

E, neste caderno, assim espero,
Ficará gravado com amor e brilho
Os conselhos que aqui encerro,
Conselhos de pai para filho.

José Grosso

Jack Webber
Médium inglês jorrando de sua boca o ectoplasma.

Médium Francisco Peixoto Lins (Peixotinho)
Espírito materializado de Ana

Nós, abaixo assinados, presentes à reunião de materialização, realizada na residencia de Francisco Candido Xavier, na noite de 16 de setembro de 1953, em Pedro Leopoldo, declaramos que, servindo na cabine, como medium, o nosso companheiro Francisco Peixoto Lins (Peixotinho), residente à rua Miguel Heredia, 146, em Campos, Estado do Rio, foi a nossa reunião visitada pelo Espirito da Irmã Ana, desencarnada em , entidade essa que foi fotografada pelo nosso confrade Dr. Henrique Fenas Filho, residente no Rio de Janeiro, tendo sido o serviço fotográfico orientado pelo Espirito da Irmã Scheilla, igualmente materializada na mesma reunião. O retrato obtido constitue motivo de grande jubilo para os nossos corações que receberam, com essa dádiva, grande acréscimo de responsabilidade, tão grande é a benção do mundo espiritual que esta fotografia traduz. Para dar testemunho da realidade, assinamos a presente declaração.

Pedro Leopoldo, 14 de dezembro de 1953

Francisco Candido Xavier

Francisco Peixoto Lins

Henrique Fenas Filho

Wanda Lins de Freitas Fenas

Médium Francisco Peixoto Lins (Peixotinho)
Materialização de uma amiga espiritual de
Francisco Cândido Xavier

Declaro que esta fotografia foi batida em reunião de materialização, em nossa residencia em Pedro Leopoldo, Minas, pelo Sr. Henrique Lomba Penaz, servindo de medium o Sr. Francisco Peixoto Lins, achando-me presente, assim como diversos companheiros que testemunharam o fenomeno e acompanharam a reunião em todas as suas fases.

Pedro Leopoldo, 13-12-54

Francisco Candido Xavier

35

Dois Espíritos Materializados

01/11/1949

Iniciamos a reunião com a materialização de José Grosso envolto em surpreendente quantidade de luz. Alto, mais de dois metros, túnica branca, contagiava-nos com sua alegria:

— Sabem vocês qual o motivo de nosso contentamento? Alcançamos uma graça! Temos, agora, uma nova máquina para os nossos trabalhos. A que usávamos, por empréstimo, pertencia aos amigos espirituais do Grupo André Luiz, do Rio. Vocês trabalharam bem, mostraram-se merecedores, e, assim, pudemos requisitar um aparelho novo. Sim, meus caros, tudo aqui tem que ser merecido e conquistado com trabalho, caridade e boa vontade!

Alegramo-nos todos com a notícia, pois esse importante equipamento regulava o processo radioativo utilizado no tratamento dos enfermos, a emissão de radiação pela pipeta e a produção das descargas luminosas para a purificação da psicosfera do ambiente.

Alguém na assistência lhe deu balas para iluminá-las. Palminha surgiu e passou a brincar com José Grosso e com os assistentes a respeito de um disco fonográfico que ele ganhara e estava desaparecido. Era uma brincadeira de esconde-esconde com o disco, ora comigo, ora com Jair.

A pedido de César, os espíritos fizeram um dueto com pandeiro e castanholas na presença de todos. Ficou claro e

irrefutavelmente demonstrado que José Grosso e Palminha eram criaturas distintas, materializadas simultaneamente.

Palminha teclou no piano alguns sinais em código Morse, como num telégrafo.

José Grosso instruiu-nos quanto à próxima reunião. Como já era do nosso conhecimento, um espírito empedernido nos seria trazido para materializar-se e ser doutrinado. Pelo que sabíamos, era a primeira vez que tal prática ocorreria em trabalhos dessa natureza.

José Grosso nos disse tratar-se de uma entidade difícil de ser esclarecida, pois nada aceitava. Em diversos centros espíritas e no plano espiritual isso fora tentado sem sucesso.

Concluímos que os mentores espirituais viam possibilidade de êxito com o espírito na condição de materializado.

Nas reuniões de desobsessão em centros espíritas é mais difícil para as entidades que têm conhecimento intelectual elevado aceitarem o esclarecimento através do canal mediúnico. Na materialização, ao contrário, o espírito se reveste temporariamente de um corpo relativamente denso, ofuscando por breve espaço de tempo sua bagagem cultural. Esta informação preparou-nos para a reunião seguinte. José Grosso pediu às senhoras dela não participarem, pois as cenas poderiam impressioná-las.

Joseph Gleber medicou enfermos com suas luzes e despediu-se.

José Grosso retornou. Com as graças de Jesus, mais uma vez os eflúvios do ambiente haviam colaborado bastante com os trabalhos no plano espiritual e nos hospitais, onde encarnados padeciam.

Encerrada a sessão, quadras foram encontradas sobre a mesa na cabine.

César ofereceu os seguintes versos:

Para a irmã Scheilla

Caridade – lei divina
Da minha religião
Caridade – lei que ensina
A ter Deus no coração.

Logo abaixo, Scheilla, por escrita direta:

É de todo o coração
Que, nestes versos, leio a caridade
Agradecendo, sincera, ao bom irmão
Suas palavras de fraternidade!

Para Maria Alice
Toda vez que me disponho
A dar de esmola um pão
Sei, meu Jesus, que o deponho
Na palma de tua mão.

Maria Alice respondeu:

Deixo, aqui, meu agradecimento
Por tudo que o irmão disse
Gravando, para sempre, em pensamento,
Teus versos. Da Maria Alice.

Quadras de José Grosso:

Sim, querido Dante,
Devemos sempre continuar
Esforçando como d'antes
Sabendo trabalhar, sabendo amar.

Porque será com esforço
Que durará nosso amor
Onde Dante e José Grosso
Estarão com o Senhor.

36

A Doutrinação de Um Espírito Materializado

02/11/1949

Novembro, 2. Dia de homenagens aos que partiram para o "vale das sombras". Justamente nesta data tivemos uma reunião com um 'morto-vivo'.

Mortos são os que entram despreparados na verdadeira vida, em que deveriam prevalecer as virtudes adquiridas no comportamento digno vivido na Terra. Os desajustados, saturados de vícios danosos e seus efeitos, sentem-lhes pesar a consciência na vida espiritual.

Iniciada a reunião, após a preparação mental e do ambiente, José Grosso abriu os trabalhos com explosões luminosas por todo o recinto. Bem-humorado, conversou com a assistência, colocou um disco na radiola e acompanhou a música com assobios. Após um segundo disco, discorreu a respeito da entidade a materializar-se para ser esclarecida.

Alertou-nos se tratar de um espírito bastante culto, conhecedor de várias ciências. Seu equívoco foi usar incorretamente de seus conhecimentos e cultivar o orgulho desmedido. A ambição levou-o a exterminar a família para se locupletar de certa soma de dinheiro, aliás, diminuta.

José Grosso retirou-se e Joseph Gleber trouxe-nos palavras de notável valor evangélico, impregnando-nos do sentimento de fraternidade para com o sofredor. Todos deveriam contribuir com a maior parcela possível de

mentalização. Gleber fortaleceu admiravelmente nossos ânimos.

Jair, o dirigente da sessão, convidado por José Grosso para iniciar o atendimento do visitante, conclamou a todos auxiliá-lo nessa tarefa.

José Grosso retornou e disse que tudo se processava normalmente.

Na cabine do médium, fortes e repetidos clarões se faziam sentir. Entre nós, silêncio absoluto.

Súbito, gritos, uma voz resmungando e o som de cordas se arrastando pelo chão. Era o espírito que se aproximava. O gravador foi acionado.

Jair iniciou a doutrinação. Falava com delicadeza, experimentando o ânimo daquele pobre irmão. Este retrucava com rispidez e muita irritação, chamando-nos de ignorantes e imbecis. Para ele só os idiotas acreditam em Deus, só os covardes falam de amor e resignação. Apontou Jesus como um judeu morto na cruz, como tantos outros. Odiava tudo e todos; taxava-nos de ladrões, hipócritas. Lamentava estar amarrado, manietado, sem movimentos, do contrário já nos teria esganado. "Deus não existe, é um mito, uma ficção barata" – dizia.

Jair, admiravelmente bem inspirado, comentava o Evangelho para a entidade. Falava-lhe da sua condição de espírito, dos seus tormentos, do sofrimento que o infelicitava. Recordava as lições do Cristo, Seu perdão aos que O crucificaram, Suas palavras de misericórdia e consolo. Advertia ao materializado o quanto lhe seria útil a experiência do retorno à fé, à caridade, à oração sincera pois Jesus não olvida ninguém, Ele perdoa os que O ofendem e acolhe com sublimidade qualquer pensamento elevado e nobre. Rogou ao espírito para não julgar a humanidade de forma tão cruel.

Jair colocava seu coração nas palavras.

O sofredor resmungava, resmungava... Pensávamos, entretanto, que ele poderia ter sido tocado em sua consciência, mas qual nada, o infeliz revidava colérico! Suas palavras eram duras, destituídas da menor parcela de sentimentos. Fulminava-nos com expressões azedas e contundentes. Jair fez uma pausa. Simas, Alberto, Atílio e César intervieram. Nada conseguiram.

Jair chamou-lhe a atenção para os verdadeiros valores da vida, porquanto, sem a conquista dos talentos espirituais estaremos em desamparo, em um vazio, em um nada... O esclarecedor procurava alimentar esperanças para o desesperançado.

— Suponhamos ter uma caixa em nossas mãos – disse.

A entidade, sarcasticamente, perguntou:

— Qual o tamanho desta caixa?

— Suponhamos que tenha 25 centímetros de altura por 30 centímetros de comprimento e 15 de largura. Se o irmão enfiar a mão dentro dela, o que tira?

— Tiro energia suficiente para fulminar o mundo!

O espírito acutilava todos apoiado em conceitos científicos. Márcio, até então calado, interrompeu-o para rebater seus argumentos. Pareceu-nos que o novo enfoque da discussão seduzira o espírito e isso mais lhe convinha. Durante largos minutos, o diálogo tomou esse rumo.

Jair retomou a palavra. Esclareceu à entidade que não queria discutir ciência. Todos tinham conhecimento de seu nível cultural, porém só um pensamento predominava – sua conversão ao sentimento do amor. Qualquer idéia fora das relações cordiais e das normas evangélicas deveria ser posta de lado. Disse que existem muitas pessoas simples vivendo na paz, na luz, e a ciência não lhes faz falta para a sua elevação moral. Repetiu a proposta de buscar a paz no recolhimento, voltando-se para o bem.

O doutrinado mostrava-se irredutível. Nada daquilo o interessava. Repelia, desafiava, tentando provocar os irmãos em silêncio, os que não lhe haviam dirigido a palavra. Seus gritos e urros enchiam a sala mas a ninguém intimidava. Orações fervorosas e vibrantes se faziam em seu favor.

Márcio e Jair multiplicavam-se em apelos àquela pobre alma, cujo orgulho se revelava a cada resposta. Jamais encontramos espírito tão endurecido e pertinaz. Durante duas horas esforços foram empregados para fazê-lo compreender o erro em que permanecia, o quanto seria feliz seguindo o exemplo dos corações simples e venturosos que cercavam, por certo, seus passos nos planos da eternidade.

Esgotados os argumentos, cumprido o dever imposto pela caridade, voltamos a ouvir o arrastar de cordas no assoalho. Era o espírito sendo levado pelos guias. Imprecações vindas de longe chegavam aos nossos ouvidos:

— Prefiro conversar com os porcos, lucrarei mais com eles!

Em resposta, um coro de vozes fraternas:

— Deus o ilumine, irmão querido; Jesus lhe dê serenidade bastante para ser esclarecido e feliz!

Era a derradeira súplica dos assistentes da sessão. Em poucos minutos José Grosso voltou, mas não se demorou.

Joseph Gleber repetiu-nos os conceitos emitidos em relação ao espírito infeliz e acrescentou:

— Ele nasceu na Alemanha, no mesmo país em que nasci. Lá, meus amigos, cultiva-se ao extremo a mistura do poder e da força; o sentimento do orgulho é o mal da nossa raça, do nosso pobre povo...[1] A cultura cega os indivíduos fracos, tornando-os quase sempre insuportáveis e arrogantes.

---

1 Joseph Gleber referia-se ao estado de espírito de grande parcela do povo germânico à época da Segunda Guerra Mundial. (N. do A.)

Era cristão este que se retirou. Falava em Jesus, mostrava ser amigo do bem e da verdade. Todavia, tendo cometido graves erros, em vez de reagir com o seu potencial de fé, com os recursos da religião bem sentida e compreendida, tornou-se cada vez mais obscurecido, mais cego pelos horrores da mentalização inferior, degradando-se ao ponto em que infelizmente o vimos.

Mas foi útil a sua vinda aqui. Algo deve ter ficado gravado no seu íntimo. Confiemos na misericórdia do Senhor, pois nosso irmão há de ganhar a luz que lhe almejamos. Muitos o seguem no espaço. Suas idéias encontram eco de tal sorte que sua conversão significará a de muitos outros. Precisamos ter paciência e coragem. O objetivo será alcançado algum dia, se Deus quiser. Por enquanto, oremos por ele – concluiu.

Os trabalhos foram encerrados com orações e cânticos.

Soubemos pelos mentores que o espírito endurecido desencarnara logo após o término da Segunda Guerra Mundial e comandava em plano espiritual inferior mais de cinco mil entidades trevosas.

Durante os trabalhos, não nos foi possível distinguir a fisionomia do assistido, pois a doutrinação ocorreu em plena escuridão.

O esclarecimento de espírito materializado é o mais impressionante caso registrado, até então, nos anais do Espiritismo.

Após ter concluído o livro, o mentor espiritual que me vem auxiliando na redação desejou antecipar a resposta a uma possível pergunta do leitor:

– Como é possível a um espírito, sofrendo a injunção da consciência deturpada e desequilibrada, poder materializar-se?

– *O espírito nesse estado não tem tal capacidade. Os benfeitores espirituais adormecem a entidade e manipulam o ectoplasma do médium e as células do perispírito do necessitado a fim de que atinjam o mesmo padrão vibratório e se dê a materialização. Só então a entidade recobra a lucidez.* (N. do A.)

No capítulo 40 é relatada a continuação da doutrinação dessa entidade.

Fato também incomum sucedeu quase no final da sessão. Trata-se do diálogo em alemão entre Scheilla e Joseph Gleber na cabine do médium. Pareceu-nos estarem falando a respeito da ocorrência na reunião. Pelo tom de voz o assunto era realmente grave.

37

Materialização, Desmaterialização e Rematerialização

07/11/1949

Foi uma sessão marcante. Jair e eu presenciamos um fenômeno a que muitas pessoas gostariam de assistir – a desmaterialização e a rematerialização.

Os leitores conhecerão a raridade desse fenômeno. Para alguns, a dúvida; para outros, um caso extraordinário. Todavia, é um fato probante.

O cientista inglês Sir William Crookes, considerado um dos mais famosos de sua época, inventor do tubo catódico, ao longo de três anos aprimorou-se nas pesquisas dos fenômenos psíquicos. Ele pesava o médium em uma balança e, em outra, a entidade materializada. À medida que o médium perdia peso, a entidade ganhava-o em idêntica proporção. Na ocorrência inversa, a desmaterialização do espírito se processava com retorno do ectoplasma para o médium, aumentando-lhe o peso.

Como referência, menciono também o notável cientista e pesquisador russo Alexander Aksakof e seus estudos sobre a sensibilidade de Madame D'Espérance, médium de ectoplasmia que tanto empolgou a França e a Inglaterra, no final do século XIX.

A nossa reunião fora dedicada às crianças. Terminada a prece de abertura e entoado um cântico, fenômenos luminosos irradiavam-se da cabine. José Grosso deu o seu vibrante "boa-noite" à criançada, que retribuiu alegremente.

O amigo espiritual, brincando com Jair, perguntou-lhe se não teve vergonha de despir-se durante o passeio de revigoramento do Grupo da Fraternidade, na presença de Scheilla, Maria Alice e outras. Jair e eu tínhamos ido nos banhar sem roupas em local distante e ermo do rio, ignorando estarem lá esses queridos amigos...

A meninada alegre conversava com o espírito que também se mostrava satisfeito e exclamava: "Crianças, crianças!" Brincou com todos, voltou para a cabine e novos fenômenos luminosos anunciaram a presença de outra entidade. Palminha, barulhento, divertia as crianças, mexia com os participantes, entre eles, Rubens Romanelli, o garoto Edgar e eu. Tomou Edgar nos braços e levou-o à cabine, deixando-o em cima de Jair. Voltou para a sala e continuou a movimentar a criançada.

Após despedir-se, clarões anunciaram outra entidade. Scheilla mostrava-se bastante visível. Dirigiu palavras carinhosas a Jair e aos assistentes. Chamou Atílio Pena Filho e fez-lhe aplicações terapêuticas nas amídalas.

Nisso, ouvimos gemidos de Fábio. Scheilla retornou à cabine apressadamente. A voz de José Grosso fraca, arrastada, chamava dolorosamente por Jair avisando que a porta da cozinha, onde fora improvisada a cabine para o médium, abrira-se de repente. A notícia fora recebida com grande apreensão. Jair ficou atordoado. Imediatamente correu em direção à porta e constatou uma abertura, por onde penetravam o luar e a luz da lâmpada de um poste na rua. Fechou a porta rapidamente, mas infelizmente a claridade já havia atingido o médium. Scheilla falou da gravidade da situação, pedindo a maior cooperação possível para o grave momento.

Preces suplicantes foram dirigidas ao Pai e a Jesus pedindo pela integridade de Fábio, que padecia dolorosamente. Ansiosa

expectativa e apreensão nos invadiram. Mantínhamo-nos, todavia, confiantes e firmes, depositando esperanças no amor de Jesus. As crianças, sem nada entenderem, ignoravam o acontecimento.

Jair e eu fomos chamados à cabine por Scheilla. Perto do médium, a pipeta iluminava o cômodo. A meiga entidade instruiu-nos para segurarmos as pernas das calças de Fábio, mantendo-as esticadas. Ambas, porém, estavam desmaterializadas e os sapatos vazios! Postamo-nos um de cada lado do médium. Assim permanecemos por quase 30 minutos.

Ao segurar a calça de Fábio, toquei-lhe na região do joelho. Deslizei a mão um pouco acima do vazio e percebi-lhe a coxa. A perda dos membros já estava acima dos joelhos...

Scheilla insistia em advertir-nos quanto à gravidade da situação e pedia a cooperação de todos, ensinando-nos como proceder. Esclareceu que os espíritos estavam empenhados em sustar o processo de desmaterialização e pedia-nos vibrar em amor e confiança em Jesus. Jair e eu estávamos, no máximo, a 50 centímetros da cabeça de Fábio, iluminada pela luz da pipeta, o que nos permitia a visão do seu rosto. Como a boca mantinha-se fechada, concluímos que Scheilla falava por voz direta.

De súbito, comecei a sentir como se uma ventosa me sugasse fortemente as plantas dos pés. Comentei com Jair e ele disse perceber o mesmo, supondo serem fluidos sendo retirados pelos espíritos. Isso durou mais de vinte minutos.

Recebemos ordem de Scheilla para retornarmos aos nossos lugares. Músicas, cânticos e preces continuavam harmonizando o ambiente. As horas avançavam, as crianças dormiam, umas sobre as cadeiras, outras no piso. Os pais que foram buscá-las aguardavam no jardim. Avisados do acidente puseram-se a orar.

As horas passavam. Scheilla, silenciosamente, aproximou-se de Jair e confessou-lhe não terem os espíritos conseguido rematerializar as pernas de Fábio. Haviam esgotado todos os recursos possíveis, e o único socorro só poderia vir de Jesus. Foi à sala e pediu mais cooperação. Dirigiu sentida prece ao Pai e a Jesus pedindo-Lhes, por acréscimo de misericórdia, o necessário socorro para o médium e, se alguém tivesse que sofrer, sofresse ela, pois não tinha ele culpa do acontecido. Rogou para que não fosse retirada de Fábio a oportunidade de trabalhar na tarefa tão necessária para todos...

Que súplica! Que prece! Emocionados, todos os presentes deixaram as lágrimas rolarem. Scheilla retornou à cabine. Sem darmos conta do tempo, continuamos suplicando ao Pai, em fervorosas preces de esperanças. Da radiola, os sons dos clássicos enchiam de confiança os sentimentos naquele momento de tanta apreensão.

De repente, uma entidade aproximou-se de Jair, deitado na antecabine, e colocou as mãos sobre seu abdômen. Jair distinguiu José Grosso. Ansioso, perguntou-lhe por Fábio. A resposta veio:

— Graças a Deus está salvo!

Oh, Deus, alegria maior não poderia, e não poderá, jamais, atingir e felicitar as nossas almas como esta frase consoladora!

A assistência explodia em lágrimas de alegria e de agradecimento!

Ao ser despertado, o médium não conseguia mover as pernas. Intuitivamente, Jair aplicou-lhe passes e massagens. Em poucos minutos Fábio começou a se movimentar. Jair, porém, preocupou-se com a possibilidade de ele vir a manifestar seqüelas nas pernas. José Grosso, por incorporação, negou a hipótese e, afirmou que, ao contrário, iria ter pernas melhores

e novas, pois tinham sido feitas, em parte, com os fluidos dos presentes e o restante, trazido dos planos espirituais.

Fábio relatou suas impressões. Em desdobramento, estava gostando da experiência de dispersão do seu corpo físico. Ao perceber, porém, o que lhe ocorrera nas pernas, refletiu na possibilidade de ficar paralítico e voltou rápido para o corpo. Sofregamente, tentava recolher os fluidos dispersos fora da cabine. Enchia as mãos, como se pegasse grande quantidade de algodão, mas ao retornar ao cômodo o fluido já havia desaparecido. Compreendeu, então, ou lhe fizeram compreender, ser inútil o esforço, pois os fluidos estavam sendo inutilizados pela luz...

Antes de Fábio ser despertado, José Grosso fez outra aplicação nas amídalas do garoto Atílio. Informou a Jair ter deixado as poesias pedidas pelos amigos do Abrigo Jesus e pediu-me a prece de encerramento.

O relógio marcava uma hora da manhã. Só então percebemos que tínhamos vencido mais de quatro horas de angústia sem perder as esperanças.

Foram encontrados na cabine três medicamentos preparados, quadras de Scheilla dando-nos um 'puxão de orelha' e de José Grosso, por escrita direta:

Para o Abrigo Jesus

Que possa o Mestre Jesus
Por esta caridade que tu prestas
Dar-te, em nome do Abrigo Jesus,
Os sinceros votos de boas-festas.

Que a tua caridade
Nesta obra de amor
Te dê a felicidade
Do convívio com o Senhor.

E que conduzas, no Bem, a tua cruz
Nesta etapa de provação
São os votos ao Abrigo Jesus
Os votos do coração.

José Grosso

Meus irmãos,
Isto é a mediunidade,
Onde, de espinho a espinho,
Sequioso pela verdade,
Um cego procura o caminho.
E, junto a ele, outros cegos, pela dor,
Tentam alcançar a Jesus
Em cima da sua cruz.
Mas, irmãos, devemos sempre relembrar
Que precisamos, a toda hora, todo instante
Se quisermos continuar,
Manter-nos, sempre, vigilantes!

Scheilla

Fábio, em razão de antigo acidente sofrido, apresentava grande cicatriz em uma das pernas. Com o recebimento de duas novas pernas, por misericórdia divina e por processo de materialização, tal cicatriz desaparecera, atestando assim a autenticidade do fenômeno. (N. do A.)

38

José Grosso e o Processo de Materialização

08/11/1949

Os reflexos da sessão anterior estavam ainda registrados em nossas mentes. Aos poucos, no entanto, íamos removendo aquelas sofridas imagens para prosseguirmos no abençoado trabalho dos espíritos.

José Grosso colocou discos na radiola. Conversou brevemente com Jair, foi ao salão e fez algumas perguntas. O amado irmão estava tristonho, cabisbaixo. Alguém na assistência perguntou-lhe o motivo. Lacônico, respondeu:

— Ah, não é nada!

Comunicou, no entanto, a Jair que a máquina grande, utilizada pelo nosso grupo e destinada às atividades mais importantes dos trabalhos, iria ser devolvida para a colônia espiritual Nosso Lar, de onde viera por empréstimo. Daí o seu constrangimento.

Poucos minutos depois, felizmente, o Espírito Garcez comunicou que a resolução anterior havia sido adiada. Os espíritos tinham aberto para nós um crédito de 50 "bônus-horas" a serem resgatados com trabalho, para que a máquina continuasse conosco. Tudo, em conseqüência do descuido na sessão anterior. Descuido que poderia ter tido desfecho trágico, não fosse o exaustivo e inenarrável esforço dos amigos do Além.

Veneranda, a ministra da colônia Nosso Lar, André Luiz e muitos outros vieram em socorro para o pior não acontecer.

O adiamento da retirada da máquina encheu-nos, e igualmente aos espíritos, de muita alegria. Estava, assim, assegurada a continuidade das tarefas.

Scheilla apresentou-se com vestes longas e alvas, irradiando maior intensidade de luz. Na mão, trazia o aparelho luminoso, utilizado para melhorar a psicosfera do ambiente. Sua permanência foi breve. Músicas suaves traziam paz e tranqüilidade.

Novas descargas em forma de relâmpagos iluminaram a cabine. Uma entidade materializou-se, foi à radiola e substituiu o disco. Com voz meiga, solfejou por duas vezes a melodia. Ficamos sabendo por José Grosso ser Ilca o seu nome, habituada a materializar-se no Grupo André Luiz, no Rio.

Joseph Gleber retornou e preparou medicamentos diante de nós com o auxílio de uma lâmpada radioativa. Desse aparelho desciam gotas luminosas que giravam em velocidade até misturar-se à água nos copos, aquecendo-a. César Burnier perguntou-lhe sobre as condições físicas de Fábio e ele respondeu que o perigo havia passado, porém, tinha as mãos ligeiramente queimadas, mas em breve ficaria bom. Achava Fábio muito enfraquecido devido à excessiva quantidade de trabalho nos últimos tempos.

José Grosso, de novo presente, foi inquirido por César a respeito da mecânica dos processos de materialização. Queria conhecer a técnica para vestir a roupagem ectoplásmica, condensando-a, dando-lhe forma, e também, como se dava a ação do espírito sobre a mesma. José Grosso explicou:

— Consigo materializar-me atraindo o ectoplasma para o meu perispírito. Este fluido penetra todas as células do organismo perispiritual, que entram em fortíssima vibração, condensando e solidificando o ectoplasma. Para cada célula

do meu perispírito surge uma célula igual no meu novo corpo carnal temporário, emprestado pelo médium e pelos assistentes.

A explicação de José Grosso foi recebida com atenção atingindo nossos anseios. Sim, nas materializações acontece uma espécie de nascimento, embora temporário.

Joseph Gleber atendeu alguns doentes, receitou e preparou medicamentos com a luz radioativa. Despediu-se, dizendo para encerrarmos os trabalhos.

Tão logo despertamos Fábio, a marca da queimadura sofrida por ele na mão voltara a aparecer, apresentando vermelhidão e dor. Acusava também dor nas pernas, como se não estivessem reconstituídas.

Jair leu mais uma carta de Chico Xavier:

Em 31 de outubro de 1949:

Voltei para cá de alma edificada e de coração tomado por sublime esperança. No silêncio da noite e pelas primeiras horas da madrugada, senti que as lágrimas deslizavam em meus olhos diante de tamanhas bênçãos que aí estamos recebendo. Ainda não despi a túnica de minhas imperfeições para receber tantas dádivas e, envergonhado, olhei para as estrelas, suplicando a eles, os nossos amados amigos da luz, que não desprezam as sombras do mundo, para que me ajudem a merecer, algum dia, as demonstrações santificadas de carinho com que me estimulam a abandonar meus defeitos clamorosos de todos os tempos. Estou cada vez mais entusiasmado com os trabalhos do Grupo Irmã Scheilla.

Os palácios da ciência, onde os segredos da física nuclear estão sendo analisados nos Estados Unidos e na Rússia, aos meus olhos, são bem pobres diante das claridades que o mundo espiritual está acendendo aí em Belo Horizonte. Ao sentir a grandeza dessa verdade, com lágrimas de emoção e agradecimento no coração, eu penso na distância que havia, há quase vinte séculos, entre os castelos do patriciado romano e a Divina Manjedoura. A cultura humana, com seu fausto e grandeza fantasiosa,

entediou-nos já o coração. Temos sede de uma vida mais alta, de horizontes mais largos.

Eu peço a Jesus conservar o Grupo Irmã Scheilla na posição de uma família inseparável na crença, na cooperação e na caridade. Que a humildade brilhe em nossos espíritos e que a fraternidade reine em nós. Que os médiuns do grupo, na condição de instrumentos da Verdade e da Luz, sintam-se felizes no trabalho da nossa causa, acendendo a lâmpada da prece para caminharem sempre pacientes, dedicados e alegres sob a tempestade, porque não há forças do mal que nos dominem quando o amor de Jesus reina em nossos corações.

Um abraço do irmão menor, Chico.

As cartas de Chico Xavier eram para o Grupo Irmã Scheilla um grande incentivo. Dava-nos a entender a gravidade de nossas responsabilidades com Jesus. Cada um de nós sentia-se fortalecido a prosseguir com afinco nos moldes que a Doutrina nos oferecia.

39

A Criação do Hospital André Luiz

24/11/1949

A união entre os trabalhadores do Grupo Scheilla era cada vez maior e a fraternidade gravitava em todos os corações. Harmonia e entendimento prosperavam com o toque dos ensinos de Jesus.

Esta noite, todos os 30 componentes do grupo estavam presentes. Duas equipes de visitadores, indicadas pelos benfeitores, foram enviadas aos doentes em suas residências. Deviam preparar o ambiente para os guias do grupo utilizarem essas energias e mais as fornecidas pelos encarnados reunidos na sede do núcleo.

Cada equipe era formada por cinco visitadores. A primeira, composta de Felipe Randozo, Atílio Pena, Rubens Romanelli, César Burnier e João Gonçalves. A segunda, pelos companheiros Abdul Simas, Elvira Soares, Laurita Gonçalves, José da Costa e eu.

Na sede do grupo, José Grosso, como sempre sucedia, abriu os trabalhos afetos aos espíritos com saudação amistosa e palavras de carinho. Ele e Palminha revezavam-se, mantendo o ambiente descontraído, onde todos partilhavam momentos alegres e principalmente de doação de fluidos.

Quando as equipes regressaram, José Grosso achava-se materializado na sala. Muitas perguntas lhe foram dirigidas e respondidas. Fez referência ao hospital que os espíritos

pretendiam ver fundado em Belo Horizonte. Deveríamos aguardar a presença de Joseph Gleber, para nos dar informações completas.

Fortes clarões foram vistos na cabine. Joseph apareceu, cumprimentando-nos com sotaque alemão. Preparou medicamentos para os doentes, utilizando projeções luminosas.

Disse-nos – conforme instruções do plano espiritual – que o hospital a ser fundado deveria ser construído em área de 2.000 m², com dois pavimentos. No andar térreo, uma sala específica para materializações, consultórios, gabinetes, dormitório, secretaria e outros. No segundo pavimento ficariam os chamados 'doentes'.

Rubens ficou incumbido de fazer o esboço do projeto, e os lapsos seriam reparados pelos espíritos. No final da sessão, Joseph deu-nos o nome da futura obra: Hospital André Luiz (hoje, Hospital Espírita André Luiz).

José Grosso materializou-se e respondeu às dúvidas dos companheiros. Inquirido a respeito do tratamento dos doentes, adiantou:

— Tudo nos leva a crer que teremos futuramente, em nosso meio, cirurgias transcendentais, por misericórdia de Jesus.

Diversificando os assuntos, falou-nos a respeito das colônias espirituais situadas sobre diversas localidades do território brasileiro.

Avisou-nos que na próxima sessão receberíamos, novamente, a entidade que estivera conosco no dia 2 de novembro para ser doutrinada. Disse-nos ainda:

— Roguemos a Jesus êxito nesse novo encontro. As senhoras continuam ausentes para não se impressionarem com a cena.

Após a sessão, na cabine do médium, medicamentos e lindas quadras de Scheilla:

Deus, criador sublime,
Obreiro eterno da perfeição,
Porta do perdão, palavra que redime
A todo homem, a qualquer imperfeição!

Espírito da vida, da luz, da verdade
Chama eterna de paz e de amor
Atinge-nos com tua caridade
Inspira-nos, oh, Nosso Senhor!

Dá-nos fé, amor, compreensão,
Paz, eternidade, harmonia
Fazendo que o nosso coração
Seja teu com ardor e alegria!

Scheilla

40

Doutrinação e Conversão de Entidade Materializada

01/12/1949

Essa sessão teve por finalidade continuar a doutrinação de entidade fortemente cristalizada em seus princípios materialistas. Os mentores haviam designado os participantes. Da entidade sofredora ignorávamos o nome.

Iniciada a materialização, José Grosso pôs-se a inspecionar o ambiente. Utilizava o aparelho de raios luminosos, para dissipar resíduos deletérios. Alongou-se bastante nesse preparo psíquico-ambiental. Após ligeiras frases, algumas respostas e poucas informações, retirou-se para a cabine do médium com o propósito de trazer o espírito materializado. Fortes clarões anunciavam os preparativos. Um dos assistentes pronunciou comovida prece pelo sofredor, suplicando a Jesus inspirar os esclarecedores a fim de serem bem-sucedidos. Gemidos e uivos ecoavam na cabine, junto ao médium. Ruídos iguais a cordas se arrastando no assoalho impressionavam a assistência, comovendo-a. César Burnier acionou o gravador.

Estávamos ombro a ombro com o ser materializado. Forte odor de matéria em decomposição envolvia a sala, proveniente por certo do meio espiritual de onde viera o sofredor – o Umbral. Jair, o dirigente, saudou-o com amável "boa-noite" e foi respondido com bocejos de desdém. Como acontecera antes, mostrava-se irredutível. De ninguém queria saber. Detestava-nos, principalmente o nosso dirigente.

Jair iniciou magistralmente o esclarecimento. Argumentou os ensinamentos do Evangelho, com lógica e sentimento. Nas pausas, o espírito retrucava com extremo mau humor, taxando-o de ignorante, imbecil e ilógico. Possuidor de magnífica inteligência, de vasta cultura, usava-as para embaraçar e confundir os companheiros, que se revezavam.

Rubens, recorrendo às idéias do espírito em doutrinação, pautou singular diálogo, sem dogmas, abordando os mais elevados temas das diversas ciências físicas e naturais, com incursões pela filosofia e pela metafísica, como era do gosto daquela entidade.

O espírito também exibia seus talentos. Estava atualizado com o que havia de mais recente em relação aos assuntos discutidos. Deu-nos a conhecer suas revolucionárias teorias sobre gravitação, inteiramente em oposição ao ensinado pela ciência acadêmica. Mas suas curiosas observações, conquanto inteligentes, não podiam e não podem alterar o sentido da vida, substituindo Deus, autor do universo, pelo polimagnetismo.

Rubens deixou-o discorrer à vontade. Depois contestou tudo, item por item. Mostrou não ter o Espiritismo o mesmo conceito de Deus como as outras religiões. Deus não é uma entidade, uma criatura, um ente à feição do homem, mas sim, a Inteligência Suprema do Universo, inconcebível pela miserabilidade de nosso saber e do nosso raciocínio.

Veio à luz a questão da evolução do espírito. Rubens apresentou diversos fatos, discorreu sobre os fundamentos da Doutrina, abordou as magníficas 'realidades' (termo tão ao gosto daquele espírito), conforme em *A grande síntese*, de Pietro Ubaldi; falou do desabrochar da consciência na célula e de seu crescimento no homem, e pediu-lhe que expusesse suas dúvidas mais importantes. Travou-se, então, inteligente

debate abordando temas como consciência, virtude, vontade e outros.

À medida que Rubens replicava e argumentava, usando de habilidade máxima para não confrontar o espírito, os conceitos deste enfraqueciam paulatinamente. Ele começava a reconhecer os equívocos que o orgulho desmedido não lhe deixara ver. O doutrinado não mais contestava. Silenciou e para nossa surpresa concordava até com algumas idéias do esclarecedor.

No final do debate, ele apenas ouvia silenciosa e atentamente as explicações.

As palavras do doutrinador, repassadas de eloqüência enternecedora, caíam em torrentes sobre o silêncio. Que teria havido?

Uma voz, muito conhecida, fez-se ouvir, alta e impressionante:

— Meus amigos, agradeço-lhes em nome de Jesus a caridosa cooperação. Nosso irmãozinho finalmente encontrou o campo próprio para seu entendimento. Ele irá comigo e refletirá atentamente sobre tudo quanto acaba de ouvir. Jesus os abençoe, meus queridos!

E dirigiu-se ao doutrinado:

— Agora, meu irmão, peço-lhe acompanhar-me.

Mais uma vez, ouvimos na sala o rumor de cordas se arrastando pelo chão. Era o espírito acompanhando Joseph, de volta à cabine do médium. Joseph sempre esteve ao seu lado durante o atendimento.

Preces foram proferidas pelos assistentes.

Rubens Romanelli orou fervorosamente rogando a Deus não o deixasse envaidecer-se com o sucesso e implorou as luzes do céu para o sofredor.

Em seguida, a voz suave de Scheilla trouxe-nos auspiciosa notícia. O espírito encontrara seu caminho. Estava convertido a Jesus, chorava de alegria e de arrependimento...

Joseph Gleber concluiu:

— Vamos aguardar a ação do tempo. Neste momento, os irmãos comandados pelo espírito ora convertido estão revoltados com ele, julgando-o um desertor. Após as primeiras manifestações de ódio tudo se irá acomodar. Ele saiu chorando, mas no futuro voltará sorrindo.

Scheilla, feliz, comunicou-nos o retorno à direção espiritual dos trabalhos do grupo. Desde o acidente com Fábio, no dia 7 de novembro, fora ela afastada, embora continuasse a materializar-se. Por conseguinte, estávamos também quites com a espiritualidade e perdoados da multa de 50 bônus-hora. A alegria dominou a sala e se irradiava em todos os semblantes!

Jair, com expressões de grande júbilo, pronunciou as mais ardentes preces de agradecimento a Jesus e aos guias do Grupo da Fraternidade Irmã Scheilla.

41

O Estatuto do Hospital André Luiz

13/12/1949

Esta reunião destinou-se a analisar a proposta estatutária do futuro nosocômio espírita e à apresentação do aparelho construído por Joseph Gleber que permitiria assistir à materialização de espíritos, em ambientes iluminados.

Jair pediu a Alberto Mizhai para reproduzir uma gravação de Joseph Gleber, materializado, quando abordou as linhas gerais do futuro Hospital André Luiz e a proposta de seu estatuto.

Enquanto ouvíamos a gravação, César Burnier fazia ponderações, sabendo encontrar-se presente o autor espiritual daquele documento. Sugeria aos dirigentes do hospital não imporem, de maneira alguma, seu credo religioso aos não-espíritas, e diligenciar para os hospitalizados receberem assistência religiosa, de acordo com suas crenças. Jair opinou por estabelecerem os estatutos impedimento à alteração da estrutura de funcionamento do hospital.

Terminada a gravação, os comentários foram inseridos à proposta do estatuto e colocada na cabine do médium para o autor espiritual analisar e proceder às correções.

Apagadas as luzes, silêncio absoluto. Fortes clarões na cabine anunciaram a presença de José Grosso. Colocou a radiola em movimento e dirigiu-se a Jair, palestrando ligeiramente. A seguir, foi à sala dos assistentes onde César

Burnier fazia preleção evangélica. José Grosso não quis interromper o comentário. Depois, cumprimentou a assistência, pilheriando com todos.

O espírito amigo pôs-se a fazer experiências com o aparelho construído por Joseph Gleber e tão logo regressou à cabine, elas prosseguiram com Palminha, que mandou abrir as janelas e a porta. Durante poucos minutos o espírito permaneceu na semiclaridade da sala, entre os assistentes, deixando-se ser observado meticulosamente, bem como o aparelho. Foi-nos possível distingui-los claramente.

Era como um cone, colocado na cabeça, a cobrir-lhe o rosto, descendo-lhe até o tórax. Na região da nuca, prolongamento semelhante a um tubo perdia-se em direção à cabine.

O funcionamento baseava-se no fenômeno da respiração, conforme informação de Palminha. Provavelmente produziria uma reação química, levando à intimidade celular elementos de extrema sutileza que bloqueariam a ação da luz. Essa foi a impressão deixada pelos espíritos.

Quando Palminha se retirou, vozes no idioma alemão eram ouvidas na cabine. Lá se encontravam reunidos para discutir o estatuto os espíritos Joseph Gleber, André Luiz, Scheilla, José Grosso e Fritz.

Não foi essa a primeira vez que mais de um espírito se materializou simultaneamente em nosso meio.

Terminada a conversação entre as entidades, foram elas, uma de cada vez, até a sala. Cerraram as cortinas, inspecionaram o ambiente e dirigiram-se a Jair, em voz baixa, a nós imperceptível.

Sentimos forte e prolongado odor de éter, misturado com outra substância química não-identificada, a envolver o ambiente. Realizava-se naquele instante delicada intervenção cirúrgica em Jair.

Cânticos suaves eram entoados proporcionando boas vibrações. A cirurgia estendeu-se entre vinte e trinta minutos. Tão logo concluída, disse Jair ter sentido dor, embora tolerável. Acompanhou consciente a intervenção, a incisão em seu abdômen com afiado instrumento de corte, o afastamento das paredes da região, os instrumentos penetrando as vísceras e o sangue a lhe escorrer pelo ventre. As dores foram abrandadas, talvez em virtude da droga aplicada no campo cirúrgico. Durante a operação conversou ligeiramente com os espíritos e deles ouviu poucas palavras. Nada temeu. Confiou totalmente.

Joseph Gleber veio nos dizer que os espíritos tinham aprovado a proposta do estatuto deixada na cabine. Acharam-na de conformidade com o que desejavam. Os pontos básicos para o funcionamento do futuro hospital ali estavam registrados e deveriam ser observados. César solicitou outros esclarecimentos a fim de prevenir dificuldades posteriores. Joseph Gleber removeu as dúvidas. Acrescentou que se o hospital não pudesse ser mantido em nossas mãos, por qualquer motivo, deveria ser transferido para o domínio da Federação Espírita Brasileira, vedando-a e à diretoria do hospital a modificação de suas finalidades. Isto deveria constar no estatuto, de acordo com as leis dos homens.

O hospital seria sempre espírita e gratuito. Suas linhas moral, religiosa e administrativa estabelecidas no estatuto seriam inalteráveis, inamovíveis. A caridade era o nosso fanal. Caridade absoluta!

Joseph Gleber advertiu-nos:

— Não haverá tratamento diferenciado para os enfermos, porém, cômodos especiais destinados aos doentes desejosos de privacidade.

A hospitalização e o tratamento seriam gratuitos. Não se recusaria a cooperação dos que, espontaneamente, sensíveis

às necessidades do hospital, demonstrassem o desejo de doar ou de contribuir, porquanto essa iniciativa beneficiaria os doentes.

Joseph Gleber discorreu sobre os benefícios a serem prestados pelo nosocômio: cursos de enfermagem, palestras sobre educação, higiene e profilaxia da tuberculose, da lepra e de outras doenças infecto-contagiosas, psicologia infantil, cuidados com as lactantes, e outros.

José Grosso voltou à sala e revelou ser enorme o interesse do plano espiritual pelo empreendimento. As discussões na colônia Nosso Lar giravam em torno desse assunto e André Luiz manifestava muita esperança em sua concretização. Recomendou a Jair convidar Francisco Cândido Xavier para a próxima reunião, pois Joseph Gleber desejava lhe falar.

Encerrados os trabalhos encontramos na cabine o estatuto datilografado pelos espíritos, contendo as inserções propostas. Na última página, a palavra "Aprovado", seguida das assinaturas de André Luiz, Scheilla, Joseph Gleber e Fritz.

Infelizmente, não me foi possível obter cópia desse documento, contudo, foi encontrada esta bela mensagem de Scheilla:

Queridos irmãos,

Que a paz do Mestre fortifique os teus bondosos corações.

Nestes momentos de felicidade íntima, unicamente posso encontrar em nossas palestras uma só palavra: hospital! Em todos os momentos soam em meu coração os assuntos referentes ao hospital; em minhas palestras espirituais com os superiores, busco informações acerca de nossa obra; em meus estudos, busco a matéria que encaixe de acordo aos trabalhos futuros da nossa casa.

Ainda há pouco, estava a discutir com o nosso irmão Joseph Gleber acerca da localização de nossa casa. Os desejos da parte geral são que a mesma se localize em um local verdadeiramente aprazível aos nossos tratamentos. Falava-me ele do local escolhido. O lugar é ótimo, o terreno adequado, a localização boa, mas a extensão pequena. O prédio terá 85 metros de frente e o terreno possui, unicamente, 60 metros. Este é o único empecilho que se apresenta, junto ao custo elevado dos terrenos naquele local, para a realização da obra.

Portanto, meus queridos, mudemos os nossos pareceres quanto à localização do hospital se não pudermos encontrar a área necessária para o prédio. Mas, amigos, onde quer que seja edificada a nossa obra, podemos estar certos de que estamos edificando uma obra do Bem. E o que nos interessa é servir na Seara do Mestre, onde quer que ela seja edificada.

Vamos, portanto, procurar o local de que necessitamos na convicção de que o nosso trabalho é necessário o quanto antes, pois os minutos perdidos são tesouros deixados na estrada do desânimo. O nosso hospital será erguido, é o que nos importa, para que o mundo veja os primeiros reflexos da fraternidade universal.

Com todo amor da

Scheilla

42

Presença de Chico Xavier. César Burnier é Operado

15/12/1949

Compareceram 18 enfermos para tratamento, convocados pelos mentores espirituais. Jair presidiu a reunião, tendo como médiuns Fábio Machado e Ênio Wendling.

No salão, Francisco Cândido Xavier e outros convidados. Jair dirigiu-se à assistência e enalteceu a beleza e a transcendentalidade dos fenômenos a se processarem. Pediu cooperação, sintonia de pensamentos elevados e identidade de sentimentos cristãos. César Burnier exaltou a alegria saudável e construtiva dos cooperadores de ambos os planos, conforme recomendações dos mentores espirituais.

— Esta alegria – disse César – é necessária à saúde dos enfermos. Devemos ser otimistas, fraternos, confiantes!

Ainda afirmou:

— Ninguém, por maior boa vontade que tenha, será capaz de se manter em rigorosa concentração, durante tantas horas, se não mudarmos constantemente o ritmo de nossos pensamentos. Descontraiamo-nos para melhor contribuirmos em favor dos doentes.

Apagadas as luzes, Chico Xavier fez a oração inicial, repassada de carinho para com os espíritos dirigentes do Grupo Irmã Scheilla. Orou fervorosamente a Jesus e pediu Suas bênçãos para os numerosos doentes que se encontravam na sala. Rogou a Deus a ajuda para todos os trabalhadores no ideal da caridade e do serviço enobrecedor.

Fortes e demorados clarões vinham da cabine. A radiola começou a funcionar. Suave melodia era ouvida. A voz forte e retumbante de José Grosso invadiu a sala com um "boa-noite". Na mão, a pipeta radioativa. Acolhido com júbilo, foi envolvido por todos com expressões amáveis. Chico Xavier dirigiu-lhe a palavra. De quando em quando, as pilhérias oportunas do espírito amigo levavam o riso à assistência.

Era grande a euforia de José Grosso, mas sua permanência foi curta, dando-nos a impressão de ali estar apenas para inspecionar o ambiente. Veio comunicar-nos que Fritz iria operar César durante a reunião. Este manifestou satisfação e disse estar pronto. José Grosso pediu-lhe para retirar a camisa e fez-lhe diversas aplicações com a pipeta, na região do estômago, preparando-o para a cirurgia. O dedicado companheiro padecia de úlcera. Os médicos queriam operá-lo, porém ele temia o insucesso.

Enquanto isso, José Grosso colocou uma cadeira de vime na sala, onde os enfermos assentavam-se alternadamente para receber as projeções luminosas. O primeiro deles a ser atendido foi uma jovem, deficiente física, padecente de enfermidade nervosa. Foi medicada durante dez minutos.

A assistência cantava em surdina e vibrava intensamente, de forma a auxiliar os espíritos. As aplicações demoravam de três a cinco minutos. Cada projeção permitia ver o medicado de corpo inteiro. Nem todas projeções eram idênticas, cambiavam a cor de acordo com a natureza de cada doença. Algumas iniciavam-se avermelhadas passando a branco cintilante. Havia jatos de luz para fixação de fósforo, cálcio e outros elementos, conforme informações de José Grosso.

À proporção que os enfermos eram medicados, Chico Xavier sentia considerável parcela de energia ser-lhe retirada e transferida para o órgão afetado do doente.

Emmanuel, segundo Chico, pediu-lhe para contribuir psiquicamente com a mesma disposição, como se o necessitado fosse alguém emocionalmente ligado ao seu coração. Essa atitude cristã era absolutamente imprescindível ao êxito dos trabalhos de auxílio aos enfermados.

Duas crianças foram medicadas. Portaram-se com naturalidade durante o tratamento e conversaram ligeiramente com o espírito que as atendia.

Concluídos os tratamentos, José Grosso comunicou aos assistidos não mais poderem permanecer no ambiente. Uma pausa seria feita para permitir-lhes a saída. Durante minutos a sala encheu-se do barulho de cadeiras arrastadas e de passos dos que se retiravam.

José Grosso utilizou focos de radium para remoção de fluidos indesejáveis no ambiente. Em seguida, improvisou uma cama sobre a mesa e pediu a César para deitar-se. A entidade cerrou rapidamente as cortinas que separavam aquele local do salão. O silêncio caiu sobre todos. Ouviam-se apenas os passos dos espíritos e o ranger da porta da cabine onde Fábio se encontrava, em estado de sono.

Forte odor de éter espalhou-se no ambiente. Iniciava-se a cirurgia. Os assistentes mantinham-se em cânticos e orações, vibrando pelo êxito da intervenção.

César Burnier descreveu-a detalhadamente para o nosso conhecimento e estudo:

Fui para a mesa sem o mínimo receio. Nada temia. Sabia que a operação era mais do que possível. Somando as horas em que tenho convivido estreitamente com os espíritos do Grupo Irmã Scheilla, posso afirmar que esse convívio é superior a duzentas horas de materializações. Período de tempo mais que suficiente para afirmar que tais fenômenos são absolutamente autênticos.

Nesse dilatado período, tenho tido incontáveis oportunidades para aquilatar da sabedoria e do critério dos nossos amigos da espiritualidade. Estimo-os com singular afeto. Todos, sem exceção, são ótimos amigos, dedicados, modestos, irmãos perfeitos.

Penso que poucas pessoas no mundo têm uma experiência tão eloqüente de contato com os materializados como nós, os componentes do Grupo Scheilla. Tenho-os sempre comigo, em "carne e osso", escuto-os o coração, tomo-lhes o pulso, ouço-lhes os pulmões, apalpo-os, acaricio-os, abraço-os como faria a qualquer mortal.

Essas possibilidades não são privilégio meu. Todos do grupo as têm tido. Alguns têm até 'lutado' com eles, brincado com esses amáveis e bons espíritos. Dizer aqui tudo quanto temos presenciado, quanto temos visto de extraordinário em sua companhia, seria prolongar demasiadamente este relatório. Apenas quero frisar bem o seguinte: as materializações citadas aqui são absolutamente reais, inconfundíveis, desafiam qualquer análise, estão acima de qualquer suspeita.

Quando eu me deitei na mesa, José Grosso acomodou o colchão sob o meu corpo, cerrou as cortinas e se retirou para a cabine de Fábio. Concentrei meu pensamento em Deus, pedi auxílio a Jesus e me deixei ficar à vontade. Pouco depois abriu-se a porta da cabine. Alguém se aproximou de mim, silenciosamente. Eu sabia que esse alguém era o irmão Fritz. Ouvi-lhe a voz, segundos antes, junto à cortina, quando ele saudou a assistência.

Fritz deslizou até mim. Vinha com a lampadazinha na mão. Não lhe vi o semblante. Não havia luz para isso. Mas percebi-lhe nitidamente a respiração calma. Suas mãos, sem luvas, pousaram de leve no meu estômago. Antes ele me pressionou uma das pernas numa saudação silenciosa mas afetiva. Senti seus dedos percorrerem demoradamente a extensão do estômago, em todos os sentidos, apalpando-o com extremo cuidado. Parecia ter olhos na ponta dos dedos, querer ver o interior do órgão. Percebi claramente que examinava as partes endurecidas do meu estômago, endurecimentos esses que nunca me passaram despercebidos. Esse exame durou uns cinco minutos, mais ou menos.

Fritz retirou-se da cabine. Durante a sua ausência, enormes clarões enchiam aquele recinto. Esses clarões se repetiram todas as vezes que Fritz me deixava na sala e ia à cabine buscar um instrumento ou preparar algum medicamento. Eu sabia que aqueles clarões eram produzidos com o fim de esterilizar as suas mãos e os aparelhos que iriam ser usados em breve.

Voltando à cabine, Fritz entornou-me sobre o abdômen regular quantidade de éter. Reagi involuntariamente com alguns calafrios. Creio que o éter estava misturado com outra substância química, pois percebi também um cheiro diferente. Ignoro o que fosse.

Depois de anestesiado o local, marcou-me as zonas das ulcerações, tal qual os médicos quando nos examinam o abdômen. Em seguida, lançou mão de um instrumento qualquer, que eu não vi, em cuja ponta havia uma afiada agulha. Deu-me, o espírito, cerca de trinta agulhadas com esse aparelho. Achei-as um pouco dolorosas. Percebi e senti claramente as agulhadas, embora atenuadas fossem elas.

Essa operação começou do alto do estômago, na região da pequena curvatura, e se estendeu até o extremo contrário do órgão, na área do intestino. Idêntico processo foi feito no sentido longitudinal, da direita para a esquerda.

Fritz estava impressionantemente calmo. Calor normal nas mãos pequenas, delicadas, leves. Mãos de intelectual, sem aspereza, macias. Tudo observei meticulosamente. Eu sabia que nada me aconteceria de desagradável. Todavia, tinha um pensamento: ficariam sinais visíveis em meu abdômen? Nas operações mediúnicas comuns isso não ocorre, pensava comigo. E ponderava: se houvesse necessidade de sutura eu não poderia voltar para casa naquele dia. E, rememorando o que sei por leitura de metapsiquismo e de Espiritismo, concluía: os espíritos têm um poder de penetração que escapa a nossa vulgar concepção. A matéria não tem segredo para eles. Trabalham-na à vontade. Logo...

Durante as agulhadas, percebi que o recinto da operação era visitado por outras entidades. Pelo menos duas delas conversavam em sílabas, sopradas num dos cantos da sala. Mas falavam tão baixinho, com tal cautela, que não lhes pude perceber o assunto. Recordo-me, porém, ter ouvido uma ou outra palavra, como sejam "operado", "operação". Penso que alguém auxiliava

Fritz, a julgar pelo movimento de braços em volta da minha cabeça. Mas, apesar de tudo, nada posso afirmar em consciência.

Em uma pausa no manejo da agulha e das mãos, ausentando-se Fritz para a cabine, ouvi, partindo dali, enquanto os clarões explodiam na cabine, um rumor de metal, continuado, como se alguém amolasse um bisturi ou uma faca delicada. O ruído foi ouvido por todos os presentes na outra sala. Depois, Fritz trouxe esse instrumento para junto de mim, na saleta, e fez idêntico som. Esse barulho durou algum tempo, uns dois minutos. Ouvindo-o mais de perto, acreditei tratar-se de um bisturi elétrico.

Um risco forte, firme, correu-me o corpo, de um lado ao outro, na altura do umbigo (uns três dedos acima). Logo depois outro me foi feito paralelamente. Não senti dor e não experimentei ardor nenhum.

Fritz deixou de lado o instrumento que segurava e me comprimiu as partes riscadas. Tinha a impressão de que me enxugava o sangue e de que me abria as paredes do abdômen. Sentia a pele e todo o estômago totalmente amortecidos, sem sensibilidade.

Pouco depois, começou a funcionar o tal bisturi elétrico. Correu-me o estômago inteiro, como se cortasse as paredes do órgão. Nenhuma dor, por menor que fosse. Esse movimento durou pouco.

Isso terminado, Fritz começou a manejar qualquer coisa, dedos ou instrumento, separando-me, com mais vigor, certas partes do estômago. Em certa altura, embora me esforçasse para não deixar perceber o mínimo queixume, fui forçado a soltar forte gemido. Senti dor, realmente, dor forte e prolongada.

Na outra sala os amigos cantavam ou comentavam o Evangelho. Acompanhei, durante alguns minutos, a palestra de Chico em relação a certos trechos dos livros de André Luiz. Ele falava da opinião daquele espírito em face dos que julgam seus livros cheios de fantasia.

Fritz interrompia a operação, de quando em quando, para mergulhar o bisturi em um líquido por ele preparado na cabine. Constatei-o nitidamente em virtude do choque do metal contra as bordas do copo. Parece que esse líquido tornava mais fácil a operação. Fritz havia colocado sobre o meu peito uma faixa de papel, não sei por que motivo.

A operação durou uns trinta minutos, creio eu. Finalizando, Fritz entornou-me sobre o estômago um líquido morno e friccionou-o em todas as direções. "Está finda a operação" – disse-me calmamente ao ouvido, e esclareceu mais: "Foi feita a primeira cirurgia. O amigo tinha muitas aderências e calosidades. Houve necessidade de desmanchá-las. Na próxima vez operaremos, então, as úlceras. Por hoje basta."

Entre muitos esclarecimentos e palavras de afeto, perguntei ao operador qual a dieta a ser seguida. Fritz respondeu-me que a deixara por escrito numa folha de papel. Perguntei-lhe se deveria continuar a usar bicarbonato. Recomendou-me que o fizesse e me falou da necessidade de repouso absoluto nos dias seguintes. Fez alusão a um copo com água, no Posto de Socorro ao lado, que eu deveria observar.

José Grosso surgiu, em seguida, brincalhão, com seu vozerio colossal. Alguém – pareceu-me Jair – perguntou-lhe por mim. "Está de barriga aberta" – respondeu entre risos pilhéricos. Todavia, não me deixou levantar da mesa, somente no fim da sessão, quando chamou Chico para conversar com ele na saleta, longe dos ouvidos da assistência. Ignoramos o assunto versado. Foi tudo dito em surdina.

Terminada a sessão, depois de ardentes preces feitas por todos os assistentes, à luz das lâmpadas, ergui a camisa e examinei com os presentes o local da operação. Havia, em meu abdômen, riscos fortes como arranhaduras com alfinete. Muitos pontos vermelhos cobriam-me aquela região. Nenhuma dor eu sentia. Nada.

Regressei à casa no automóvel de um amigo, munido, por certo, das instruções deixadas por escrito. Elas me proibiam de comer carne para sempre. Permitiam-me tomar, no dia seguinte, líquidos e suco de frutas, nada mais. No segundo dia poderia ingerir sopas leves.

Sobre um dos móveis na saleta, Jair encontrou um copo com água sanguinolenta e, no fundo do mesmo, fragmentos de tecido humano. Esse copo ainda não me foi entregue, mas tive conhecimento de sua existência.

Passei a primeira noite com algumas dores. No dia seguinte, as marcas estavam mais vivas em meu corpo. Não tive alteração de temperatura, mas senti ligeira dor de cabeça. À tarde, o estômago doeu-

me mais. Essas dores recrudesceram no segundo dia, depois de passado o efeito do anestésico, penso eu. No terceiro dia os sinais foram desaparecendo. Apalpando o estômago, percebo que os endurecimentos principais desapareceram por completo.

Se me perguntarem quais as conclusões a que cheguei, responderei: as intervenções cirúrgicas feitas pelos espíritos são quase que uma brincadeira para eles. É como se alguém brincasse de operação conosco, usando de mímica e abstendo-se de cortes e manejos dolorosos. Não há traumatismo ou perigo algum. Tudo corre e ocorre às maravilhas, como num sonho.

O tempo gasto é mínimo, pode-se dizer. Não é preciso ficar anestesiado a ponto de perder a consciência. O doente levanta-se da mesa de operação sem a menor conseqüência.

Vou tirar radiografias antes e depois da segunda operação. Elas falarão por mim da perícia e da realidade desses fenômenos extraordinários, únicos, inconcebíveis. Esses fenômenos se repetirão diariamente no nosso futuro hospital, se Deus quiser. Roguemos a Deus que nos permita tamanha bênção. Tenho certeza de que eles se repetirão diariamente, em torrentes.

César Burnier foi novamente operado em outra reunião, mas não me foi possível encontrar sua declaração nos arquivos. No entanto, posso afirmar que este companheiro sobreviveu por mais de 45 anos, sem nenhuma queixa relativa à úlcera. Desencarnou com noventa anos, aproximadamente.

43

Os Espíritos nos Desejam Feliz Natal

22/12/1949

Às vésperas do Natal, realizamos uma reunião de encerramento do ano. Minutos depois de iniciados os trabalhos, a voz de José Grosso foi ouvida proferindo fortíssimo "boa-noite".

Estabeleceu-se, então, animada conversação com seus amigos encarnados sobre múltiplos assuntos, todos de elevação moral e doutrinária.

José Grosso deu-nos conhecimento de que os espíritos do grupo iriam tomar parte nas comemorações a serem realizadas no plano espiritual, por aqueles dias, em homenagem ao nascimento de Jesus. Concedeu-nos curtas férias, pois também deveríamos festejar em família a data do Natal. Assim, a partir daquele encontro seriam suspensos os trabalhos, recomeçando no dia 2 de janeiro de 1950.

Recomendou-nos o máximo cuidado para não abusar do álcool e da carne durante as festas de fim de ano. Acrescentou, brincando:

— Todos serão fiscalizados!...

Palminha entrou na sala com seus gracejos. Veio disposto a revelar publicamente suas observações a nosso respeito. Surpreendendo todos, iniciou a leitura de longo relatório descrevendo os deslizes e as faltas cometidas ou pensadas pelos assistentes. Foi um Deus nos acuda! Toda

'roupa suja' dos membros do grupo estava à vista, posta à mostra. Detalhe por detalhe. Parecia nada ter feito a não ser registrar nossas falhas. Na sala todos riam da brincadeira... Como era 'espirituosa' aquela entidade!

Palminha foi à cabine e retornou exibindo o aparelho construído por Joseph Gleber, destinado às materializações sob a luz. Queria testá-lo. Pediu a Atílio Pena para abrir a porta de acesso à sala dos fundos. O recinto foi invadido por forte claridade. Mesmo assim, divisamos, com grande nitidez, a entidade completamente materializada, a nossa frente.

A experiência de Palminha destinava-se à preparação do Espírito Joseph Gleber para materializar-se à luz do dia, na inauguração do Hospital André Luiz.

Fritz radiografou os ouvidos de João Gonçalves. O filme seria levado à colônia Nosso Lar para estudo e decisão de cirurgia.

José Grosso veio à sala e pôs-se a conversar com os assistentes. Falou-nos sobre o estado de saúde dos enfermos atendidos pelo grupo e informou que Teófilo Calil desencarnara vítima de câncer na face e na garganta.

— Ele ignora que desencarnou e se queixa de ter sido afastado do grupo por um dos seus componentes – disse. Todos lamentaram.

Um assistente indagou:

— Onde está Scheilla?

— Ela está em Belém do Pará. É a única do nosso grupo que trabalha naquela cidade.

Em seguida, determinou o encerramento dos trabalhos e passou a despedir-se individualmente com votos de boas-festas e próspero Ano Novo.

Na cabine, várias mensagens, assinadas pelos espíritos, referentes às datas festivas e dirigidas a cada um dos membros do grupo.

44

André Luiz Materializa-se e Fala ao Grupo

02/01/1950

Abordando as atividades do ano de 1950, passarei a descrever as sessões que mais se destacaram.

Todos os componentes estavam presentes ao encontro e sentiam-se emocionados.

Vivenciávamos momentos de confraternização durante a preparação do ambiente. Cada um dos presentes recordava os carinhosos companheiros espirituais do ano findo.

Iniciadas as materializações, os mentores espirituais aconselhavam e incentivavam para que não desfalecessem as nossas forças.

Scheilla, amorosamente, convidava-nos ao amor sublimado com Jesus; Joseph Gleber, voz firme e fraterna, erguia-nos o ânimo; Palminha, com suas brincadeiras, mantinha o padrão vibratório; José Grosso, o comandante das aberturas das reuniões, pulso forte, sempre com dádivas evangélicas; Maria Alice, não media esforços, com sua dança, para captar-nos a atenção e manter as vibrações equilibradas...

Ano Novo! Sentíamos este ano como a nos abrir os braços a dizer-nos:

— Venham! Eu os abraço apoiando-os para que as realizações sejam consolidadas com Jesus em Sua grande seara. Não deixarei faltar a umidade que fortalece a semente da boa vontade, tampouco o calor do sol da vida a promover a

germinação dos frutos sazonados de amor, para serem distribuídos aos necessitados e sofredores...

Fortes relâmpagos com diversos matizes surgiam dentro da cabine. Nunca antes os havíamos presenciado com tamanha intensidade. As cortinas da cabine abriam-se. Todo o ambiente estava claro. Era fantástico! Uma entidade não-identificada materializava-se. Atravessou a porta e foi ao salão. Portava em uma das mãos grande foco de luz e na região do tórax, intensa luminosidade. Sua voz era diferente das demais. Possuía caricioso timbre evangélico. Falou-nos da necessidade de observarmos o programa de trabalho a ser posto em execução na nova sede do grupo. Exortou-nos a continuar mantendo união, compreensão e boa vontade para o progresso das atividades. Disse-nos que essas recomendações tinham a intenção de conservar a pureza dos trabalhos e de prevenir para que o fermento da indisciplina não viesse perturbar tão bela seara. Com voz firme e fraterna, expressou-se:

— Venho trazer-lhes abraços especiais da irmã Veneranda e do irmão Clarêncio.

Já não restavam dúvidas. Identificamos quem nos falava. Era o nosso querido André Luiz! Pela primeira vez o ouvíamos. Seu timbre de voz exprimia magnetismo e autoridade. Subitamente despediu-se e se retirou.

Hinos foram entoados pelo coral feminino em preces de agradecimentos ao Criador.

Uma entidade de baixa estatura, voz meiga e infantil, veio a nós. Era Fidelinho.

Joseph Gleber fez tratamentos em três necessitados durante dez minutos. Scheilla, sempre meiga e carinhosa, falou-nos de fé e esperança. Demonstrou o seu reconhecimento pelo local em que viu desenvolver os nossos trabalhos.

Ao final, encontramos, por escrita direta dessa entidade, a indicação dos primeiros componentes da administração do Grupo da Fraternidade e do Hospital André Luiz:

Grupo da Fraternidade Irmã Scheilla

Conselho:
Fábio Machado
Jair Soares
Márcio Cattoni
César Burnier
João Gonçalves
Demais membros poderão ser escolhidos pelos inscritos.
Bibliotecário: Áurea Celeste Gonçalves
Tesoureiro: a ser escolhido pelo Conselho.

Hospital Espírita André Luiz

Conselho:
Fábio Machado
Jair Soares
Rubens Romanelli
Celso de Castro
César Burnier
Atílio Pena
Demais membros poderão ser escolhidos pelos inscritos.
Diretor Provedor: Abdul Simas
Diretor Clínico: está sendo estudado, podendo os sócios e a direção apresentarem seus candidatos para escolha.
Diretor Secretário: Áurea Celeste Gonçalves
Subdiretor Secretário: Dante Labbate
Diretor Tesoureiro: Fábio Machado
Subdiretor Tesoureiro: Alberto Mizhai
Diretor Espiritual: Alberto Mizhai
Ressalva: os conselheiros administrativos, tanto do hospital como do grupo, terão os mandatos fixados em 12 meses.

Scheilla

45

A Reencarnação de Maria Alice

13/02/1950

Vinte horas. Fábio já se encontrava na cabine. José Grosso, como de costume, foi o primeiro a materializar-se. Colocou um disco na radiola e passou a cumprimentar nominalmente os assistentes.

Quando o companheiro ausentou-se, surgiu Palminha com suas piadas colocando a sala em alvoroço. Depois, deu-nos uma notícia surpreendente. Maria Alice iria reencarnar imediatamente em Belo Horizonte...

Sentimos os nossos corações apertando, pois iríamos perder o contato com a entidade por nós tão querida. Todavia, esses sentimentos externavam vibrações carinhosas para a amada companheira que nos deleitava com danças e sapateados. Maria Alice havia conquistado todos e já sentíamos saudades da sua presença amiga.

Palminha avisou-nos ser esta a última vez que ela estaria conosco. Viria se despedir e ser conduzida diretamente do nosso ambiente para o seio materno destinado.

Jair e César oravam pedindo pela felicidade dessa amada entidade. Palminha pediu a Márcio Cattoni para colocar na radiola os discos prediletos de Maria Alice. Tão logo iniciou a música, os passos da dançarina se fizeram escutar na harmoniosa cadência de seu sapateado. Quando terminou a primeira música, César se dirigiu ao espírito,

em nome de todos, com palavras de muito afeto e encorajamento.

Seu ingresso na carne era pranteado como a desencarnação de um ente amado. Todavia, a imposição da lei tinha de ser obedecida. Assegurava-se-lhe que ninguém do grupo a esqueceria. Retribuindo, a irmã foi a cada um dos assistentes e ternamente os afagou. Novas músicas e sapateados invadiram o salão. Maria Alice despediu-se produzindo suavíssima fragrância, em todo o ambiente, de aroma tão puro como a alma dessa querida entidade. Retirou-se às 23h30min.

Joseph Gleber materializou-se, chamou César à cabine e o fez deitar-se em uma cama improvisada. Após lançar boa dose de éter sobre a região abdominal do companheiro, aplicou-lhe uma substância radioativa, como procedimento preparatório à segunda intervenção cirúrgica prevista para breve.

Novos clarões luminosos se fizeram e José Grosso autorizou o encerramento da reunião.

46

Vibração de Sexualidade Paralisa Reunião

15/03/1950

A sessão teve início com prece seguida de comentários evangélicos. Sucedendo às fortes luminosidades na cabine, José Grosso surgiu com seu enfático cumprimento.

Palminha substituiu-o. Disse que os espíritos cooperadores no Grupo Scheilla, quando não estavam presentes, dedicavam-se a outras tarefas em benefício dos irmãos doentes, servindo-se dos fluidos dos assistentes.

Palminha recolheu-se à cabine e outra entidade se apresentou. Cumprimentou-nos e se postou diante de uma enferma fazendo-lhe aplicação terapêutica.

Aconteceu, então, uma desagradável ocorrência. Um cooperador do grupo, em momento de invigilância, emitiu um pensamento com tão forte teor de sexualidade que atingiu o espírito materializado. Sofrendo o impacto, a entidade retirou-se imediatamente e o médium na cabine foi tomado por demorado acesso de tosse. O criador da imagem psíquica plasmada deu-se conta de sua ação. Sentiu-se envergonhado, desejando que a terra abrisse suas entranhas e nela ele mergulhasse. Seu peito doía. A cabeça pesava. Jovem, 22 anos, via-se aniquilado.

Este personagem era eu...

Outra entidade materializou-se. Fritz viera para continuar a palestra sobre passes magnéticos, iniciada

anteriormente por André Luiz, porém, deixaria de realizá-la devido às circunstâncias. Disse que vibrações de sexualidade prejudicaram o trabalho dos espíritos e fez ver o perigo que isso constituía para nossa tarefa. Despediu-se e retornou à cabine.

Scheilla veio ter conosco brevemente e com palavras amáveis também se despediu. Eu não tinha dúvidas de ter sido inconseqüente. Atitude própria de imaturidade.

Quando as luzes foram acesas, houve comentários diversos. Supunham ter acontecido algo muito sério. Mantinha-me em silêncio, em penitência íntima, acabrunhado. Um dos companheiros, notando meu embaraço, asseverou:

— Dante, você está com o semblante tristonho. O que há, companheiro?

Evasivamente, respondi:

— Hoje estou um tanto indisposto...

Quatro dias se passaram... Dias de martírio em minha consciência. A vergonha pungia o meu ser. Perdera o desejo de freqüentar as reuniões. Tomei então a decisão de não mais participar dos trabalhos com os queridos entes espirituais e com os amigos do grupo.

No quinto dia, perduravam os mesmos propósitos.

Duas horas antes da reunião, algo me sucedeu. Uma força dominante apropriou-se de mim e impôs uma ordem: Vá! Era uma energia imperativa tentando derrubar a muralha por mim criada.

Saí pressurosamente. Urgia não perder tempo. Precisava chegar à sede do grupo antes de fecharem a porta.

Tomei o primeiro bonde para o centro da cidade e embarquei no ônibus que me deixaria a 500 metros da sede do grupo. Temeroso de encontrar a porta fechada, fiz correndo o percurso e entrei ofegante. O relógio na parede apontava cinco minutos para o início da reunião.

Abertos os trabalhos, luzes relampejavam na cabine. Uma entidade materializada, iluminada, com as vestes alvas, sem a ninguém saudar, dirigiu-se a mim. Nada falou. Colocou sua mão sobre minha cabeça e, carinhosamente, mergulhou os dedos em meus cabelos. Depois, retirou-se.

As lágrimas rolaram em minha face. Nesse estado de emoção, elevei o pensamento a Jesus e agradeci-Lhe a misericórdia de conceder-me amparo através de seus fiéis trabalhadores espirituais.

Exponho essa marcante experiência, cuja recordação me constrange, com a intenção de alertar a quem deseja participar de trabalhos de materialização – nos quais o campo energético do ambiente torna-se altamente sensível aos pensamentos dos assistentes – que é imperioso o cuidado com as projeções mentais, como nos ensinam os dedicados amigos do plano espiritual.

47

A Frustrada Reencarnação de Maria Alice

26/03/1950

Ao iniciar a sessão, Márcio Cattoni e Jair Soares presenciaram clarões luminosos sobre a cama de Fábio. José Grosso trouxe uma grande luz na mão e uma folha de planta iluminada. Dividiu a luz em dois focos e fez aplicações rotativas em Laura, a ser operada a seguir.

Com o retorno de José Grosso à cabine, ouvimos duas entidades dialogando em alemão. Uma delas foi para a cabine onde seria realizada a cirurgia. Ouvimos o funcionamento da máquina utilizada pelos espíritos nessas intervenções.

Joseph Gleber saudou-nos fraternalmente. Ao regressar à cabine comentou com a segunda entidade:

— Enquanto a pulsação não atingir 70 não poderemos iniciar a operação.

Palminha surgiu, palestrou alegremente com todos e deu-nos um "até breve".

Novamente as vozes das duas entidades, falando em alemão, quase ao mesmo tempo. Uma das vozes era feminina.

Joseph Gleber tranqüilizava Laura. Em seguida, comunicou à assistência que doravante os espíritos priorizariam as cirurgias e os tratamentos, ampliando essas reuniões para duas por mês e assistidas somente por pessoas designadas, não se admitindo faltas, senão justificadas; as

palestras espirituais e as reuniões das crianças seriam mensais; assistentes não mais poderiam ser aceitos.

— Precisaremos de alguns aparelhos de raios ultravioleta e infravermelho para acelerar os tratamentos e um outro para unificar fluidos – concluiu Gleber e despediu-se.

Palminha, na assistência, brincava com todos usando suas piadas mordazes. Ambiente de muita alegria e vibrações positivas.

De repente, Palminha recebeu surpreso uma notícia do plano espiritual. Disse que os demais espíritos teriam que se retirar e ele permaneceria entre nós até o retorno deles. Estranhamos, mas não perguntamos o que estava acontecendo e nem por que os amigos espirituais estavam se ausentando.

Palminha foi para a cabine. Tivemos um longo tempo sem entidade materializada. Preenchíamos o vazio com hinos, músicas e preces.

Finalmente, José Grosso apresentou-se. Esclareceu que as entidades do grupo tiveram de prestar socorro ao Espírito Maria Alice. Há mais de um mês estava ela em processo reencarnatório, agora interrompido abruptamente por um aborto provocado pela futura mãe. Ela é espírita militante e esposa de orador igualmente espírita.

Ficamos entristecidos. Diversos assistentes choraram. Repercutiu em nosso íntimo a gravidade de um ato não condizente com os ensinos da nossa consoladora doutrina, porém, muitas vezes fraquejamos na hora da prova.

Com vibrações fraternas em benefício da nossa Maria Alice, a reunião foi encerrada.

48

O Tecido da Roupa de Scheilla

25/04/1950

Neste capítulo, relato fatos curiosos, sob o prisma científico, envolvendo o Espírito Scheilla. Presentes à reunião 12 pessoas, duas delas para tratamento. Os trabalhos foram abertos às 20 horas sob a direção de João Gonçalves, com prece e hinos. Clarões na cabine do médium anunciavam o início da materialização.

Palminha trouxe uma folha de coqueiro, iluminada. Disse-nos ter esta planta a propriedade de reter a luminosidade produzida pela pipeta radioativa dos espíritos. Em seguida voltou à cabine.

José Grosso surgiu, rindo muito, lançando pedras de cristal facetadas no colo das pessoas. Alberto Mizhai, não muito convicto com o fenômeno, pensou: "Pedra pequena é fácil! Por que ele não joga uma grande?"

De repente, uma surpresa... Um barulho assustador no salão sacudiu-nos por inteiro.

José Grosso, brincando, disse para Alberto:

— Eu poderia ter lançado essa pedra em sua cabeça, mas tive pena de você. E saibam que ao desmaterializá-la na rua, uma pessoa que estava perto, ao ver a pedra desaparecer, saiu correndo em disparada!...

Refeitos do susto, todos riram muito da brincadeira do espírito amigo. No final da reunião, luzes acesas, encontramos

a tal pedra, com mais de seis quilos. Era de granito, como as encontradas na rua.

José Grosso pediu para cantarmos outro hino e se retirou. Scheilla solicitou a um assistente para acender as quatro lâmpadas vermelhas do salão. Não era usual tal iluminação, porquanto poderia trazer reações prejudiciais ao ectoplasma. Entretanto, os companheiros espirituais tinham tomado os cuidados exigidos e tudo transcorreu em segurança.

Scheilla retornou e se pôs à frente da primeira fila de cadeiras. Acariciou a cabeça da companheira Ló, chegou-se a mim, colocou a mão esquerda sobre minha cabeça e passou a conversar com os assistentes.

Trajava vestes alvas e cobria a cabeça com um tecido finíssimo a vedar-lhe o rosto. A luz vermelha a deixava bem visível. Ergui os olhos, observando-a. Notando minha curiosidade, aproximou-se. Pude então observar sua pele muito clara, nariz bem talhado. Sensibilizava-me a expressão delicada, própria dos anjos...

Scheilla retirou um pedaço de suas vestes e ofereceu a Ló. Depois, outros retalhos foram ofertados aos assistentes. Em seguida, recomendou apagar as luzes.

Celso de Castro, no dia seguinte, levou o pano ao Instituto de Tecnologia e Mineralogia de Minas Gerais e pediu aos colegas engenheiros para analisá-lo. Não explicou sua origem. O laudo*: "Tecido estranho para as ciências. Nenhuma das partículas tem relação com seda, algodão, lã ou com outros tecidos sintéticos conhecidos."*

Jair e Ló emolduraram o tecido recebido, protegendo-o da ação do ar, mas em dois meses tornou-se de cor amarelo fosco e foi se desfazendo até desaparecer por completo.

Ao término da reunião, Fábio, gracejando, reclamava pelo fato de seu agasalho estar cheio de buracos.

— Vamos combinar: quando os espíritos quiserem fazer brincadeiras e presentear alguém com pedaços de pano, o façam à vontade, contanto que não sejam com os da minha roupa.

No entanto, o agasalho de Fábio era cinza escuro e alva era a roupa de Scheilla...

Madame D'Espérance, médium de materialização, narra em *No país das sombras* que numa das sessões alguém surrupiara um pedaço do tecido que envolvia o espírito materializado. Após a sessão, ela notou sua falta na saia. Parte fora cortado, parte rasgado. Era espesso, de lã, de cor escura. O pano, em poder do assistente que o retirara, apresentava igual tamanho e formato, porém de cor branca e de textura tão fina e leve como teia de aranha.

Convém notar que as vestes dos espíritos materializados podem variar em textura conforme o potencial mediúnico ectoplásmico.

49

Orai e Vigiai

25/06/1950

Este capítulo aborda os acontecimentos que culminaram com a criação do Hospital André Luiz, em Belo Horizonte, por membros do Grupo da Fraternidade Irmã Scheilla.

Tudo começou numa reunião de materialização. Na cabine, movimentações e vozes. Subitamente, um dos companheiros no salão exclamara:

— É necessário que o Grupo Irmã Scheilla passe a tratar da criação de um hospital espírita para cuidar de insanos mentais!

O silêncio voltou ao salão por alguns minutos. Um dos mentores interveio:

— Esta exclamação inesperada feita pelo irmão é fruto de expectativa nossa, a ele enviada por intuição. É um dos nossos objetivos e temos a certeza de sua concretização pelos trabalhadores do Grupo Scheilla. Como já sabeis, não temos o direito de impor serviços a vós antes que proponhais executá-los. Nossa função será sempre ajudar nos empreendimentos de fraternidade em nome de Jesus. Nunca impor – concluiu.

Naquela reunião, a semente do atual Hospital Espírita André Luiz fora lançada em terra fértil. Hoje, o hospital proporciona atendimento a mais de quinhentos pacientes de doenças mentais, vindos de diversos rincões do Brasil.

Não se pode olvidar a valiosa colaboração de dezenas de lojas maçônicas, carreando apreciáveis donativos. Isso aconteceu logo no início das campanhas levadas a efeito pelos membros do Conselho Administrativo, formado em janeiro de 1950 pelos companheiros do Grupo Scheilla, com a atribuição de criar o hospital. Era composto dos confrades Rubens Romanelli, César Burnier, Efigênio Soares Vitor, Felipe Randozo, Geraldo Figueiredo, Jair Soares, Pedro Ziviani, José Saturnino de Castro, Henrique Keemper Borges, Áurea Celeste, Márcio Queiroz Cattoni.

Infelizmente, nem sempre o céu se apresenta azul para os homens. Às vezes, nuvens de borrasca toldam o horizonte, prenunciando acontecimentos sombrios.

No dia 25 de junho de 1950, às 15 horas, em reunião no Centro Espírita Oriente, ocorreu lastimável fato. Com exceção dos conselheiros nomeados, apenas duas pessoas assistiam aos trabalhos – Bady Cury, então presidente da União Espírita Mineira, e eu, no cargo de subdiretor secretário do Conselho do hospital que surgia.

O encontro caminhava em aparente tranqüilidade.

Colocada pelo secretário a pauta da reunião em discussão, logo surgiram opiniões fortes e desencontradas, com efeitos inesperados, por aparente falta de vigilância. O "orai e vigiai" asseverado pelo Mestre Divino não estava sendo observado pelos conselheiros, apesar de o encontro ter sido precedido por orações. Teria ocorrido assédio de entidades das sombras interessadas em anular o nosso ideal, o surgimento da obra beneficente? Alguns dos membros do Conselho teriam dado acesso a maus pensamentos?

Lamentavelmente, os irmãos começaram a se digladiar com palavreado acerbo e personalismo inconseqüente. O fato culminou com dois deles trocando agressões físicas, sendo

obstados por companheiros que se mantinham vigilantes e equilibrados.

A reunião foi suspensa. O objetivo estava prejudicado. Retiramo-nos cabisbaixos, envergonhados...

No dia 28, três dias após o turbulento encontro, tivemos uma reunião de materialização com o médium Fábio e as presenças de Jair, Ló e Zizi.

Os amigos espirituais manifestaram sua consternação pelas tristes ocorrências, principalmente Fritz e Joseph Gleber. Este declarou que "Scheilla disfarçava sua tristeza com lágrimas". Lamentou-se:

— Compreendemos que os homens têm o livre-arbítrio, mas...

Ao terminar esta pequena reunião, recebemos duas quadras poéticas deixadas por Nina Arueira, com o título "Máximas."

Passaram-se dias sem contato com os personagens do conflito. Consternado, ansiava por restabelecer a harmonia entre eles, os quais julgava competentes para colaborar com a criação do hospital. Jovem, porém, sentia-me impotente.

Decidi ir a Pedro Leopoldo conversar com o querido amigo Chico Xavier. O irmão, amável como sempre, recebeu-me com muito carinho e uma sombra de consternação. Disse-me estar a par do fato e passamos a conversar, dando meu testemunho da ocorrência. Ao terminar a exposição, ele asseverou:

— Dante, você tem o compromisso de reunir e harmonizar aqueles irmãos.

Respondi:

— Como fazer isto, meu caro amigo? Sinto-me por demais pequeno ante aqueles companheiros tão cultos e competentes!

— Dante, confia em Jesus!

Calei-me. Abracei-o afetuosamente e retornei a Belo Horizonte. A cabeça fervilhava. Não tinha a menor idéia de como pacificar aqueles irmãos.

Duas semanas se passaram celeremente. Arquitetava como abordá-los e convencê-los a reassumir o plano de trabalho com harmonia e dedicação, em nome do Senhor Jesus.

Senti então forte intuição, como uma voz de comando: "Vá agora à casa de Y. Lá saberá como proceder."

Saí imediatamente, tomei o primeiro bonde e por vinte minutos viajei despreocupado, sem pensar nos meios de entendimento. Sentia-me seguro de alcançar bons resultados. À chegada, Y recebeu-me amavelmente:

— A que devo sua agradável visita?

— Deu-me vontade de rever você.

Sorriu e assim pôs-me bastante à vontade. Serenamente disse-lhe:

— Você talvez nem vai acreditar no que tenho para contar.

Encarou-me, curioso, e retrucou:

— Sou todo ouvidos!

— Pois é, estou vindo da casa de Z bastante impressionado...

Franziu o cenho e perguntou:

— Por quê?

— Porque ele, com os olhos marejados, lamentou amargamente o impasse criado entre vocês, na reunião do conselho. Revelou apreciar-lhe como amigo-irmão e está com a consciência machucada...

Fitou-me com olhar sereno e brilhante, e afiançou:

— Dante, eu também muito aprecio Z! Não compreendo a razão pela qual tudo aquilo aconteceu...

Seu desabafo deu-me grande esperança de ambos chegarem a bom entendimento.

Sentindo sua reação favorável à harmonização que se fazia necessária, mudei de assunto. Logo despedimo-nos com um abraço amistoso. Saí em direção à casa de Z.

Lá chegando, atendeu-me sua meiga esposa, que logo chamou o marido. Z entrou na sala, sorridente, exclamando:

— Dante! Estou feliz por sua visita. Que bons ventos o trazem?

— Ah, caro amigo, ventos suaves. Estou vindo da casa de nosso querido irmão Y.

— É?! E como ele está?

Suas expressões e gestos falavam mais que as poucas palavras. Havia nele um laivo de surpresa, arrependimento e amizade. Os ventos estavam favoráveis ao propósito dos bons amigos espirituais de normalização das relações pessoais e conseqüentemente dos trabalhos mediúnicos.

Ergueu os olhos, fitou-me e assegurou:

— Dante, estou muito frustrado com o acontecido. Sinceramente não tinha a mínima intenção de chegar a tal situação de discórdia. Tenho pensado em procurá-lo, pedir desculpas e reatar nossa amizade. E desculpar-me também, com os outros companheiros...

Percebendo a real possibilidade de pacificação dos ânimos nos despedimos amistosamente. Sentia-me ouvindo a sentença majestosa do anjo no dia do nascimento do Senhor Jesus: "Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade!"

E assim fui procedendo com quase a metade do número de conselheiros que haviam participado daquela contenda. Tomou-me alguns dias, mas obtive sucesso.

Entrementes, algo pesava na minha consciência: eu estava mentindo. Essa mentira, diplomática, não obstante justificada por bons resultados, desagradava minha consciência.

Terminadas aquelas visitas, passaram-se alguns dias sem meu contato com aqueles companheiros. Fui então chamado por um dos membros do conselho que manifestou o desejo de convocar reunião para as 14 horas de um sábado. Vibrei de satisfação com a idéia. Ele apanhou um caderno e elaboramos a pauta do encontro com a relação dos nomes dos conselheiros, para aporem o "ciente" da convocação.

Ao colher as assinaturas, todos mostravam boa disposição para levar avante o compromisso. Porém, no íntimo daquele companheiro e também no meu, pairava a dúvida se eles atenderiam ao chamado.

Sábado, duas horas da tarde. A porta do Centro Espírita Oriente foi aberta por um membro do conselho. Ficamos em ansiosa expectativa. Duas e meia, ninguém chegara. Às duas e quarenta, apareceram dois conselheiros. Às duas e cinqüenta, todos se faziam presentes, trocavam abraços amistosos e sinceros pedidos de perdão.

A reunião foi aberta com uma prece vibrante em agradecimento a Deus e a Jesus pela retomada da confraternização em serviço. As nuvens sombrias da borrasca estavam dissipadas e o sol da fraternidade aquecia os corações.

Na segunda-feira, rumei a Pedro Leopoldo para relatar ao amigo-irmão Chico Xavier o desfecho da reunião.

Sorrindo, recebeu-me:

— Já sei, estão unidos novamente!

Mas, uma sombra de pesar caía em minha consciência. Confessei-lhe:

— Caro amigo, há um 'senão' me conturbando. Na ânsia de harmonizar os companheiros, conforme você me pediu, usei da mentira e não me sinto bem.

Em sua serenidade peculiar, Chico confortou-me:

— Dante, foi uma mentira sublime!

Esta resposta aquietou minh'alma.

Máximas

Paz, carinho, união,
Três máximas do amor,
Sentimento, caridade, perdão,
Três virtudes do Senhor!

Viver em união
É abraçar a fraternidade,
Perdoar de coração
É viver com a verdade.

Nina

50

Fábio Machado Muda de Endereço

No dia 18 de dezembro de 1950, retornei à minha casa na Fazenda Eureka, situada a 9 km do centro da cidade de Itanhomi, Minas Gerais.

Sentia-me embalado pela felicidade de voltar a conviver com meus familiares. Por outro lado, pesaroso por distanciar-me do convívio com o Grupo da Fraternidade Irmã Scheilla, em Belo Horizonte.

Na sede da fazenda, meu pai mantinha um 'posto de socorro' dedicado a atender necessitados de apoio espiritual e de saúde. Este núcleo foi sendo ampliado no correr dos anos e passou a ser nomeado Grupo da Fraternidade Irmão Joseph Gleber.

Neste capítulo é enfatizada a atuação de Fábio Machado, nosso amigo e colaborador, naquele grupo.

Após três meses, secundando meu pai na administração da propriedade, fui a Belo Horizonte, a negócios, lá permanecendo por dois dias. Tentei comunicar-me com Fábio, sem sucesso, pois desejava convidá-lo a passar alguns dias na fazenda. No segundo dia, apressei-me no que faltava resolver. O avião partiria às 14h30min e somente às 13h conseguira contato com Fábio por telefone. Palestramos ligeiramente e fiz-lhe o convite, aceito de pronto.

Fábio permaneceu conosco por um mês e tivemos a oportunidade de realizar duas sessões de materialização. No princípio de abril de 1951 regressou para a capital.

Duas semanas depois, surpreendeu-nos com o retorno inesperado à Fazenda Eureka. Descobrimos então ter Fábio se enamorado de minha irmã Edna, o motivo de sua volta.

Em três meses ficaram noivos, com o lisonjeiro consentimento de meus pais e o nosso agrado. Consorciaram-se no ano seguinte.

Fábio fora nomeado coletor federal na cidade de Itanhomi e, desde então, sua atuação no Grupo Joseph Gleber foi primordial. As sessões de materialização tiveram prosseguimento na fazenda, por mais de cinco anos, com os mesmos objetivos e padrões de trabalho do Grupo Irmã Scheilla, visto serem os mentores espirituais comuns aos dois grupos.

Além dos colaboradores da fazenda Eureka – pessoas simples, semi-alfabetizadas que trabalhavam nas terras para meu pai – contávamos com o apoio de militantes da Doutrina em cidades vizinhas como Caratinga, Governador Valadares, Teófilo Otoni e, mais raramente, Belo Horizonte, além de outras.

Assim, o grupo Irmão Joseph Gleber consolidava seus trabalhos. Enfermos necessitados de alívio acorriam de muitas cidades de Minas e de outros estados.

Os anos de 1949 a 1959 constituíram o período áureo para os trabalhadores que se dedicavam a fenômenos de materialização, mormente em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

51

Jerry Labbate

Meu pai, Jerry Labbate, nasceu na cidade de Nova York, em 30 de março de 1888. Em 1916, com 28 anos, falecidos os genitores, decidiu vir para o Brasil. Desembarcou no porto de Santos, em São Paulo.

Desde os Estados Unidos sentia grande afinidade com os fenômenos espíritas que ocorriam no território americano. Adquiriu dois livros, os quais, embora não sendo da codificação de Kardec, fizeram-no entender a atuação do plano espiritual sobre o plano carnal.

Ao chegar ao Brasil, não conhecia o idioma português, mas dominava bem o espanhol, além do inglês e do italiano. Não lhe foi difícil assimilar a nossa língua.

No Brasil, adquiriu as cinco obras básicas de Kardec e empenhou-se em estudá-las. Com o surgimento do esperanto, expandiu sua capacidade lingüística para cinco idiomas. Em apenas 14 dias de estudo, ele passou a falar e a escrever nessa expressão.

Amante inato da Doutrina Espírita, por não contar ainda com pessoas dedicadas ao Espiritismo com quem pudesse se reunir, cuidou de sua própria educação mediúnica na psicografia, tornando-se bastante capacitado nessa prática. Estudou os fenômenos propalados por Mesmer, na França, e por outros pesquisadores, aplicando tais conhecimentos,

aliados à Terceita Revelação, aos carentes de tratamentos psicofísicos.

Um fato lhe ocorreu no distrito de Tarumirim, interior de Minas, onde ele era comerciante. De sua loja, meu pai ouviu um burburinho na rua e foi à porta. Dezenas de pessoas conduziam um rapaz amarrado pelas mãos e pés, andando a passos curtos. Proferia palavrões e investia contra quem se lhe aproximasse. Meu pai foi ao encontro dos que tentavam dominar o insano e indagou o porquê daquilo. Responderam:

— Ele está louco e o estamos levando para o manicômio de Barbacena!

Meu pai colocou-se à frente do possesso e, com voz firme e dócil, disse-lhe:

— Irmão, aceite minhas palavras. Quero ser seu amigo.

Identificou de imediato um caso de obsessão sujeito à subjugação. Através do médium, a entidade perguntou:

— Quem é você?

— Eu sou alguém que deseja apenas ser seu amigo, aceita?

— Você é diferente!

— Primeiro vou mandar soltá-lo e você virá comigo, sem revidar ninguém. Tenho sua palavra?

— Sim, confia.

Meu pai pediu para o soltarem, mas reagiram:

— Você não conhece este homem. Ele é perigoso!

— Fizemos um trato e eu confio nele.

Desamarraram-no e se afastaram amedrontados. Os dois caminharam para a loja, meu pai segurando-o pelo braço. Conversaram longamente e a entidade obsessora revelou o motivo da perseguição. Apoiado na Doutrina Espírita, com sentimento evangélico, meu pai argumentava fraternalmente. Por fim, a entidade convenceu-se:

— Você confiou em mim e, da mesma forma, eu confio em você. Eu já o tenho em estima e consideração.

Despediu-se e prometeu afastar-se definitivamente do rapaz. E cumpriu a palavra pois as crises não mais se repetiram. Ao conduzi-lo para fora, as pessoas se mostravam surpresas com o resultado daquele feito.

Como este, muitos outros fatos ocorreram.

Jerry Labbate, foi um grande trabalhador da Doutrina Espírita, tendo promovido a formação de vários grupos espíritas na região leste de Minas Gerais.

Jerry Labbate

52

Na Fazenda Eureka

As reuniões públicas processavam-se em um cômodo improvisado e temporário. As de materialização eram realizadas na sede da fazenda, também em igual ambiente.

Assim procedemos por alguns meses. O número de cooperadores e de enfermos, entretanto, aumentara consideravelmente. Sentíamos a necessidade de construir um prédio que permitisse a ampliação do atendimento.

Determinado a conseguir um pedreiro competente, meu pai foi à cidade de Caratinga onde, por intermédio de amigos, localizou o profissional adequado. Convidado para esse serviço foi residir próximo à sede da fazenda.

Antônio Sales – esse o seu nome –, 31 anos, casado, desempregado, curiosamente surpreendeu-nos por um fato descrito no capítulo seguinte.

Em cinco meses a obra foi concluída. O salão de reuniões tinha capacidade para comportar até 150 pessoas. O projeto do médium Fábio Machado distribuía inteligentemente os ambientes de acordo com as suas finalidades.

O mês de janeiro de 1952 foi de grande júbilo para os componentes do grupo. A sede foi inaugurada com 150 convidados, vindos de diversas cidades de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Não faltou nenhum dos

trabalhadores do Grupo da Fraternidade Irmã Scheilla, de Belo Horizonte. Havia mais de oitenta pessoas que nunca tiveram a oportunidade de assistir a um fenômeno de materialização.

O trabalho de filtragem psíquica foi realizado pela espiritualidade às vésperas da inauguração.

Pela psicografia de Fábio, os espíritos Joseph Gleber e Scheilla estabeleceram o plano de segurança do ambiente. Estrategicamente distribuíram no salão as cadeiras para os assistentes, formando semicírculos defronte à porta da antecabine. Na primeira fileira, sentar-se-iam os freqüentadores habituais das materializações; a seguir, os militantes da Doutrina e finalmente, os simpatizantes.

Os espíritos disseram que a primeira fila constituiria o campo fluídico protetor para o desempenho das materializações, os militantes funcionando como espessa barreira a bloquear o impacto vibratório originário da curiosidade e de outras vibrações indesejáveis. Todos, entretanto, mereceriam considerações amorosas do plano espiritual.

Iniciada a sessão, descargas luminosas vindas da cabine do médium espalhavam-se pelo salão, desde o teto até sob as cadeiras. Ouviam-se agradecimentos a Jesus. Nesse ínterim, José Grosso apareceu transbordando de alegria:

— Vocês pensam que são os únicos a se rejubilar com a nossa nova sede? Não! Centenas de espíritos estão aqui e também participam deste acontecimento. Rogamos a Jesus que este núcleo, como outros existentes, possa ampliar cada vez mais a grande mensagem do Mestre, levando a palavra de conforto aos sofredores e erguendo o ânimo dos enfraquecidos!

José Grosso chamava os companheiros presentes pelo nome, procurando descontrair todos com piadas e risos.

Joseph Gleber veio a seguir. Distinguia-se pelas vestes brancas e o sotaque alemão. Iluminou o ambiente com a pipeta e mostrava-se radiante de satisfação. Cumprimentou todos dizendo que ele e os companheiros espirituais estavam felizes por mais uma conquista de Jesus, na Terra. Dirigiu breves palavras aos componentes do Grupo Irmã Scheilla, de Belo Horizonte, e despediu-se.

Hinos foram entoados. A luz produzida pelos espíritos, embora mais tênue, continuava no ambiente, enquanto na cabine do médium, em intervalos, viam-se explosões luminosas.

Scheilla apresentou-se com túnica branca e coberta de pontos de luz. Na mão, a pipeta luminosa. Voz meiga, deixava transparecer nas palavras o sentimento de amor para com os presentes.

Palminha não faltou com as brincadeiras, colocando toda a assistência em risos. José Grosso retornou agradecendo as presenças e pediu o encerramento da comemoração.

Na cabine foram encontradas mensagens e poesias incentivando o ânimo do movimento dos grupos da Fraternidade.

53

Os Valores Espirituais

No início do ano de 1952, o Grupo da Fraternidade Irmão Joseph Gleber ampliou suas atividades de assistência aos necessitados.

Recebíamos considerável número de enfermos de diversas partes do país, o que causava dificuldades para hospedá-los, mas aos poucos iam sendo resolvidas. Jair Soares e família, bem como os demais companheiros do Grupo Irmã Scheilla, visitavam-nos freqüentemente, assistindo-nos e recebendo preciosos incentivos dos materializados para os trabalhos daquela amada instituição.

Jarbas de Paula, Ênio Wendling, Lídio Diniz Henrique e família também se encontravam entre nós. A conexão entre o Grupo Scheilla, de Belo Horizonte, e os outros núcleos da Fraternidade espalhados pelo Brasil crescia, formando um grande vínculo de amor.

Os mentores espirituais, com André Luiz a liderar os trabalhos, secundado por Joseph Gleber, Scheilla e José Grosso, davam-nos as necessárias orientações e suporte.

Em uma das reuniões, Joseph Gleber informara que o nosso grupo deveria preparar médiuns, dotados de faculdades ectoplásmicas, para serem encaminhados a outras instituições.

Fomos surpreendidos com a menção pelos espíritos do nome do nosso pedreiro Antônio Sales, por sua boa capacidade

para a mediunidade de materialização, o que não havíamos ainda percebido.

Confesso que eu e meu pai ficamos preocupados em como 'produzir' o desenvolvimento dele. Necessitaríamos de companheiros disponíveis para dar apoio àquela tarefa, mas residiam distante.

Lembramos, então, que o Mestre Jesus, quando arrebanhou os doze apóstolos para formar a base para o desenvolvimento de sua grandiosa missão, escolheu os mais simples e não os renomados. Tivemos por isso a idéia de procurá-los entre os trabalhadores da fazenda. Relacionamos oito entre os que já freqüentavam as reuniões semanais de estudo da Doutrina. Carentes de conhecimentos, jamais haviam presenciado comunicações mediúnicas.

Três dos escolhidos chamaram-me para uma conversa em particular e perguntaram:

— Dante, nós vamos ter que tratar com 'almas do outro mundo?'

Um tanto embaraçado, respondi:

— Sim, mas não é bem assim...

Procurei dar-lhes explicações simples, de acordo com o conhecimento que possuíam do Espiritismo, a respeito da alma e do espírito, confiando na boa vontade deles. Reconheci, entretanto, a minha incapacidade de aquilatar a grandeza daqueles seres encarnados em condições tão simples... Ao término da conversação, um deles proferiu as seguintes palavras que me comoveram:

— Confiamos em Jesus, em você e no senhor Jerry.

Em merecida homenagem a esses oito denodados companheiros, que humildemente compartilharam conosco a educação mediúnica de Antônio Sales e de outros, registro e reverencio os seus nomes:

José Leão – desencarnado; Maria Leão – sua filha; José Bernardo – desencarnado; José Pereira – desencarnado; José

Januário – desencarnado; José Pires – desencarnado; Raimundo Pereira – vive em Minas; Pascoal – atualmente com 92 anos.

Iniciamos a preparação de Antônio Sales em duas reuniões semanais durante três meses. As reuniões eram precedidas pelo estudo de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, preces e hinos, nos quais aqueles colaboradores participavam com a melhor boa vontade. Às vezes, Joseph Gleber, Scheilla e José Grosso ofereciam mensagens psicografadas de incentivo ao grupo, por intermédio de Fábio Machado.

No segundo mês, pela mediunidade de Antônio, começaram a ocorrer movimentações na cabine. Alguns amigos espirituais se comunicavam por voz direta e produziam efeitos físicos. Mas até então não surgiam materializações.

A primeira delas aconteceu pouco depois, com José Grosso, trazendo-nos grande júbilo.

Como é natural, a primeira ectoplasmia não se deu completa em razão do noviciado de Antônio e da curiosidade que o fato constituía para os oito colaboradores.

José Grosso mostrou-se com a luz da pipeta um pouco fraca. Eu apenas enxergava sua mão, seu corpo confundia-se com a penumbra do ambiente. Caminhou em minha direção, mandou-me levantar e disse:

— Pode me segurar e apalpar.

Corri as mãos sobre seu corpo. Era mais alto do que o médium. Vestia uma espécie de túnica de tecido bastante suave ao tato. Coloquei as mãos em seu ombro e deslizei-as pelo lado esquerdo. Ao apertar o braço e o pulso senti pouca consistência em relação aos encarnados. Perguntei-lhe:

— Por que as vestes dos espíritos materializados por Fábio e Peixotinho mostram diferença no tato? Sua roupa é mais lisa e mais grossa...

— Dante, cada médium tem um potencial específico de energias, principalmente de ectoplasma – respondeu-me.

Esses fatos representaram a primeira experiência para os oito colaboradores e mais uma para mim.

Antônio Sales desenvolveu-se conosco ao longo de dois anos. Depois se transferiu para o Grupo da Fraternidade José Grosso, na cidade de Caratinga, por algum tempo. De lá, passou-se ao Grupo Dias da Cruz, na mesma cidade, colaborando por largos anos. Desencarnou em maio de 1996, aos 65 anos, 34 como médium de materialização.

São evidentes os valores do indivíduo em sua missão na Terra e também o fato de que a Providência Divina e o Mundo Espiritual valorizam os seres humanos pelos méritos espirituais e não pela posição social, cor ou religião, como, erroneamente, costumamos supor.

Isso me faz lembrar da máxima de Nostradamus: "Deus opera entre os homens pelo ministério de seus anjos."

54

Dois Casos com Fábio

Certa feita, conversávamos Fábio e eu na varanda da casa da Fazenda Eureka. Eram quase oito horas da noite. Subitamente, ele se levantou e, apontando para a porta da tulha onde vivia dona Maria, uma senhora de aproximadamente oitenta anos que morava com seu filho, exclamou:

— Dante, estou vendo uma luz intensa saindo do celeiro de dona Maria. Oh! É ela. É dona Maria!

Eu não enxergava luz alguma nem a criatura. Ele as via por sua faculdade de vidência e as descrevia empolgado:

— É uma luz bastante azul, com muitas fagulhas alaranjadas a envolvê-la... Agora dona Maria está caminhando em direção ao poste de luz... Está voltando... Retornou pela porta!

Fábio mostrava-se emocionado com a beleza da visão. Eu nada via, mas partilhava da emoção dele. No dia seguinte, soubemos que naquele momento dona Maria estava dormindo.

Na reunião de materialização perguntamos ao estimado José Grosso o significado do ocorrido:

— A nossa irmã Maria é um espírito que já conquistou merecida elevação. Antes de reencarnar, pediu às autoridades espirituais lhe fosse permitido passar essa existência condicionada à cegueira, retida na triste e permanente

escuridão. Desejava consolidar, mais rapidamente, algumas conquistas objetivadas pelo seu espírito – disse-nos.

Após este caso tocante, embora registrado em traços lacônicos, focalizo uma ocorrência que ressalta as conseqüências a que estamos sujeitos quando interagimos descuidadamente com espíritos, apenas por curiosidade.

Estávamos, Fábio e eu, conversando na mesma varanda, a respeito das mesas girantes à época das primeiras pesquisas de Kardec. Fábio convidou-me:

— Dante, vamos fazer uma experiência com essa mesinha de vime?

— Não! – repliquei. – Temos bastante conhecimento em trabalhos mediúnicos mais apropriados. Para que fazer isso? Será por curiosidade, apenas!

Ele insistiu:

— Dante, você me contou já tê-lo feito! Que mal pode haver?

— Naquela ocasião eu era mais jovem e conhecia muito pouco da Doutrina. Hoje é diferente...

— Dante, não vejo mal algum. Eu gostaria muito de assistir a esse fenômeno.

Eu sentia que não devia concordar com ele. Pensei, mas deixei-me envolver por seu argumento, mesmo porque ele era um médium bastante capacitado em trabalhos de materialização, efeitos físicos e vidência. Então, supus que a experiência, se não fizesse bem, não faria mal. Com tal raciocínio e um pouco a contragosto, acedi:

— Vá lá. Eu lhe mostrarei.

Naquele instante passavam por nós dois trabalhadores da fazenda. Chamei-os e expliquei minha intenção. Eles, muito curiosos, prontificaram-se a colaborar. Tomei da mesinha de vime e nós quatro nos colocamos ao redor com as mãos espalmadas sobre ela. Sem qualquer preparação,

entramos nas asas da curiosidade infantil. Dei a primeira ordem:

— Mesa, levanta!

Por resposta ouvimos um forte estampido que nos assustou e me levou a cancelar imediatamente a brincadeira. Olhei para Fábio. Seu rosto estava lívido pelo susto.

À noite fomos dormir, sonolentos como de costume. Mal deitamos e a coisa começou!... Passamos a ser atacados por uma saraivada de pedaços de tijolos, de telhas e de entulhos. Entramos em desespero, ainda mais quando Fábio começou a distinguir, pela visão mediúnica, entidades endemoniadas, e pôs-se a gritar:

— Meu Deus, estão querendo entrar em nosso quarto pelo telhado!

De fato, ouvíamos as telhas e as ripas rangendo como sob o peso de várias pessoas.

Apavorados, cobríamos e descobríamos a cabeça com o lençol... Nesse transe, tive uma inspiração da causa do ataque. Era a conseqüência da curiosidade ilógica de dois jovens especuladores. Resultado: atraímos alguma entidade zombeteira que deve ter chamado outras e acabaram nos dando uma lição nada agradável...

Finalmente, Fábio exclamou aliviado:

— Graças a Deus nossos amigos espirituais estão chegando! Eles trazem grandes redes e as lançam sobre os perturbadores, retirando-os. Dante, acende a luz!

Fui ao interruptor, acionei-o, mas a lâmpada curiosamente estava queimada. Ao me recolher, funcionava perfeitamente.

Sentíamos uma incrível confusão. Fábio deu-me a idéia de acender a luz da sala. Com dificuldade, no escuro, consegui chegar à sala, e para alcançar o interruptor, a dois metros de distância, foi outra dificuldade. Algo sustava-me os passos.

Mas, sob o ímpeto da vontade pude acender a luz. Nova surpresa! Pelo grande barulho que escutáramos supúnhamos muitos destroços pelo chão. Qual nada, apenas uns poucos cacos!...

Nosso cãozinho, muito dócil, veio até mim rastejando e choramingando com os olhos arregalados de pavor.

Voltando ao quarto encontrei poucos detritos visíveis, no entanto, havia-os bastante sob a cama de Fábio.

Pela manhã, meu pai disse ter ouvido um barulho e, embora estranhasse, não se levantou supondo que viesse de fora da casa. Seu quarto ficava distante do nosso, separado por duas grandes salas e a copa.

Na noite seguinte, tivemos reunião de psicografia e psicofonia, para fins de receituário e tratamentos. Quase ao final, recebemos uma comunicação de Joseph Gleber. Com a moderação habitual dos espíritos amigos, passou-nos um breve sermão:

— Meus queridos, é de se admirar que vocês, bons conhecedores da doutrina e da mediunidade de efeitos físicos, viessem a proceder daquela maneira, levados pela curiosidade pouco recomendável. No entanto, foi providencial vocês tirarem as mãos da mesinha ao ouvirem o estalo. Diante da lição recebida, vejo não ser mais necessário falar sobre o acontecimento da noite de ontem.

Cabisbaixo, bastante acabrunhado, agradeci as admoestações do nosso querido amigo. Após a reunião, comentei com Fábio:

— Em que enrascada nos metemos, hein!

55

Desenganada pela Medicina

Nos relatos a respeito das reuniões de materialização na Fazenda Eureka, pelo Grupo da Fraternidade Irmão Joseph Gleber, tenho procurado descrever, de forma simples e objetiva, os mais importantes acontecimentos e fenômenos lá ocorridos, por mais de cinco anos.

Todas as reuniões foram registradas em atas, porém, extraviaram-se. Infelizmente não foram gravadas em fitas, como deveria ser feito. Assim, esses relatos são frutos das reminiscências dos fatos mais expressivos que mantenho na memória há 53 anos.

Lembro-me de uma senhora de Caratinga que compareceu com o marido a uma das reuniões semanais. Entre lágrimas doridas contaram a meu pai ter ela os rins tomados pelo câncer, já espraiado por outros órgãos vitais. Para os médicos, era uma paciente sem possibilidade terapêutica, restando-lhe, no máximo, três meses de vida.

Muito sensibilizado com a situação do casal, meu pai lhes disse com doçura:

— Nesse caso extremo, depositemos confiança e esperança em Jesus. Ele sabe o que é bom para a senhora. Hoje exporemos seu problema aos amigos espirituais desta casa.

Os mentores convidaram o casal a freqüentar as reuniões semanais do grupo e disseram que a partir da semana vindoura ela iria receber o tratamento necessário.

A doente foi tratada por processo energético-radioativo ministrado por Joseph Gleber e por Fritz durante 18 meses. A melhora apresentava-se paulatina e acentuada, em visível oposição à sentença dos médicos.

Finalmente, Joseph Gleber transmitiu-nos a notícia alentadora, em que transpareciam o louvor e os agradecimentos a Jesus, levando-nos às lagrimas:

— Com a graça de Jesus a irmã está curada!

Nesse período, o casal já vinha colaborando com os trabalhos do grupo, dando de si o possível em favor de necessitados.

Após a boa nova, a irmã retornou à junta médica que a desenganara. Tanto os médicos de Belo Horizonte quanto os de Caratinga mostraram-se perplexos com o resultado dos exames, que atestavam a cura completa.

Maria José Moreira (Mariquita) – este o seu nome – vive em Belo Horizonte, na rua Turfa, bairro Prado, com 91 anos e bastante lúcida. Por todos esses anos, ela tem dado testemunho do privilégio de ter sido curada por Jesus, por intermédio de Seus emissários que operam entre nós.

56

O Homem de Vidro

Esse caso proporcionou-me mais um testemunho, uma prova cabal da existência dos espíritos, oferecida por eles às pessoas – como eu – que não possuem a mediunidade de vidência. Para o vidente, como Chico Xavier, é um fato corriqueiro. Entretanto, casos semelhantes a este levam-nos a vislumbrar nossas limitações quando encarnados. Vemos palidamente, através do véu que nos cobre, as grandezas do universo espiritual.

A reunião tinha por finalidade o tratamento de um homem que perdera a visão há vários anos. Ambos os nervos ópticos sofreram total atrofiamento, impossibilitando-o até mesmo de vislumbrar uma fraca luminosidade.

Residia no Rio de Janeiro e procurara os melhores especialistas. Os laudos lhe afiançaram ser irreversível a sua cegueira.

No início da reunião o paciente foi conduzido para a antecabine. Joseph Gleber chamou-me para a cabine principal onde o encontrei materializado ao lado de Fábio. Mostrava-se todo iluminado, qual grande lâmpada, aclarando suavemente o cômodo. Olhei para o médium deitado na cama e fiquei impressionado! Eu o via em silhueta luminosa, transparente, como se feito de vidro. Todo o seu corpo apresentava focos de luz de variados tamanhos e matizes, predominando o vermelho-alaranjado.

Joseph Gleber observava-me compreensivo diante da minha perplexidade com a visão insólita. Eu cogitava: "Meu Deus! Quantas pessoas gostariam de presenciar este fenômeno admirável, uma visão mínima das maravilhas existentes nos mundos espirituais!"

Focos luminosos maiores pairavam sobre a cabeça de Fábio; outros, na testa, na região da laringe, no peito, no plexo solar, na região do abdômen e também na região sacro. À medida que eu descia os olhos para observar, a luminosidade desses focos diminuía de intensidade.

Eu tinha poucos conhecimentos a respeito dos centros de força do ser humano, os chacras, assim chamados pelos mestres orientais, teósofos e esotéricos. Hoje, esses centros energéticos estão sendo estudados nos meios científicos.

Transcrevo a seguir, um fato similar testemunhado por Ranieri com o médium Peixotinho, no Grupo André Luiz, do Rio de Janeiro. Essa experiência encontra-se relatada no livro *Dossiê Peixotinho*, de Lamartine Palhano Júnior e Wallace Fernando Neves (Publicações Lachâtre), páginas 141 a 172:

Uma entidade materializada convidou a mim e a Ledice Teixeira Dias para irmos até a cabine onde estava o médium Peixotinho deitado numa cama, como se estivesse morto, porém o seu corpo estava iluminado interiormente: víamos a superfície de suas mãos, braços e barriga, embora estivesse vestido em um pijama, como se fossem de vidro, e, dois ou três centímetros abaixo, no interior dessa superfície, havia uma luminosidade igual à do vaga-lume, saindo de dentro para fora. Na região do plexo solar, a luz era intensíssima e nas mãos notavam-se os clarões verdes, interiores.

Volto à narrativa.

Na cabine, Joseph Gleber iniciava o tratamento. Pediu para colocar-me junto ao paciente e me entregou um pequeno aparelho materializado, recomendando:

— Ponha-o a mais ou menos dez centímetros afastado dos olhos do irmão, mantendo-o sobre o septo do nariz. O aparelho vai emitir uma luz forte sobre os olhos dele. Quando eu avisar, pressione esta parte, conte de um a cinco e solte-a rapidamente.

Joseph colocou-se próximo de nós. Procedi conforme a instrução. Terminada a contagem, desliguei o instrumento. Ouvi um barulho semelhante ao de máquina de costura. Joseph pediu-me para voltar ao salão. Lá esperei ansioso para relatar o presenciado quando a reunião terminasse.

Interroguei o paciente se teria ouvido ou sentido algo enquanto na cabine.

— Eu ouvi o barulho de uma máquina e vi ao longe uma luz fraca – declarou.

Após duas semanas, ele retornou ao grupo, alegre e bem disposto, rendendo graças a Deus.

— Estou começando a enxergar vultos de pessoas, de móveis, o que me permite andar com menos risco de esbarrar nos obstáculos. Não posso definir as figuras, são ainda imprecisas, mas já consigo vislumbrar alguns clarões de luz, ao contrário de antes – afirmou.

Este paciente freqüentou nossas reuniões por algum tempo para receber tratamento e por haver se interessado pelo Espiritismo.

A recuperação total da visão, contudo, não lhe foi possível. Fomos notificados pelos amados espíritos de que a limitação atendia a razões cármicas.

Não nos deram outros detalhes.

57

O Obsessor

A espiritualidade havia programado uma reunião de materialização e relacionara os nomes do médium Fábio e de alguns assistentes.

O trabalho consistia na doutrinação de uma entidade, sacerdote quando encarnado, que estava obsediando um rapaz de nome Waldemar Pimentel, residente na cidade de Caratinga.

O obsediado manifestava procedimento anormal. Professando o catolicismo, assumia posição fanática chegando a ser proibido pelos sacerdotes de entrar na igreja. Isso porque, quando mediunicamente subjugado, revelava inteligência incomum e os padres sentiam-se impotentes para rebatê-lo, além de desconhecerem a natureza daquele fenômeno.

Diante da proibição imposta o rapaz adquiriu uma imagem de Maria, mãe de Jesus, levando-a à mata, onde se postava em veneração.

Os companheiros convocados pela direção espiritual encontravam-se no recinto preparando o ambiente entre cânticos, orações e música suave. Coube a Jerry Labbate a direção dos trabalhos.

José Grosso apresentou-se, anunciado por explosões luminosas na cabine, saudando todos alegremente. Manifestou satisfação em sentir o ambiente adequado.

Os nomes dos presentes vêm à tona em minha memória: Sebastião (Tatão da farmácia) e esposa, Joaquim Portugal e esposa, Vicente Pifani e duas filhas, José da Costa Freitas, Edna Labbate, José Leão, Raimundo Cassimiro, Jerry Labbate, Fábio e eu.

A reunião prosseguia, quando a radiola parou de tocar. Meu pai levantou-se e, inadvertidamente, abriu a tampa a fim de trocar o disco, mas se esqueceu de que no seu interior havia luzes, quais lâmpadas, emitidas pelas válvulas.

A luminosidade momentânea, por má sorte de meu pai, atingiu a entidade materializada a ser esclarecida. Esta caiu prostrada no chão, não obstante meu pai ter fechado rapidamente a tampa da radiola. Naquele hiato, porém, o acidente já havia ocorrido.

Na cabine, o médium gemia dando-nos a impressão de passar por grande sofrimento, em razão do impacto da luz sobre o ectoplasma. Iniciamos a entoar hinos e a orar. A entidade foi levada para a cabine.

José Grosso retornou à sala. Disse que felizmente o impacto fora pequeno e de pouca duração, e que o médium estava se restabelecendo devido à doação de energia ectoplásmica dos assistentes e aos recursos espirituais. Entretanto, mais preocupante era o estado de choque e de inconsciência em que o espírito trevoso se encontrava.

O espírito amigo comunicou a alteração dos planos e a remoção imediata daquela entidade para uma colônia espiritual.

Meu pai lamentou muito o ocorrido, e José Grosso confortou-o com palavras fraternas e amorosas.

Os trabalhos prosseguiram com Joseph Gleber e Fritz manipulando considerável quantidade de medicamentos. No final da reunião, ambos e Scheilla nos envolveram com palavras amigas e se despediram.

Soubemos depois pelos mentores que a entidade a ser doutrinada continuou em estado de inconsciência por algum tempo. Por outro lado, isso lhe foi oportuno pois, ao despertar, encontrou colegas sacerdotes que conseguiram convencê-lo das realidades da vida espiritual.

Desvinculado da influenciação perniciosa, Waldemar Pimentel voltou às atividades, sem nenhuma seqüela psíquica. Reintegrou-se à sociedade e foi recebido por aqueles que o haviam expulsado de sua igreja.

58

O Presente

Fato curioso ocorreu em uma das reuniões de materialização na Fazenda Eureka. Naquela noite, estávamos confiantes, como sempre, no amor e no amparo de Jesus, bem como na boa vontade permanente de nossos amáveis irmãos espirituais.

Um grupo de enfermos ali estava, esperançoso de receber lenitivo para suas dores.

O preparo do ambiente teve início com a prece do dirigente Jerry. Clarões luminosos partiam da cabine anunciando o processo de materialização.

As mãos de José Grosso exibiam grande luminosidade, de cor alaranjada, espargindo ao seu redor. Vestia uma túnica branca bastante iluminada.

Saudou-nos e avisou:

— Hoje temos muito trabalho a ser feito. Confiemos em Jesus.

Depois dele, Joseph Gleber e em seguida Fritz revezavam-se no tratamento dos enfermos. A assistência embalada pelas suaves melodias vindas da radiola emitia sentimentos de bondade e amor, doando-os a quantos ali buscavam melhoras na saúde física e mental.

Na cabine, medicamentos eram manipulados.

José Grosso retornou e disse-nos:

— Graças a Deus tivemos hoje bons resultados nos trabalhos. Vocês todos colaboraram muito e fizeram jus a um presente. Vou trazê-lo.

Retirou-se em direção à cabine e em poucos minutos ouvimos um barulho no centro da sala, assustando-nos. José Grosso deu uma grande risada e disse:

— Aqui está uma poltrona para vocês se sentarem confortavelmente.

Eu e meu pai cochichamos:

— Será a poltrona da antecabine?

José Grosso logo respondeu:

— É ela mesmo.

Meu pai, preocupado, exclamou:

— José, esta poltrona foi desmontada para passar pela porta e depois remontada na antecabine...

— Então vocês desmontem e remontem a poltrona para colocá-la onde estava – brincou José Grosso.

Terminada a sessão e acesas as lâmpadas, a poltrona ali estava, para nossa admiração, risos e providências...

Três companheiros tentaram retorná-la para seu lugar. Não conseguiram.

Diante disso, meu pai decidiu seguir o conselho de José Grosso.

Não nos foi explicado o tipo de efeito físico utilizado por nossos amigos espirituais nesse caso. Tínhamos conhecimento de fatos semelhantes ocorridos com objetos pequenos – flores, perfumes, pedras – porém, nunca algo tão grande como uma poltrona, pesando mais de quarenta quilos.

59

O Caso "Tão"

Enquanto o Grupo Scheilla ampliava seus trabalhos com o médium Ênio Wendling, na capital mineira, o Grupo Joseph Gleber também assim procedia com o médium Fábio Machado, na Fazenda Eureka, no atendimento aos que procuravam alívio para seus sofrimentos.

Formaram-se, portanto, os dois vértices de um triângulo, no qual o terceiro era o da misericórdia divina através dos anjos do Amor, trazendo o elixir da vida aos encarnados esmorecidos.

Em uma tarde, no mês de agosto, chegava à fazenda uma senhora acompanhada pelo casal de filhos – ele, 23 anos; ela, 22. Meu pai e eu os recebemos fraternalmente, como de hábito procedíamos com quantos nos buscavam.

A senhora informou:

— Nossa vinda foi motivada pelo contato com Jair Soares, em Belo Horizonte, que lhes envia esta carta de recomendação.

Endereçada a meu pai, a carta foi lida:

Caro amigo e irmão Jerry,

A portadora desta, Gardênia Guimarães, estará levando seu filho Sebastião (Tão) para continuar o tratamento aqui iniciado.

Ele vem sofrendo fortes ataques de espíritos obsessores. Mentores

de nosso grupo acharam por bem que o mesmo deveria receber tratamento aí, no Grupo Joseph Gleber, pelo fato de esse grupo estar localizado distante de cidades populosas, cujos padrões vibratórios diferem dos locais de menor aglomeração.

Esperamos em Jesus que esse irmão possa receber tratamento com melhores resultados, aí na fazenda.

Jair expusera a vontade do plano espiritual em poucas linhas. Meu pai hospedou-os, carinhosamente, tendo a senhora Gardênia nos colocado cientes dos detalhes do caso.

No dia seguinte, na reunião mediúnica, Jerry levou o fato ao conhecimento dos mentores. Amorosamente, responderam:

— Devemos esclarecer aos companheiros que já estamos estudando a situação do nosso irmão e esperamos seja beneficiado pela graça de Jesus, com o esforço e boa vontade dele e de vocês. Por isso, promovemos o encaminhamento do rapaz para esta reunião. Seu comportamento na última encarnação sobrecarregou-lhe demais a consciência psíquica com pesadas responsabilidades, culminando por atrair inimigos sequiosos de vingança. Diante desses fatos e confiantes na misericórdia do Pai, estaremos intercedendo pelo necessitado, na expectativa de ele reconhecer a grave situação em que se encontra e de que nos ajude a beneficiá-lo.

Os dias se passavam. Meu pai aplicava-lhe passes, orientado pelos amigos espirituais. Entrementes, o estado obsessivo de Sebastião atingia um perigoso patamar, culminando com ataques físicos às pessoas.

Preocupado, Jerry solicitou o amparo dos mentores. Joseph Gleber orientou-o para prosseguir com os passes, e disse estarem preparando um dos obsessores para ser doutrinado muito breve.

Ao mesmo tempo, acabei sendo levado a uma inesperada participação, utilizando alguns recursos mediúnicos, um tanto precários, que me eram proporcionados à época.

Quando eu residia em Belo Horizonte, cursando o colegial, convivia com fenômenos de desdobramento. Não aconteciam com freqüência, tampouco me agradavam ou me deixavam curioso. Anos depois, essa faculdade tornou-se útil para ajudar Sebastião.

Deitara-me para dormir, na fazenda, quando me senti saindo involuntariamente do corpo. Eu estava acordado, consciente. Experimentava como uma descarga elétrica por trás da cabeça, sobre o cerebelo. O corpo espiritual começava a flutuar e afastar-se do corpo material, permitindo-me vê-lo deitado imóvel na cama.

À medida que dele me distanciava, adquiria maior liberdade de movimentos. Locomovi-me para a sede da fazenda, rumando para o quarto de Sebastião. Encontrei-o também fora do corpo, assentado em uma cadeira. Quando me viu, levantou-se, mostrando a intenção de me agredir. Olhei-o fixamente. Ao perceber minha reação silenciosa, recuou e sentou-se novamente. Coloquei-me em posição para lhe aplicar passes. Subitamente pôs-se de pé, com expressão agressiva. Reagi com serenidade, mas com firmeza de propósito, segurando-o nos ombros e levando-o à cadeira. Tentava fazê-lo entender que minha intenção era ajudá-lo e ele deveria cooperar.

Senti receber uma transfusão de energia, muito forte, esquisita, e a sensação de possuir dupla personalidade. Era tudo muito estranho, não sabia explicar o que sucedia, mas me causava desconforto. Voltei depressa para o corpo, distante 150 metros de onde eu estava. Ao retomá-lo, guardava as emoções daquele fenômeno.

No dia seguinte, relatei o acontecimento aos mentores na reunião mediúnica. Responderam que me estavam ajudando e a Sebastião, levando-o a confiar em mim, a enfraquecer a rebeldia e a agressividade que o dominavam, mormente quando assediado pelas entidades obsessoras. A sensação de dupla personalidade deveu-se ao efeito da intuição, projetada pelos mentores, inspirando-me o melhor procedimento.

Pelo exposto é possível avaliar as dificuldades que nossos amigos espirituais enfrentam em casos intrincados como esse, fruto de infrações às leis divinas em vivências pretéritas, quando os personagens vão se conflitando, e cuja solução depende de paciência, persistência e tempo.

Três dias depois, eu caminhava em direção à fazenda quando ouvi gritos vindos de casa. Apressadamente, entrei pela cozinha e deparei-me na sala com a mãe e a irmã de Sebastião apavoradas. Empunhando grande faca, ele ameaçava quem se aproximasse. Ao notar minha presença, estacou. Confiante em Jesus, caminhei em sua direção e disse-lhe calmamente:

— Dá-me a faca.

Mantinha-se estatelado. Tirei-lhe a faca e me afastei, dando-lhe as costas. Inopinadamente, saltou sobre mim cruzando as pernas em torno do meu quadril, tentando sufocar-me com as mãos. Nesse ínterim, outras pessoas atenderam aos gritos e procuravam defender-me. Quis contê-los, apelando:

— Não intervenham, por favor!

Mantinha-me de pé e recebia, intuitivamente, orientação de nossos mentores para conservar a calma e emitir sentimentos de amor. Assim procedi. Sebastião por fim se desprendeu de mim e encaminhou-se para o quarto. Estava terminado o entrevero.

Um mês depois, os amigos espirituais nos informaram que uma das entidades obsessoras do rapaz seria materializada em nosso grupo para ser doutrinada.

A reunião foi realizada com a presença de 12 companheiros, indicados por Joseph Gleber, que também designou quatro de nós – Jerry, Tatão da farmácia de Caratinga, José da Costa Freitas e eu – para conversar com o obsessor.

Às 19h30min, iniciamos a preparação mental para os trabalhos. Recebi intuição para desligar a energia elétrica do prédio, sem o conhecimento dos assistentes. Só se deram conta ao tentarem ligar a radiola. Atribuíram o fato a uma pane elétrica.

O dirigente fez a prece de abertura, acompanhada de fortes clarões na cabine do médium e adjacências. José Grosso espargia novas energias na sala. Em frações de segundos, podíamos vê-lo, alto, de branco. O rosto não se apresentava visível por estar coberto com uma espécie de véu, bastante diáfano, semelhante a finíssima gaze. Informou-nos estar retirando miasmas do ambiente, para impedir prejuízos ao trabalho a ser executado. Asseverou estar tudo em ordem e pediu-nos para entoar um hino.

Antes de terminar o cântico, ouvimos ruído semelhante a uma lâmpada sendo atarraxada no bocal, seguido de forte exclamação:

— Vocês têm muita coragem de ficar nessa escuridão!

Era a entidade obsessora. Foi-nos avisado que ela estaria envolvida por uma barreira magnética para limitar seus movimentos. A conversa foi iniciada pelo recém-chegado:

— Eu sei que têm pessoas escaladas para conversar comigo.

Após curto silêncio, José da Costa Freitas, de Governador Valadares, culto e eloqüente orador, argumentou

durante dez minutos, quando foi interrompido com ironia pela entidade:

— Falaste bem. Quem é o próximo?

Jerry e Tatão tentaram demovê-lo da intenção odiosa de arruinar Sebastião. O espírito mantinha-se impassível. Suas respostas pareciam estiletes a ferir nossa sensibilidade. E revelou:

— Este canalha (Sebastião) foi o causador de todo o meu sofrimento e o de outras pessoas. No passado, era como um satanás sobre a Terra. Perseguidor e destruidor implacável. Agora o encontramos e queremos vingança! Somos muitos e o levaremos ao túmulo!

Continuava irredutível em seu ódio e dizia aos doutrinadores:

— Seus argumentos evangélicos não passam de evasivas, não produzem efeitos para me desviar dos propósitos.

Ante a obstinação do espírito, hesitava-se quanto ao rumo a tomar. De minha parte, elevava o pensamento a Jesus pedindo ajuda para aquele sofredor. Deu-se o inesperado. A entidade dirigiu-se a mim:

— E você? Não vai falar?

Surpreendi-me. Sarcástico, insistiu:

— Vamos, rapaz, você está programado para falar comigo! E tome cuidado quando vier aqui em desdobramento. Pode custar caro a você!...

De fato, eu já havia encontrado com essa entidade em desdobramento. Naquele instante, aflorou em minha mente a oportunidade de iniciar a conversação:

— Meu irmão, eu o procurei por duas vezes com o melhor sentimento de fraternidade e você me repeliu na primeira vez. Na segunda, você manifestou alguma aceitação pela amizade que eu lhe oferecia. Isso me deixou esperançoso. Trocamos argumentos louváveis e voltei ao corpo. Agora

estamos nos reencontrando, com muita satisfação para mim e para os presentes dos dois planos, que desejam, pelo menos, a tolerância recíproca entre você e Sebastião.

O obsessor mantinha-se em silêncio. Sentia-me fortalecido por uma energia agradável. Abraçava-o em pensamento, aconchegando-o ao peito como um pai ao filho querido. Sua mão tocou meu ombro com sentimento amistoso. Surpreendeu-me:

— Gostei de você e percebo a boa intenção de todos. Estou enojado da presença desse indivíduo (referindo-se a Sebastião). Vou me afastar dele. Porém, não posso responder pelos outros. Ele acumulou muitos inimigos.

Sem mais dizer, retirou-se. Ou foi retirado.

A reunião continuou por mais uma hora, com Fritz na cabine, manipulando medicamentos.

Joseph Gleber agradeceu a todos pela ajuda carinhosa ao irmão comunicante. Scheilla, com doçura envolvente, mais uma vez incentivava-nos a cerrar fileiras com Jesus em prol dos necessitados dos dois planos da vida. E repetiu:

— A seara é vasta. Necessita muito de trabalhadores de boa vontade.

José Grosso manifestou seu contentamento pelo bom resultado da reunião.

Sebastião ainda dependia de longo tratamento. Sua mãe achou por bem retornar para Belo Horizonte com ele e a filha, onde cuidaria por conseguir resultados ao longo do tempo.

Quanto ao espírito doutrinado na reunião, fomos informados pelas entidades amigas ter cumprido sua palavra. Não mais perseguiu o pobre Sebastião.

Três anos mais tarde, Sebastião desencarnava em estado deplorável, ainda obsediado por inimigos vingativos.

60

Nelson de Oliveira – Médium

Adolescente, pouco mais de 13 anos. Ajudou-me bastante a consolidar os conhecimentos através dos trabalhos mediúnicos, no aprendizado da Doutrina dos Espíritos. Embora os estudos teóricos tenham sido uma força estimulante para o celeiro do meu coração, a prática foi o prêmio final.

A história de Nelson é constrangedora. O seu sofrimento carecia da piedade de quem o visse em ataques convulsivos, misturando-se à terra ou à lama.

Chegou a nós, trazido por sua mãe, em estado deplorável de obsessão. Lançava-se ao chão, se retorcendo, resmungando coisas ininteligíveis. Vencida a crise, depois de longos minutos, voltava a si com violência assustadora, agredindo a quantos o rodeavam.

Joseph Gleber, através de Fábio, adiantou-nos:

— O nosso irmãozinho possui muitos débitos do passado. Devemos ampará-lo com a graça de Jesus. Instruções para os trabalhadores do grupo serão dadas na próxima semana.

Durante dias, diversas vezes o nosso hóspede foi acometido por convulsões.

As orientações de Joseph Gleber não tardaram:

— Meus irmãos, a paz de Jesus esteja com todos! Compenetrados de nossos deveres passo-lhes os procedimentos para com o nosso irmãozinho Nelson. Esclareço-lhes que a situação ora defrontada exige muito carinho e amor para conduzi-lo à melhora. Esperamos, por conseguinte, que cada um de vocês seja um trabalhador da Seara do Mestre.

"Dois são os perseguidores de Nelson. Conclamamos a Jerry doutrinar um de cada vez, utilizando passes magnéticos. Ao conseguir êxito, passará a desenvolver o mesmo processo com o outro. Tenham confiança em Jesus!"

Meu pai, fortalecido pelas palavras de Joseph Gleber, deu início, no dia seguinte, ao trabalho de desobsessão.

Em seguida à prece, uma entidade manifestou-se pelo próprio Nelson, revoltada, clamando vingança. Disse querer destruir o rapaz porque, em épocas passadas, o havia submetido a seu orgulho e prepotência.

De repente, a entidade silenciou. Nelson prostrou-se, deixando a cabeça pender sobre o ombro. Outra entidade apresentou-se por ele. Queria fazer justiça, cobrar-lhe uma dívida do passado que o levou a cometer o ato fatal – a destruição de sua própria vida.

Joseph Gleber, por intermédio de Fábio, esclareceu:

— As duas entidades, além de persistirem no erro, são inimigas entre si, e muitas vezes entram em luta pela posse do médium.

Pediu a meu pai que tivesse muita fraternidade e amor, estimulando aqueles espíritos ao entendimento, porquanto os mentores do grupo estavam tentando a aproximação de ambos, para depois ajudarem o médium Nelson. Recomendou continuar a doutrinação, pois o êxito era promissor.

Nelson, após a quinta aplicação de passes e de esclarecimentos dos obsessores, teve reduzida a freqüência dos ataques, quando Joseph Gleber nos comunicou:

— Graças a Deus, conseguimos derrubar a barreira de ódio entre esses dois irmãos. Agora falta a pacificação deles

com Nelson. Pedimos ao querido Jerry prosseguir com os passes para alcançarmos a meta desejada.

O resultado do esforço do Grupo da Fraternidade Irmão Joseph Gleber foi confortador. Recebemos a notícia de que Nelson estava liberto da obsessão e os antigos perseguidores até se propuseram ajudá-lo no que lhes fosse possível.

Dois meses se passaram. Nelson, agora com 14 anos, se integrara aos estudos básicos da doutrina. Com surpresa, soubemos por Joseph Gleber que ele era portador da mediunidade de ectoplasmia e deveria ser orientado no desenvolvimento dessa sensibilidade.

Foi estabelecida pela direção do grupo a data para o início dessas práticas. Os colaboradores seriam os mesmos do desenvolvimento de Antônio Sales.

Orávamos pelo êxito dessas reuniões.

Cinco semanas foram suficientes para presenciarmos fenômenos de voz direta dos espíritos e, em seqüência, de materialização das entidades.

O vozeirão de José Grosso enchia a sala. Notável a discrepância entre as vozes infantil, de Nelson, e fortíssima, de José Grosso; Scheilla, voz doce e suave, realçava o sotaque alemão; Joseph Gleber, fala firme e fraterna; Palminha, esguio, ágil, alegria contagiante, deixava-se tocar em suas brincadeiras; Joseph Gleber, Scheilla e Fritz condicionavam-se em suas posturas, medicando os necessitados.

Posso afirmar que as vozes eram próprias das entidades, pois convivi com elas durante muitos anos. As vestes das entidades materializadas eram de tecidos bem mais finos e suaves ao tato do que os tecidos terrenos. Ainda assim, diferentes dos percebidos nas materializações ocorridas por intermédio de Antônio Sales. A luminosidade apresentava-se, algumas vezes, com maior intensidade.

O médium Nelson de Oliveira continuou por três anos em nosso grupo, com grande entusiasmo, em serviço ativo e dedicado. Adquiriu bons conhecimentos com os estudos da Doutrina. Com quase dezoito anos de idade, transferiu-se para o Grupo da Fraternidade Marta Figner, na cidade de Governador Valadares, onde prosseguiu cooperando nas práticas de materialização.

61

Fritz Schein

Quando me reporto ao tempo em que tive a honra e o privilégio de participar dos trabalhos de materialização no Grupo Scheilla e na Fazenda Eureka, empolgo-me, com saudade dos espíritos amigos que nos permitiam colaborar com seus serviços em favor dos necessitados.

Entre eles estava Fritz Schein, gentil, dedicado, sempre a oferecer alegremente sua capacidade de amar, além da vasta cultura científica.

Fomos informados de que sua última encarnação se deu na Alemanha, por ocasião da Segunda Guerra Mundial. Lá, sua inteligência e talento científico eram bastante reconhecidos nos escalões da física e das ciências psíquicas, onde ingressara nos estudos dos processos mentais e emocionais.

Esses talentos ele continuou a empregá-los ao lado de Joseph Gleber nos trabalhos de materialização e nas cirurgias, beneficiando grande número de enfermos.

Com a transferência de Fábio para a cidade de Itanhomi, o querido Espírito Fritz passou a atuar com os companheiros do Grupo Joseph Gleber, não só em operações cirúrgicas, como em formulação de medicamentos e em atendimentos ligados ao psiquismo.

Dos medicamentos patenteados no órgão oficial no Rio de Janeiro pelo médico Jatir Gonçalves, destaca-se o destinado

ao combate ao tabagismo e ao alcoolismo. Esses preparados eram distribuídos gratuitamente aos necessitados e aos vários grupos da Fraternidade, os quais, na época, somavam-se quase cinqüenta.

Outra fórmula originou-se da preocupação de Fritz com o bacilo de Koch, causador da tuberculose, que a tantos tem castigado. Com essa finalidade, convidou-nos a participar de pesquisa em que o estafilococo agiria como agente exterminador da bactéria. Explicou-nos que o processo consistia em cultivar e desenvolver um tipo de estafilococo que se alimenta de gás carbônico e é encontrado em determinada planta aquática. No tratamento da enfermidade pulmonar esse estafilococo alimentar-se-ia daquele gás nos pulmões e teria a propriedade de perfurar o casulo do bacilo, extinguindo-o.

Todos de acordo com a nova tarefa, Fritz achou por bem distribuí-la entre seis companheiros: Tatão, farmacêutico; Dr. Jatir Gonçalves, médico em Itanhomi; Fábio Machado, médium; Jerry Labbate, dirigente do Grupo Joseph Gleber; Edna Labbate, e eu.

Sebastião instalaria um pequeno laboratório em sala adjacente à sede do grupo; o médico Jatir deveria operar seu microscópio, capaz de aumentar 500 vezes; Jerry seria o responsável pela direção; Edna, a secretária. Coube-me fornecer a planta aquática da qual ele me deu vaga noção. Fritz, no entanto, garantiu intuir-me na sua localização. Atribuiu-me, também, a função de zelar pelo laboratório.

Em uma semana, Sebastião colocou todo o material no laboratório.

No encontro à noite, Fritz manifestou satisfação e louvou Tatão por ter desempenhado a tarefa a contento. Depois se dirigiu a mim gentilmente:

— Irmão Dante, agora cabe a você encontrar a planta aquática. Encontrando, deposite-a em um recipiente com água

fresca e retorne depressa. Três vezes ao dia, aplique gás carbônico na água mergulhando o tubo condutor. Movimente-o em todas as direções e em torno da planta.

Na semana seguinte, o laboratório estava instalado, obedecendo à disposição prevista no croqui de Sebastião, conforme orientação de Fritz. Adquiri um pequeno recipiente contendo gás carbônico, alguns apetrechos e fui à procura da planta. Não me foi difícil encontrá-la. Inspirado por Fritz, deixei o córrego e enveredei por um de seus afluentes encachoeirados. Logo me deparei com a planta. De cor verde, retorcia-se ao sabor da correnteza. Retirei-lhe uma parte e coloquei-a em uma vasilha com água. Voltei apressadamente à sede.

Na quarta reunião, Fritz mostrava-se contente com nossas providências. Afiançou-nos de que na semana seguinte faria o primeiro teste para detectar com o microscópio a produção de estafilococos. Estes, aplicados no enfermo, destruiriam o casulo do bacilo de Koch e depois se autodestruiriam...

Essas bactérias, por serem patogênicas, caso permanecessem no organismo do enfermo, causar-lhe-iam reações adversas. Por medida de segurança, deixaria preparado um antídoto.

Ao chegar à quinta reunião, sentíamo-nos por demais ansiosos em ver os resultados dos testes. Após a prece, Fritz manifestou-se por intermédio de Fábio, cumprimentou-nos e, de imediato, pediu a Sebastião para retirar a planta do recipiente e colocá-la sobre a mesa.

Jatir aprontou o microscópio com o corante sobre a lâmina. Sebastião deveria espremer parte da planta e depositar algumas gotas sobre a lâmina.

Isso feito, Jatir focalizou uma delas e exclamou:

— Ah, aí estão os estafilococos!

Um a um constatávamos o achado. Os estafilococos iam se agrupando em forma de cachos de uvas. Pareciam bolinhas vermelhas circundadas pelo corante arroxeado.

Subitamente, quase ao término dessa experiência, Fritz pediu-nos que suspendêssemos por alguns minutos as comemorações pelo êxito. Assim procedemos e a nossa curiosidade veio à tona. Fritz esclareceu-nos:

— A mente de um pesquisador encarnado, tentando o mesmo objetivo nosso, veio até aqui, através de sintonia, assimilar o nosso achado.

Fritz mostrou-se satisfeito por saber que alguém de boa vontade trabalhava em idêntico projeto.

Ao retomar as pesquisas, o amigo espiritual pediu um copo com água. Nele preparou o antídoto e determinou que após dez minutos tomássemos uma dose para prevenir o risco de contaminação. A reunião foi encerrada com grande júbilo pelo sucesso alcançado.

No dia seguinte, à noite, Fábio e eu conversávamos na varanda. Subitamente, fui acometido de forte dor de cabeça. Fábio conduziu-me ao quarto. A dor era tão intensa que só conseguia andar lentamente. Qualquer trepidação fazia-me sentir pancadas dentro da cabeça.

Deitado na cama, nem mesmo me era possível piscar os olhos ou falar. Não atinávamos com o súbito mal-estar... Fábio pediu para tranqüilizar-me, pois José Grosso e Fritz estavam chegando para me ajudar. O quarto estava em penumbra. Mesmo sem poder mover os olhos, divisei uma luz vindo da direção de Fábio e logo ouvi a voz de José Grosso:

— Dante, fique quieto, Fritz está fazendo tratamento em você. Logo dormirá e amanhã estará restabelecido.

No dia seguinte, sentia-me perfeitamente bem. Fábio contou-me que eu fora contaminado por estafilococos, durante

a experiência. A ação do antídoto me foi tardia, mas não me deveria preocupar, pois tinha sido medicado, conforme esclarecido por Fritz.

62

Dinaura Leão – Médium

Instado pelos amigos espirituais, o Grupo da Fraternidade Irmão Joseph Gleber oferecia aos interessados práticas de educação mediúnica, com o propósito de equipar outros grupos com meios para ampliar a assistência aos necessitados. Assim, cuidavam de pôr em prática um dos ensinamentos do Mestre dos mestres: "Em verdade te digo que, sempre que o fizeres a um desses pequeninos irmãos, a mim o fizeste." (Mateus, 25:40)

Compreendendo a extensão e a profundidade das palavras de Jesus, sabíamos que tudo o que fizéssemos de bom para o nosso próximo nos manteria unidos em sentimento de amor com o Mensageiro Sublime.

Com esse objetivo, os membros dos grupos da Fraternidade desenvolviam um trabalho de amor e assistência, apoiado na mediunidade.

Dinaura Leão, 14 anos, meiga, filha de pessoas simples da fazenda, freqüentava o curso de moral cristã em nossa organização, há mais de três anos.

Joseph Gleber e Scheilla nos revelaram ser ela dotada de faculdades mediúnicas de ectoplasmia. Dinaura foi a terceira pessoa a ser indicada para o desenvolvimento dessa modalidade incomum de mediunidade, por nosso intermédio. Joseph convidou 12 freqüentadores assíduos

às reuniões do grupo para a auxiliarem nessa tarefa, sendo que 10 deles participaram do treinamento dos médiuns anteriores.

Por já assistir às sessões de materialização há três anos, Dinaura estava familiarizada com o fenômeno. Durante pouco mais de quinze meses, ela processara sua educação mediúnica em sessões assistidas por meu pai, por mim e pelos convidados.

Logo, Scheilla, José Grosso, Joseph Gleber, Palminha e uma entidade recém-chegada de nome Raquel surgiam materializados através de Dinaura, porém, não com a mesma qualidade das ectoplasmias produzidas por intermédio de Fábio.

Nessas reuniões, os mentores aproveitavam para atendimentos a alguns membros da equipe.

Decorrido mais de ano, Dinaura e seus responsáveis mudaram-se para o centro urbano de Itanhomi, passando ela a freqüentar o Grupo da Fraternidade Irmão Sadu Ramar.

63

A Flâmula Desmaterializada e Rematerializada

No ano de 1954 contávamos com mais de cinqüenta grupos da Fraternidade, espalhados em três estados do Brasil, confirmando as previsões feitas por Joseph Gleber e Scheilla, em Belo Horizonte, em 1949. Segundo eles, o movimento da Fraternidade cresceria e se espalharia por todo o território brasileiro como marcos de luz, levando os trabalhos de amor aos necessitados.

Foi justamente em 1954, no mês de janeiro, que aconteceu o Primeiro Congresso de Grupos da Fraternidade, na cidade paulista de São João da Boa Vista. Todos os grupos participaram, vivenciando a alegria da confraternização. Abraços carinhosos representavam uma vitória de Jesus, concretizada por Seus trabalhadores de boa vontade. Importantes temas foram discutidos em fraterna união.

No terceiro dia daquele aconchego espiritual, tive a inspiração de conversar com Tozinho, um dos diretores do Grupo Irmão Joseph Gleber, da cidade hospedeira. Queria eu sugerir uma singela doação dos nossos corações aos irmãos espirituais que regiam os trabalhos dos grupos.

Indaguei-lhe:

— Tozinho, o que você acha de propormos aos patrocinadores deste congresso entregar aos espíritos uma

flâmula comemorativa? Estou certo de que existe a possibilidade de a desmaterializarem e levarem-na para a comunidade espiritual em que se encontram.

Tozinho exclamou:

— Concordo com você. Vamos expor a idéia à comissão organizadora.

Adverti:

— Meu irmão, não posso garantir, mas acho possível eles realizarem isso. Já fizeram muitas coisas do gênero...

No dia seguinte, deu-se a última reunião do congresso. A proposta apresentada por Tozinho foi aprovada. Ele me surpreendeu entregando-me a flâmula, com a incumbência de a oferecer, em nome de todos os grupos, aos nossos amigos espirituais, tão logo houvesse reunião no Grupo Joseph Gleber, na Fazenda Eureka.

Ao receber a flâmula e a missão, senti-me bastante emocionado. Em breves palavras prometi atender ao determinado e manifestei minha emoção aos congressistas. Tomei a liberdade de propor que o segundo congresso acontecesse na cidade de Caratinga, superando quaisquer dificuldades que porventura viessem a surgir.

Retornando ao convívio de meus familiares, narrei entusiasmado a sucessão de fatos ocorridos durante aquele encontro, mas não mencionei o caso da flâmula.

No dia da reunião de ectoplasmia, pela mediunidade de Fábio, José Grosso, alegre, perguntou:

— Dante, seu passeador, como foi sua estada no congresso?

— Correu tudo bem, dentro das normas estabelecidas. Fiquei bastante satisfeito.

Os costumeiros clarões luminosos sucediam-se na cabine. Joseph Gleber aproximou-se dos assistentes, cumprimentando-os. Dirigiu-se a mim, taxativo:

— Dante, eu sei que você traz uma encomenda para nós.

Até então eu não havia revelado a nenhum dos presentes o meu compromisso. Respondi-lhe:

— Trago uma flâmula do nosso Primeiro Congresso de Grupos da Fraternidade e fui incumbido pelos dirigentes do evento de oferecê-la a vocês, nossos companheiros de muitas horas...

Ao recebê-la, Joseph Gleber exclamou:

— Eu e os demais companheiros sentimo-nos lisonjeados e vamos levá-la para nossa comunidade em Nosso Lar. Asseguro-lhes que, na ocasião do segundo congresso, a ser organizado por vocês, nós a traremos de volta, autografada por alguns ministros da Colônia.

Essa declaração de Joseph surpreendeu-nos e ficamos na expectativa de tê-la naquela oportunidade. Ele retornou à cabine do médium e passamos a ouvir um ruído de máquina trabalhando, logo silenciada. José Grosso retornou à sala e esclareceu que o barulho provinha de um aparelho destinado a produzir desmaterialização. Desta forma, a flâmula fora transformada em substância adequada ao mundo espiritual.

Sentíamos passar rápido o tempo que antecedia ao congresso. Em setembro, já começávamos a nos movimentar com o objetivo de sua realização.

Os companheiros do Grupo Scheilla, em Belo Horizonte, deram parecer favorável à escolha da cidade de Caratinga, para sediar o evento. Com o propósito de tratar da sua organização, lá nos reunimos, no mês de outubro, com a presença dos representantes de nove grupos: José Grosso – Caratinga; Joseph Gleber – Fazenda Eureka; Sadur Ramar – Itanhomi; Marta Figner – Governador Valadares; Irmão Palminha – Governador Valadares; Joseph Gleber – Teófilo

Otoni; Irmão Fritz – Ponte Nova; Irmão Emmanuel – Carangola; Kajá Krisna – Muriaé.

A reunião se deu na sede do Grupo José Grosso. Tão logo apresentei a pauta das discussões, alguns companheiros começaram a colocar em dúvida a possibilidade de realização do evento, alegando dificuldades diversas. Otorino Schetini demonstrava ser-lhe uma pesada carga; Manoel Ribeiro, trabalhador do Grupo José Grosso e diretor do Grupo Espírita Dias da Cruz, tomava-o por impossível...

A negatividade crescia no ambiente. Uns enfatizavam o peso da responsabilidade e das dificuldades. Outros nem falavam, mas notava-se o esmorecimento sombreando-lhes o semblante. Confiava eu apenas em chegarmos a bom termo.

— Companheiros, se nos munirmos de confiança e boa disposição para esse trabalho poderemos atingir os objetivos – disse-lhes.

Manoel Ribeiro objetou:

— Como receber mais de quatrocentas pessoas nesta cidade? Como hospedá-las, alimentá-las, conseguir local para palestrantes e ouvintes, considerando ainda, a idéia de trazermos Divaldo Franco?

O derrotismo começava a suplantar a confiança. Faltavam-me forças para argumentar com os companheiros. Surgiu-me, então, a idéia de apelar para o brio deles:

— Otorino, será que você não tem mesmo nenhuma condição de resolver, pelo menos, um destes problemas que apontou?

Ele pensou alguns segundos e respondeu decidido:

— Bom, se é para encontrar um local para o congresso, posso fazer isso.

Manoel Ribeiro levantou-se e prometeu:

— Da minha parte podem contar com a alimentação para todos.

Não deixei por menos. Levantei-me e declarei confiante:

— Queridos companheiros, depois destas afirmações podemos considerar realizado o próximo congresso aqui, em Caratinga. Aplaudamos estes dois confrades e os demais que, por certo, complementarão os serviços necessários.

Palmas e abraços efusivos festejaram os ânimos.

Manoel Ribeiro, português, e Otorino Schetini, descendente de italianos, costumavam competir entre si e divergir nas opiniões. Com a intenção de não terem suas capacidades suplantadas pelo outro, puseram o amor-próprio à toda prova.

Otorino cumpriu sua parte – obteve as instalações do principal cinema da cidade. Manoel Ribeiro organizou tudo de forma que os 450 congressistas fossem devidamente alimentados. As acomodações foram conseguidas por providências inteligentes da parte dos organizadores.

Foi enviada correspondência a todos os grupos solicitando informar a profissão de cada participante. Com isso, a comissão organizadora planejou a acomodação de convidados espíritas ou não, em casas de famílias que, se não-espíritas, eram simpatizantes. Os não-confrades eram acomodados segundo sua profissão: médico em casa de médico, bancário em casa de bancário, e assim por diante.

No penúltimo dia do congresso, tivemos uma reunião de materialização na sede do Grupo da Fraternidade. Oito horas da noite, o salão com capacidade para 150 pessoas recebia cerca de duzentas, todas ansiosas por assistir ao fenômeno, visto que a maioria delas nunca tivera essa oportunidade.

A espiritualidade colocou na primeira fila de poltronas aqueles habituados com esse tipo de prática, formando assim um cinturão energético-protetor contra possíveis vibrações nocivas.

A cabine foi improvisada numa parte do salão para mantê-lo iluminado pelas descargas de luz.

José Grosso foi o primeiro espírito a se materializar. Manifestou alegria pela presença de tantas pessoas. Scheilla surgiu parcialmente iluminada, dando condição de ser observada por todos. Dirigiu calorosa saudação, manifestando alegria pela união dos congressistas.

Por fim, Joseph Gleber caminhou diante dos assistentes e disse-lhes:

— Desejo que a paz de Jesus esteja com todos. Meus irmãos, meus companheiros, com muita honra e alegria passo às vossas mãos a flâmula que levei há um ano para Nosso Lar. Trago-a de volta como sinal de nossa gratidão. Cumprindo o prometido naquela ocasião, trago-a assinada por alguns ministros e trabalhadores de Nosso Lar. Rogamos ao Pai e a Jesus que vos cubram de bênçãos.

Em seguida, entregou-a a Simão Bittar, do Grupo Joseph Gleber, de São João da Boa Vista. Terminada a reunião, a flâmula foi passada de mão em mão e todos testemunharam o fenômeno, produzido pela mediunidade de efeitos físicos e de materialização.

Lembro-me, com precisão, ter a flâmula recebido as assinaturas de Clarêncio e de Veneranda – ministros de Nosso Lar, André Luiz, Joseph Gleber e Scheilla.

Recentemente, encontrei-me com o dr. Nestor Masotti, presidente da Federação Espírita Brasileira, e sua esposa, Maria Eni, colaboradora no Grupo Joseph Gleber. Informaram-me que essa flâmula ainda se encontra naquele grupo, em São João da Boa Vista. Segundo eles, pelo fato de se terem passado 53 anos, apresenta-se um pouco desbotada, bem como as assinaturas.

Ainda assim, desbotada pela injunção do tempo, na minha memória ela permanece viva na forma de um

estandarte a manter a comunhão imorredoura dos grupos da Fraternidade que vicejaram em trabalho profícuo e continuarão a vicejar pelos anos afora em comunhão com os queridos e devotados amigos do plano espiritual.

64

Mensagem de Alerta

Nos primeiros tempos dos trabalhos em que eu participava no Grupo Irmã Scheilla, em Belo Horizonte, ocorreu um fato que permitiu mostrar-me as realidades ocorridas nos mecanismos da mediunidade de materialização.

Em uma das reuniões, fui convidado por Joseph Gleber a iniciar-me na educação do processo de ectoplasmia. Informara-me ser eu possuidor de faculdades adequadas para isso e deveria aprimorá-las.

Motivado por essa notícia, senti-me bastante feliz em poder cooperar com os mentores espirituais e, por conseguinte, ser útil aos irmãos necessitados.

Na época em que ainda não participava do Grupo Scheilla, quando em casa no leito, ao colocar-me em meditação, era acometido de tremores e sentia-me muitas vezes paralisado. Acreditava que seriam fenômenos de natureza mediúnica.

Diante do convite de Joseph Gleber, não tive mais dúvidas quanto à origem daquelas manifestações.

Na terceira reunião, encontrava-me deitado na antecabine, quando percebi a envolver-me a face, uma espécie de teia de aranha. Tentei retirá-la com as mãos, não conseguindo, e concluí que se tratava de fluido ectoplásmico.

Dias após, o grupo transferia sua sede para a praça do Cruzeiro 127, em Belo Horizonte.

Na primeira reunião, o companheiro Márcio Cattoni foi colocado na cabine e eu na antecabine. Iniciados os trabalhos com prece, hinos e músicas suaves, Palminha apresentou-se semimaterializado e Jair o interrogou:

— Palminha, você encontra-se materializado através de quem?

— Márcio e Dante.

Eu estava consciente, ouvia a conversa de ambos e sentia-me envolvido com ele e com os assistentes.

Esta reunião durou pouco tempo. Depois de encerrada perguntei a Márcio:

— Você viu ou sentiu Palminha materializado?

— Não vi, mas pressenti-o no ambiente.

Intriguei-me. No dia seguinte, procurei Jair para me esclarecer. Eu me encontrava confuso diante dos fenômenos que me ocorreram. Ele esclareceu:

— Dante, pelo que sabemos, o médium de efeitos físicos algumas vezes permanece consciente durante os fenômenos. Por outro lado, conforme as necessidades do plano espiritual, o espírito do médium é afastado para que as entidades amigas procedam sem a sua interferência. Tivemos, como exemplo, o caso de Fábio, quando suas pernas foram desmaterializadas. Lembra-se de que ele, afastado do corpo físico, foi retirado do ambiente pelos amigos espirituais?

Tais reuniões de desenvolvimento sucediam-se com surpresas constantes. Eu me esforçava em estudar, analisar e perguntar. Isso é exigido a todos aqueles que têm boa vontade para aprender e pôr em prática as ciências que envolvem a vida espiritual e a vida material através do fenômeno mediúnico.

Participei de uma reunião que me tocou profundamente e me alertou para a boa disposição e boa vontade que devemos

ter para enfrentar as surpresas que surgem nos intrincados caminhos da mediunidade.

Com a presença dos cooperadores dos dois planos, iniciamos a sessão com os procedimentos de sempre. Márcio Cattoni e eu estávamos na cabine. Senti leves tremores sinalizando as primeiras fases do desdobramento. Durante o transe, entrei em sintonia com uma entidade feminina aparentando vir do Umbral. Penetrou na cabine desejando abraçar-me. Rosto moreno, trazia os cabelos desgrenhados. Sua aparência e expressões eram desagradáveis e eu tentei afastá-la, pois sentia medo de ser abraçado por ela. Ao mesmo tempo parecia haver afinidade entre nós. Faltou-me condição para me equilibrar emocionalmente e ela se afastou ou foi afastada.

Fiquei muito preocupado com esse acontecimento, mas nada comentei com os companheiros.

No dia seguinte, tivemos a costumeira reunião de receituário com a mediunidade de Fábio. Ao finalizar, Joseph Gleber dirigiu-se a mim, através de uma curta mensagem escrita: *Dante, o seu desenvolvimento mediúnico ficará suspenso até segunda ordem.*

Senti-me frustrado. Era como se tivesse recebido uma ducha fria, mas acatei a decisão com humildade.

Os companheiros, como é natural, ficaram curiosos e indagaram o porquê. Respondi com evasivas, embora suspeitasse que o motivo do meu afastamento havia sido o comportamento descaridoso para com aquela pobre entidade.

O tempo, e talvez o perdão da criatura que eu não cheguei a ouvir, curou a pequena ferida, mas deixou uma cicatriz no meu coração que, às vezes, secretava uma gota de remorso.

Passados quatro anos do afastamento das práticas mediúnicas, mas na condição de colaborador, tive uma

surpresa que me tocou profundamente e levou-me a confirmar o motivo da suspensão.

As costumeiras explosões luminosas foram seguidas do vozeirão de José Grosso e dos risos de alegria dos assistentes. Apresentava-se todo iluminado com sua alva túnica e disse:

— Hoje estou feliz, meus queridos, muito feliz!

Alguém da assistência indagou:

— Qual o motivo de tanta felicidade, José Grosso?

— Aquela que foi minha esposa na terra, foi resgatada do Umbral!

Que notícia! Fora como a varinha mágica a tocar as fibras sensíveis da minha alma. As lágrimas banharam-me a face. Eram o prêmio da alegria. Eu entrara em comunhão com a felicidade de José Grosso e sentia o peito opresso. Por diversas vezes, duas palavras afloraram em meu íntimo com a mais doce ressonância: Minha mãe![1]

Sim, pouco me é dado lembrar daquela curta existência. Fora-me permitido conhecer apenas algumas passagens, em rápidos *flashes*, quando em desdobramento. Assim, certa feita divisei a casinha pobre e a mulher simplória com quem eu vivia: minha mãe. Não sei se fui ao local ou se recorri aos registros da mente espiritual.

Por isso, naquele dia da reunião, ela quis abraçar-me. Não a reconhecendo, repeli-a.

Durante quatro anos, a consciência fustigou-me pela atitude temerária e anticristã, como um espinho na carne, a ferir-me de quando em quando.

José Grosso caminhou em minha direção, parou diante de mim e sem nada dizer irradiou significativa

1 Como o leitor deve ter identificado nas diversas mensagens de José Grosso, por escrita direta, o autor Dante Labbate foi seu filho na última encarnação, quando aquele espírito se reuniu às hostes de Lampião, no sertão cearense. (N. do A.)

expressão de felicidade. Senti a alma lavada pelas águas do perdão.

Esta é mais uma história, uma parte ínfima dos numerosos casos que a mediunidade proporciona e que estão registrados na noite dos tempos.

O sentido da palavra 'mediunidade' me empolga e penso: ela é uma porta aberta pela qual os encarnados e desencarnados interagem, recebendo as virtudes do Amor, da Esperança e da Caridade.

No estudo teórico dos fenômenos psíquicos podemos entender a complexidade do intercâmbio entre os dois planos – o espiritual e o material –, entretanto, é na prática mediúnica que desenvolvemos a nobreza de sentimentos, imprescindível ao sucesso da tarefa junto aos necessitados.

65

Organização de Sessões de Materialização

Rígidas são as normas para a formação de um grupo que se propõe a realizar trabalhos de ectoplasmia. Entretanto, aqueles que se encontram imbuídos do querer, deverão construir sólido alicerce com a argamassa da boa vontade, do amor e da disciplina fraterna para com os companheiros.

Emmanuel afiançou-nos que "onde existir o óleo da boa vontade, existirá a energia".

Todos deverão ter como ideal o exercício da caridade. Assim, estaremos atraindo espíritos de mesmo padrão vibratório.

Doze é o número ideal de pessoas para as reuniões de materialização, distribuídas entre dois médiuns e dez assistentes. Os limites situam-se entre o mínimo de seis e o máximo de 25 pessoas.

Disse-nos o Espírito Fritz que, estando o grupo em perfeita sintonia vibratória e as materializações se iniciando, as possibilidades de êxito excedem a 90%.

As práticas para a educação mediúnica deverão ser realizadas duas vezes por semana.

O dirigente deverá ser dócil e democrático, compreensivo e tolerante com as dificuldades de cada membro do grupo. A manutenção da disciplina fraterna e a observância dos horários de início e término da reunião são

atribuições inalienáveis do dirigente. Este cuidará de encontrar, de forma evangélica, as condições ideais e necessárias à fiel execução das tarefas da instituição, dirigindo a antena da harmonia para as forças do Bem.

Aos grupos de sessões de materializações, se lhes faltam unidade e paciência entre seus membros abrem-se brechas para entidades infelizes operarem na sua dissolução.

Os participantes devem estar cientes de seus deveres e responsabilidades. Até mesmo o hábito de ocupar o mesmo lugar deve ser observado. A assiduidade às reuniões é obrigatória, salvo por impedimento devidamente justificado. Em caso de três faltas consecutivas, mesmo justificadas, o freqüentador será suspenso das reuniões. O faltoso não deverá sentir-se melindrado pois, observado pelo plano espiritual, poderá ser reintegrado aos trabalhos.

Participar dessas reuniões é um exercício de devotamento, pela obrigação da estrita observância às normas estabelecidas pelos espíritos amigos.

Há outras exigências igualmente importantes. A carne deve ser abolida, o que para muitos não é fácil. Os espíritos nos disseram que, ao ingerirmos a carne animal, o psiquismo animalizado interfere em nosso perispírito, causando desequilíbrio às materializações. Pelo fato de os presentes contribuírem com parcelas de ectoplasma, a emissão de energias densas do indivíduo carnívoro será absorvida pelo médium, prejudicando-lhe a saúde. Ademais, este tipo de alimento é incompatível com a necessidade de evolução do espírito.

Bebidas alcoólicas e fumo constituem outros grandes adversários das reuniões. O álcool ingerido 24 horas antes dos trabalhos dos espíritos obriga-os ao isolamento do usuário durante a reunião, impedindo-o de contribuir com o fluido ectoplásmico.

O fumo pode alterar as condições psíquicas do médium. Madame D' Espérance, por exemplo, refere-se em seu livro *No país das sombras* ter sido acometida de intensa crise de tosse durante o processo de materialização. Apurou-se que um dos freqüentadores apresentava alto teor de nicotina em seus pulmões. Em conseqüência, a reunião foi interrompida.

O canto e a música suaves são imprescindíveis para se atingir a desejada sintonia vibratória. Os clássicos e semiclássicos são como devaneios para a alma.

Comprovação de Uma Reencarnação

Nos primeiros meses do ano de 1949, a minha relação de amizade com o médium Francisco Cândido Xavier criou forte elo de confiança e proporcionou-me vasto aprendizado da Doutrina dos Espíritos. Sentia-me embevecido com a riqueza do manancial sublime contido na trilogia ciência-filosofia-religião, a nos ligar em linha reta com o Supremo Criador.

Um dia, Chico e eu refletíamos sobre o mundo dos espíritos, quando subitamente ele me revelou:

— Dante, está aqui um espírito que se apresenta em forma de criança. Diz que seu nome é Osíris, ama-o muito, e em várias reencarnações, por séculos e séculos, foi seu filho. Neste momento, está auxiliando-o em sua nova etapa reencarnatória e mais uma vez se unirá a você.

No mesmo ano de 1949, passei a ser um componente do Grupo Irmã Scheilla, que à época se iniciava nas reuniões de materialização.

No mês de setembro, Osíris se manifestou por escrita direta, confirmando a revelação de Chico, quando me deixou quadras poéticas, o que muito me sensibilizou. A entidade espiritual Palminha informou-me que Osíris vinha fazendo poemas há mais de dois mil anos.

Trinta dias depois, Osíris materializou-se em nossa reunião de ectoplasmia. Deixou a cabine do médium e se encaminhou

em minha direção, trazendo a pipeta luminosa. Apoiou as mãozinhas nos meus joelhos e disse-me:

— Papai, estou muito feliz de estar aqui!

— Eu também estou feliz, filho querido – respondi.

Osíris retornou para a cabine deixando-me comovido.

Ao término da reunião encontrei sobre a mesa, em escrita direta, a saudação:

"Ao meu papai, com mil beijos do seu filho. Osíris."

Durante três anos, Osíris se manifestou por escrita direta em nossas reuniões.

Casei-me em 1951. No ano seguinte, nasceu a primogênita. Dois meses após, cessaram as comunicações de Osíris.

Em agosto de 1953, nasceu o nosso segundo filho enriquecendo mais o meu lar.

Antes de completar seis anos de idade ele surpreendeu-me. Encontrei-o fazendo quadras, em sua linguagem infantil, inspirado na bela paisagem que o rodeava.

Aos sete anos, freqüentando a escola elementar, foi rapidamente alfabetizado e o seu estro para a poesia desabrochou. Da suspeita passei à certeza: era Osíris reencarnado...

Com 8 anos de idade esta certeza reafirmou-se. No aniversário do prefeito da cidade fomos convidados para uma solenidade na Câmara Municipal. Meu filho, sabedor de nossa amizade, entregou-me um presente para o aniversariante. Eram folhas de papel contendo várias estrofes em versos alexandrinos feitos por ele.

O prefeito, admirado por terem sido os versos feitos por uma criança, leu-os emocionado para os seus homenageantes.

Hoje, aos quarenta e oito anos, Márcio, o Osíris do passado, ainda produz poemas, tanto satíricos como espiritualizados, estes com maior intensidade.

Considerações Finais

Ao finalizar esta despretensiosa publicação, sinto-me realizado em apresentar aos leitores fatos dos quais participei e que testemunhei durante alguns anos.

Quando me dispus a imprimir esses acontecimentos via-me envolvido pelas entidades amigas e por sentimentos de amor e saudade. Dessa forma, o lápis deslizava célere.

Os processos de materialização dos espíritos mostram-nos a complexidade dos valores mediúnicos, abrangendo o Espiritismo-Ciência.

Já houve o tempo, nos primórdios da Doutrina, em que tais fenômenos condicionavam-se a provar e comprovar a existência dos espíritos, independente do médium, embora excepcionalmente possa ocorrer a materialização do seu perispírito, conforme relatado neste despretensioso trabalho.

O leitor deve ter observado que o objetivo das materializações sucedidas no Grupo da Fraternidade Irmã Scheilla era e continua sendo o da beneficência aos desesperançados pela dor. De outra forma, não teria sentido o trabalho daqueles Seres de Luz.

Empresário da indústria de cerâmica e de pré-moldados para a construção civil, devido à retração desses setores emigrou para os Estados Unidos, em 1988. Por ser filho de cidadão americano – Jerry Labbate – o autor pôde exercer o direito à segunda cidadania. Radicou-se em Boston, Massachussets, e fundou o Grupo Espírita Caminho, Verdade e Vida – o primeiro daquele estado – no qual ainda coopera. Incentivou a criação de outros núcleos nas cidades de Marlboro e Lowell, foi membro do Conselho Espírita Americano e participou, em 1998, do II Congresso Espírita Internacional, em Lisboa.

Este é o seu primeiro livro, cuja mensagem nos ensina que a união fraterna é condição essencial para o bom desempenho da tarefa cristã. As narrativas induzem o leitor a identificar-se como partícipe, interagindo com os espíritos materializados. O livro é valorizado pela transcrição das cartas do querido médium Chico Xavier encorajando o Grupo Irmã Scheilla – um dos pólos pioneiros dos trabalhos de materialização no Brasil – a prosseguir em seus objetivos, o que denota a extrema sensibilidade do seareiro de Jesus.

Yeda Hungria

Este não é um livro sensacionalista, especulativo ou tecnicista. Nada quer provar ou justificar, e nem convencer . Muito menos alardear evidências científicas.

Pretende, tão-somente, relatar os fenômenos ectoplásmicos luminosos e de efeitos físicos, ocorridos em reuniões regulares presenciadas pelo autor, na década de 1940, em Minas Gerais.

Tais fenômenos eram produzidos pelos Espíritos Scheilla, José Grosso, André Luiz, Fritz Schein, Joseph Gleber e outros, e tinham como principal conseqüência a cura ou o alívio dos sofrimentos de enfermos e desesperançados.

São expostos fatos, diálogos, instruções, observações, advertências, curiosidades, o inusitado, o humor dos espíritos...

A linguagem é simples, objetiva, agradável, não científica, de fácil entendimento e enriquecida pela notável sensibilidade do autor.

ISBN 85-902640-1-7

9 788590 264019